CPAD

9 GÁLATAS A FILEMOM

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

R. E. Howard
Willard H. Taylor
John A. Knight
John B. Nielson
Arnold E. Airhart
J. Glenn Gould

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

GÁLATAS A FILEMOM

9

CPAD

A Primeira e a Segunda Epístolas aos TESSALONICENSES

Arnold E. Airhart

Introdução

A. Cidade de Tessalônica

Por mais de dois mil anos, Tessalônica (ver Mapa 1; o nome atual é Salônica) manteve posição de importância como centro de influência grega. Foi fundada em 315 a.C. pelo rei macedônio, Cassandro, que deu à cidade o nome de sua esposa, Tessalônica, irmã de Alexandre, o Grande. No período romano, foi feita capital política e, em 42 a.C., recebeu a condição legal de "cidade livre", por ter tomado o partido de Antônio e Otávio na segunda guerra civil. Como cidade livre, nomeava seus próprios magistrados, chamados "politarcas" (At 17.6, BJ).

Tessalônica localizava-se na via Egnácia, a grande estrada que unia o Ocidente e o Oriente. Possuía um porto famoso, que, nos dias de Paulo, era ponto estratégico e convergente de cultura e comércio, centro importante e próspero. Cícero disse que ela estava "situada no colo do império".[1] Foi um centro fundamental no comércio mundial, na cultura helenística, no governo romano, na influência judaica e, por conseguinte, na estratégia missionária cristã.

B. Fundação da Igreja

Quando Paulo e seus companheiros saíram do porto de Trôade, navegando pelo mar Egeu, e aportaram na Macedônia, começava a invasão missionária cristã da Europa (At 16.6-12). Deixando Filipos, deduzimos de Atos 17.1 que eles escolheram deliberadamente Tessalônica como centro estratégico no qual fundar uma igreja.[2] A história é narrada em Atos 17.1-10. Paulo pregou na sinagoga por três sábados consecutivos, mas é possível que seu ministério tenha continuado por mais semanas. Bicknell mostra que esta idéia é pressuposta pela atividade comercial de Paulo (1 Ts 2.9), e por ter recebido duas ofertas de Filipos durante esse período (Fp 4.16).[3] Outra evidência relativa à extensão da permanência na cidade encontra-se no número elevado de convertidos proveniente do paganismo (cf. 1 Ts 1.9). O sucesso de Paulo foi tão estupendo que os judeus incrédulos foram "movidos de inveja" e tantas dificuldades causaram, que Paulo e Silas tiveram de sair da cidade "de noite" (At 17.5,10). E deixaram para trás uma igreja forte, testemunhadora e em crescimento (cf. 1 Ts 1).

C. Ocasião da Primeira Carta

De Tessalônica, o grupo foi para Beréia (ver Mapa 1), onde fundaram outra igreja. Nessa cidade ocorreu outra perseguição instigada pelos judeus tessalonicenses. Deixando Timóteo e Silas em Beréia, Paulo viajou para Atenas (At 17.10-15). Por causa de sua crescente preocupação pela igreja tessalonicense, o apóstolo logo enviou Timóteo de volta a Tessalônica para que ele ministrasse e voltasse com notícias (cf. comentários em 1 Ts 3.1,2). Enquanto isso, Paulo foi para Corinto, aonde poucos dias depois chegaram Timóteo e Silas (At 18.5), trazendo as notícias ansiosamente esperadas. O bom relatório sobre o sucesso

contínuo da igreja missionária estratégica levou o sitiado apóstolo a alegrar-se excessivamente (cf. 1 Ts 2.19,20; 3.7-9). Com imenso alívio de espírito e afeto pessoal, ele escreveu 1 Tessalonicenses e a enviou por um mensageiro, cuja identidade desconhecemos.

D. Lugar e Data da Escrita

Fundamentada principalmente em Atos 18.5, junto outros fatos conhecidos, a opinião geral é que a primeira carta foi escrita em Corinto. A permanência de Paulo naquela cidade é um dos pontos fixos na cronologia paulina. Enquanto estava em Corinto, ele foi levado à presença de Gálio, procônsul ou governador da Acaia (At 18.12-17). Inscrições em pedras encontradas em Delfos contêm o nome do imperador Cláudio e do procônsul Gálio, além de uma data: a 26ª aclamação do imperador como regente. Levando em conta que os governadores ficavam no governo apenas por um ou no máximo dois anos, é possível datar que o mandato de Gálio em Corinto começou em julho de 51 d.C. Considerando que Paulo ficou em Corinto por 18 meses (At 18.11), é provável que chegou ali pouco antes de Gálio ser nomeado governador. A narrativa nos leva a presumir que ele escreveu 1 Tessalonicenses não muito tempo depois de chegar a Corinto. Assim, a data aceita da carta é 50, ou possivelmente 51 d.C. Felizmente, esta data serve como espécie de âncora para datar os movimentos de Paulo.

E. Propósito da Primeira Carta

O teor da carta revela nitidamente a informação que Timóteo trouxe da igreja. A carta transborda com expressões de amor e encorajamento. São reações espontâneas do coração de Paulo. Há, todavia, pelo menos quatro questões preocupantes (ver análise ao longo deste comentário). Os oposicionistas maldosamente caluniavam o caráter e ministério de Paulo. Por causa da recente associação dos convertidos com os padrões pagãos, havia certo perigo de frouxidão em assuntos morais; alguns crentes tessalonicenses chegaram a ser tentados. Havia também mal-entendidos sobre o ensino da segunda vinda de Jesus. E havia o crescente problema de desrespeito pela liderança que afetava a disciplina da igreja. Como solução básica, Paulo escreveu perspicazmente sobre a experiência de santidade de coração e o crescimento na graça cristã.

F. Ocasião e Data da Segunda Carta

Silas e Timóteo estavam com Paulo quando ele escreveu a segunda carta (2 Ts 1.1). De acordo com a história em Atos, Corinto é o único lugar conhecido onde os três estavam reunidos antes do retorno de Paulo para a Macedônia.[4] Uma comparação entre as duas cartas confirma a opinião aceita de que a segunda carta também foi escrita em Corinto em curto espaço de tempo (possivelmente algumas semanas) depois da primeira.[5] Pelas referências da carta, é justo presumir que Paulo recebera de Tessalônica uma mensagem verbal ou escrita, imediatamente após a entrega da primeira carta.

G. Propósito da Segunda Carta

Dois dos problemas tratados na primeira carta, degradação moral e difamações contra Paulo, não são mencionados na segunda. É indubitável que a primeira carta causara o efeito desejado nas pessoas envolvidas (cf. 2 Ts 1.3; 3.1-3).

Os equívocos sobre a segunda vinda de Jesus continuaram e tinham avançado. O próprio Paulo era citado por ensinar uma opinião, a qual ele vigorosamente negava (2 Ts 2.1-3). Além disso, o problema disciplinar de pessoas de má conduta (que surgiu provavelmente pelas interpretações errôneas da segunda vinda) ficara pior em vez de melhorar. Paulo escreve para corrigir estes assuntos e, assim, compõe passagens inspiradoras (ver 1.1-10; 2.13-17) para animar os perseguidos e os de pouco ânimo.

H. Autoria das Cartas Tessalonicenses

A autoria paulina da primeira carta é aceita de modo a não levantar dúvidas. É atestada com evidências externas e internas. As evidências externas a favor da autoria paulina da segunda carta são igualmente e até mais fortes que as da primeira.[6] Contudo, certos estudiosos encontram problemas de autoria no teor da carta. As dificuldades têm a ver com supostas diferenças entre as duas cartas no que tange à escatologia e ao tom. O estranho é que outros estudiosos encontram problemas no fato oposto — semelhança grande demais no estilo, o que leva a supor que houve falsificação. A própria carta afirma a autoria de Paulo, e a maioria dos estudiosos opina que não há problemas internos o suficiente para desacreditar a genuinidade da carta.[7]

I. Importância destas Cartas

Fazendo a imagem mental de Paulo ditando a primeira carta em Corinto, Miller escreve: "Teria sido coisa trivial para o espectador comum, mas era um momento cheio de tremenda importância. Hoje, reconhecemos que essa carta é a mais antiga escritura cristã que chegou até nós. Essa carta foi o começo do Novo Testamento".[8]

Escritas apenas 20 anos depois da ressurreição de Cristo, estas cartas revelam um quadro importante da igreja primitiva. A cortina é aberta e vemos os problemas, esperanças, comunhão, disciplina e padrões daquela igreja.

Vemos também sucintamente as grandes doutrinas de Deus, da deidade de Jesus Cristo, do Espírito Santo, da santificação dos crentes e da segunda vinda de Cristo. As duas últimas são particularmente declaradas com muita clareza, mas com economia de palavras. A data das cartas arrasa toda teoria que sustente que foram necessárias gerações para que estas doutrinas do cristianismo evoluíssem.

Um dos aspectos mais intrigantes do estudo das cartas tessalonicenses é que servem de janelas que se abrem para a personalidade de Paulo. É onde ele revela o coração, as esperanças e o ser humano. Discernimentos sobre seus métodos e trabalho como missionário-pastor são recompensas do estudo cuidadoso. O exame atencioso do coração do grande apóstolo não deixa de tornar o leitor uma pessoa melhor.

Esboço

A PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS TESSALONICENSES

I. **Correspondência Pessoal**, 1.1—3.13

A. Endereço e Saudação, 1.1

B. Ação de Graças pelas Vitórias do Evangelho, 1.2-10

1. Evidências dos Valores Cristãos, 1.2,3
2. Sinais de Conversão Genuína, 1.4-10

C. Lembrança que Fortalece, 2.1-16

1. O Caráter do Ministério de Paulo, 2.1-12
2. A Defesa da Mensagem de Paulo, 2.13-16

D. Preocupação pela Firmeza, 2.17—3.13

1. A Preocupação Ocasiona a Missão de Timóteo, 2.17—3.8
2. Oração pelo Estabelecimento em Santidade, 3.9-13

II. **Ensinos Éticos e Doutrinários**, 4.1—5.28

A. Orientações sobre o Andar Cristão Diário, 4.1-12

1. Vida de Obediência e Pureza, 4.1-8
2. Amor Fraternal e Trabalho, 4.9-12

B. A Vinda do Senhor, 4.13—5.11

1. Os que Morreram em Cristo, 4.13-18
2. A Igreja Viva, 5.1-11

C. Exortações à Vida de Santidade, 5.12-24

1. Disciplina Congregacional, 5.12-15
2. Vitória Constante, 5.16-18
3. Discernimento Espiritual, 5.19-22
4. Graça Santificadora, 5.23,24

D. Conclusão e Bênção, 5.25-28

SEÇÃO I

CORRESPONDÊNCIA PESSOAL

1 Tessalonicenses 1.1—3.13

A. ENDEREÇO E SAUDAÇÃO, 1.1

As palavras de abertura **Paulo, e Silvano, e Timóteo, à igreja dos tessalonicenses** mostram que este documento não é um tratado, mas uma carta pessoal. Esta era a maneira convencional de iniciar uma carta no século I: primeiro o nome do remetente, depois o nome do destinatário e em seguida a saudação.

De todas as cartas do Novo Testamento escritas por **Paulo**, só nessas aos tessalonicenses ele se chama simplesmente de **Paulo** sem adicionar "apóstolo" ou outro título. Talvez esta omissão sugira a afabilidade de suas relações com a igreja. Esta idéia está de acordo com o tom íntimo da carta, embora esteja claro que **Paulo** escreveu com plena consciência de sua autoridade (5.27).

Por cortesia aos seus companheiros e por terem participado com ele no ministério tessalonicense, **Paulo** se associa com **Silvano** e **Timóteo** na redação da carta. Indubitavelmente, a associação significa que os outros dois endossam o teor da carta, mas a carta em si é de **Paulo**. Primeiro ocorre o nome de **Paulo**; depois aparece **Silvano**, o mais velho dos outros dois e antigo companheiro de Paulo (At 15.22-41); e por último **Timóteo**, o mais jovem, que se juntara na segunda expedição missionária em jornadas pela Ásia (At 16.1-3). O grande apóstolo se associa sem afetação com seus colegas menores. O evangelho de Cristo não oblitera distinções comuns, quer de nível social, de cargo ou de talento natural. O que faz, pela graça da humildade, é unir todas as categorias em uma associação de amor e trabalho sem designação de condescendência ou servilismo

consciente. **Silvano**, chamado Silas[1] em Atos, também se uniu a Paulo pela mais intensa participação nos sofrimentos comuns de ambos.

Se Paulo tivesse empregado sua forma habitual de escrita, ele teria dito "à igreja em Tessalônica". A forma **à igreja dos tessalonicenses** (1) dirige a atenção à assembléia local dos cristãos e não à sua relação com a igreja universal.

Em Deus, o Pai, e no Senhor Jesus Cristo (1) é expressão descritiva e definitiva da verdadeira igreja. Trata-se de rico conceito do Novo Testamento. Os cristãos estão "em Cristo", relação dinâmica e diária, através da união vital com ele.[2] Esta assembléia local e remota faz parte do corpo universal de Cristo (cf. Rm 12.5). Isto está em nítido contraste com os que estão "em trevas" (5.4) ou "no mundo" (Ef 2.12).

A expressão tem significação trinitária. Depois de uma única preposição **em** (a segunda preposição não ocorre no texto grego [1; note o grifo usado na RC, ***no***]), Paulo naturalmente associa **Deus Pai** e **Senhor Jesus Cristo**, dando a mais alta opinião possível da pessoa de Cristo. **Senhor** é a palavra habitual para referir-se a Jeová na Septuaginta, a tradução grega do Antigo Testamento. Também para os gentios, a palavra transmitia a idéia de divindade. O agrupamento dos nomes **Senhor** com **Jesus** (o nome pessoal e humano) e **Cristo** (Messias, o ungido e ordenado de Deus; o nome oficial) em um título fornece a designação gloriosa de nosso Salvador. A cristologia desta carta, talvez o mais antigo documento neotestamentário, é clara. Desde o início, esta era a fé da igreja.

De certo modo que lhe é distintivo, Paulo combina as formas gregas e hebraicas de saudação: **Graça e paz tenhais** (1). Por leve alteração (de *chairein* para *charis*), a "saudação" grega comum se torna "graça", a palavra cristã de rico significado. **Paz** (*eirene*, hb., *shalom*) significa muito mais que ausência de luta. "É a prosperidade espiritual que desfruta quem recebe o favor divino."[3] A saudação é mais que desejo sincero. É também a promessa implícita da **graça** de Deus, e de sua **paz** através da graça[4] para todos os que crerem.

B. Ação de Graças pelas Vitórias do Evangelho, 1.2-10

A ação de graças de Paulo, **sempre damos graças a Deus por vós todos** (2) é mais que forma educada usada comumente em carta convencional escrita naqueles dias. Ela ilustra a relação afetuosa e pessoal do apóstolo com os seus convertidos, e poreja intenso sentimento, alegria e solicitude. Esta passagem é testemunho vívido da igreja missionária primitiva, mostrando como a força totalmente transformadora do evangelho se comportava em ambiente pagão.

1. *Evidências dos Valores Cristãos* (1.2,3)

Fazendo menção de vós em nossas orações (2) está unido com **lembrando-nos, sem cessar** (3), como se desse a entender que a oração era a atmosfera da vida diária dos líderes cristãos. Sem dúvida que oravam pelos crentes tessalonicenses por nome, e possivelmente nas orações dos três missionários juntos.

Aqui pela primeira vez nas suas cartas, Paulo apresenta a famosa trilogia **fé**, **esperança** e **caridade** ("amor", ACF, AEC, BAB, CH, NTLH, NVI, RA). Em 1 Coríntios 13, onde o amor está sob análise, ele é alistado por último. Aqui, onde a ênfase está mais na volta de Cristo, a **esperança** está na posição culminante (cf. tb. 5.8). Gramaticamente,

porém, não é a famosa trilogia que está em proeminência, mas a **obra** que é a conseqüência da **fé**; o **trabalho** que é a expressão do amor; e a **paciência** ("firmeza", AEC, BV, RA; "resistência") que é produto da **esperança** cristã.

As evidências externas dos valores cristãos interiores e eternos têm de aparecer na vida diária destes convertidos: as atividades transformadas, a labuta amorosa, a resistência sob pressão. Inversamente, a eficácia surpreendente do testemunho (6-10) só pode ser explicada pela efusão de qualidades divinamente implantadas. A verdadeira **fé** se mostra por obras correspondentes; mas meras "boas obras" que não emanem da **fé** carecerão de frutificação espiritual; o amor divinamente implantado fará surgir ações vigorosas de grande custo;[5] motivos menores que estes fracassarão sob prova. A **esperança** cristã manterá os homens firmes sob tensão; o mero idealismo humano esfacela-se sob pressão (cf. Cl 1.4,5; Hb 10.22-24; 1 Pe 1.21,22; Ap 2.2-4).

A **fé** é a resposta pessoal à graça de Deus: confiante, dependente, comprometida com Cristo (cf. Gl 5.6). O termo grego distintamente cristão e sublime para referir-se a amor, *agape*, é a base para a ação cristã (cf. 2 Co 5.14). A **esperança** do Novo Testamento, não o mero sentimento, significa certeza com relação ao que ainda é futuro. Ela ratifica o propósito e a vitória divina, e é inimiga de todas as opiniões fatalistas, cíclicas, evolutivas ou divergentes, que entronizem a força casuísta (cf. Rm 8.24; Hb 6.11-19). Estas supremas virtudes cristãs resultam em *ação*. O cristianismo é mais que contemplação.

A construção sintática grega do versículo 3 é difícil. Em geral, é melhor entender que **diante** ("na presença", BAB, NTLH) **de nosso Deus e Pai** combina com **lembrando-nos**.[6] Temos esta tradução: "Recordando-nos, diante do nosso Deus e Pai, da operosidade da vossa fé" (RA). Pelo visto, também é melhor entender que **em nosso Senhor Jesus Cristo** modifica diretamente apenas **paciência da esperança**. É verdade, claro, que todos os três atributos nomeados estão **em nosso Senhor Jesus Cristo**, assim como a totalidade da vida do cristão é vivida em Jesus Cristo e por meio dele.

2. *Sinais de Conversão Genuína* (1.4-10)

Em linguagem exuberante, Paulo relembra a origem emocionante da igreja tessalonicense. Eles são chamados de **amados irmãos... de Deus** (4). A frase **de Deus** deve ser colocada depois de **irmãos**, e não depois de **é** referindo-se à **eleição** (cf. AEC, BAB, BJ, NVI, RA). A fraternidade cristã é a fraternidade dos filhos **de Deus** que nasceram de novo e estão mutuamente unidos pelo amor e pela vida comum que têm em Cristo. É muito real e forte. Tais pessoas foram e são amadas continuamente por Deus (cf. Rm 8.31-39). "Amados por Deus" (BV) era termo reservado no Antigo Testamento para Israel e pessoas especiais. Em Cristo, todos os homens tomam parte do privilégio.

Acerca dos tessalonicenses cristãos, Paulo confirma: **sabendo... a vossa eleição** (4). É comum este conceito bíblico ser erroneamente interpretado ou torcido. **Eleição** significa escolha, e nas Escrituras os eleitos são aqueles a quem **Deus** escolheu para serem seus filhos e herdeiros da vida eterna. A construção grega (4) denota que o ato de **eleição de Deus** brota do seu amor imutável. Há acordo sobre este ponto entre todos os que aceitam as Escrituras como regra. A divisão surge na questão do método e base da **eleição**. Para um grupo, é a deliberação secreta e eterna **de Deus**, sua escolha soberana de certos indivíduos, ao mesmo tempo em que ele ignora os demais. Mas o único ponto de vista consistente com o teor geral das Escrituras, como também com todas as passagens em questão, é o que ensina que a

eleição é a escolha **de Deus** para a vida, pela graça, de todos os que salvadoramente crêem em Jesus Cristo. O chamado é universal, de forma que ainda que o princípio no qual a escolha é feita seja decretado eternamente, a **eleição** não é arbitrária, mas condicional à aceitação da oferta de misericórdia em Cristo. A escolha é condicional, e, portanto, os eleitos são aqueles que permanecem na fé e perseveram na obediência[7] (cf. 2.13-15; 2 Pe 1.10).

Paulo não hesita em insistir no conhecimento da **eleição** para a salvação pessoal. Tal garantia é promessa das Escrituras. A força da palavra **porque**, que inicia o versículo 5, denota que a **eleição** dos tessalonicenses foi deduzida dos fatos indisputáveis de sua experiência. Eles têm "fé", "amor" e "esperança" (3) em Jesus Cristo? E estas virtudes se mostram em "obra" (3), por exemplo, afastar-se **dos ídolos**; em "trabalho" (3), por exemplo, **servir ao Deus vivo e verdadeiro**; e em "paciência" (3), por exemplo, **esperar dos céus a seu Filho** (cf. 9,10)? O auto-exame minucioso não deve suscitar dúvidas ansiosas, mas combater a falsa confiança na bênção de um dia que é apenas lembrança.

Paulo nos lembra o que James Denney denomina de "os sinais da eleição".[8]

a) *A maneira da chegada do evangelho* (5). Na pregação, os missionários conheceram a sanção do Espírito Santo, dando força espiritual às palavras que diziam e produzindo neles grande confiança e ousadia. O argumento é que a mensagem comprovou sua veracidade por meio de evidências inerentes na própria pregação.

Paulo pode falar de **nosso evangelho** (5; 2.14; 2 Co 4.3; cf. "meu evangelho", Rm 2.16; 16.25). É o evangelho de Deus (2.2,8,9), ou o evangelho de Cristo (3.2). É o evangelho de Paulo no sentido de ter sido experimentado pessoalmente e também de ser administrador de uma incumbência sagrada (2.4). Na pregação primitiva do evangelho, o querigma, havia a salvação pela graça de Deus, proclamada nos profetas, mas agora realizada na morte e ressurreição de Jesus Cristo, o Messias.

Quando a pregação é **somente em palavras** (5), quer dizer, com mero raciocínio ou eloqüência humana, os resultados também são meramente humanos (cf. 1 Co 2.1-5, que fala sobre um período de tempo muito próximo desta carta). O **evangelho** chegou a Tessalônica **também em poder**, uma dinamite espiritual. As palavras **e no Espírito Santo** são explicativas, ou seja, o poder em ação era do **Espírito Santo**. A palavra pregada tem poder, porque é o instrumento do **Espírito Santo** para realizar sua obra de graça, onde quer que ele não seja impedido de fazer. Fazendo um comentário sobre a construção grega, Moffatt observa que a palavra traduzida por **muita certeza** "denota convicção pessoal e confiança inabalável por parte dos pregadores".[9] A trombeta do **evangelho** não soara com som incerto. Deus usou homens em Tessalônica, que já tinham demonstrado suas convicções em Filipos (At 16).

A frase final do versículo 5, **quais fomos entre vós**, sugere que a vida dos pregadores confirmava a mensagem que anunciavam. Este fato fazia contraste com os mestres itinerantes daqueles dias que ganhavam a vida adotando filosofias modernas (cf. 2.1-12).

b) *A manifestação do poder do evangelho* (1.6-10). A evidência do poder do evangelho se manifestava mais objetivamente na mudança, um milagre de transformação que ocorria nas pessoas que ouviam a Palavra. A corrente de evidências tem muitos elos.

Primeiro, **e vós fostes feitos nossos imitadores** (a palavra "mímica" é derivada da mesma raiz grega da palavra traduzida por **imitadores**) **e do Senhor** (6). Conscien-

te de sua integridade, Paulo não hesita em dizer: "Meus irmãos, imitem a mim assim como eu imito a Cristo" (1 Co 11.1, CH; cf. 1 Co 4.16; Ef 5.1). A vida de Cristo deve ser, por assim dizer, reencarnada no exemplo consistente dos seus discípulos. A ordem de palavras — primeiro **nossos** e depois **do Senhor** — é significativa. "Nós [cristãos] somos a única Bíblia que o mundo indiferente lê."

Fator importante nesta imitação é a obediência alegre que prestavam à Palavra, a despeito da oposição severa. Neste caminho, o Salvador passou à frente deles! Foi o que aconteceu com Paulo e Silas em Filipos. Eles haviam sofrido a impetuosidade irascível das multidões, e a perseguição ainda continuava (cf. 2.14; 3.2-4; 2 Ts 1.4).

Recebendo (o termo transmite a idéia de recepção cordial) **a palavra em muita tribulação** (6). A palavra **tribulação** (*thlipsei*, "aflição") denota pressão esmagadora. O verbo cognato era usado para referir-se a esmagar uvas no lagar ou prensa de vinho (cf. Mt 13.21; 24.21; Ap 7.14). A combinação paradoxal de **tribulação** e **gozo** é outra evidência da eleição. Pois essa alegria é proveniente **do Espírito Santo** (Gl 5.22). Não é necessário supor que eles gostassem de sofrer. De qualquer modo, os cristãos, por adotarem uma escala de valores diferente, vêem claramente que seguir a Cristo ocasiona inevitáveis custos e antagonismos. Quando essa realidade é aceita com **gozo**, existe a marca de autenticidade (cf. At 5.41; 1 Pe 4.12-16).

Quem começa como imitador logo se torna exemplo. É o que ocorre com a expansão do evangelho. **De maneira que fostes** (7; lit., "vos tornastes", BAB, BJ, RA; cf. BV, CH, NTLH, NVI) **exemplo** (note que a palavra está no singular, conforme ocorre no original grego). Do termo grego *typos* (**exemplo**) vem a palavra "tipo". De nenhuma outra igreja se diz que se tornou padrão ou igreja-modelo. Que tremendo elogio! A igreja em Tessalônica se tornou "modelo" (BJ, NVI, RA) **para todos os** "crentes" (NVI, RA). A questão envolvida era autenticidade na fé e experiência. Pelo visto, a idéia é que eles tinham recebido o selo de autenticidade para, por sua vez, serem um "tipo" para os outros.[10] Que igrejas-modelos torcidos podem se tornar quem não imita o Senhor, mas edifica conforme suas próprias especificações!

Porque por vós soou a palavra do Senhor (8). O verbo grego traduzido por **soou** está associado com trovão alto, ou com trombeta, ou ainda com reverberações ressonantes.[11] Phillips traduz: "Vocês se tornaram [...] uma espécie de caixa acústica de onde ressoou a palavra do Senhor" (7,8, CH). Se recordarmos as provações de Paulo na Macedônia e sua preocupação aflitiva por esta igreja, entenderemos a extrema satisfação no ministério providencial e estratégico dessa congregação. Sentimos nesta linguagem uma nota de triunfo e até de desafio. As piores circunstâncias não conseguem amordaçar a Palavra do Deus. Servem mais exatamente para amplificar a nota da vitória! Esta igreja-modelo irradia ou ecoa, não a sua palavra, mas a **palavra do Senhor**, "a palavra que Cristo inspira".[12]

A extensão do testemunho ecoou **não somente na Macedônia e Acaia** (8; ver Mapa 1), **mas também em todos os lugares**. Esta última expressão é provavelmente uma hipérbole perdoável. Em 142 a.C., a Grécia fora dividida nestas duas províncias romanas. A Tessalônica comercialmente estratégica situava-se escarranchada no tráfico entre o Ocidente e o Oriente. Barclay observa: "É impossível destacar em demasia a importância da chegada do cristianismo a Tessalônica. Se o cristianismo se estabelecesse em Tessalônica estava sujeito a espalhar-se em direção oeste, ao longo da via Egnácia até conquistar a Ásia inteira,

e em direção leste até tomar de assalto a cidade de Roma. A chegada do cristianismo a Tessalônica foi um dia crucial na feitura do cristianismo em uma religião mundial".[13]

Paulo se alegra que **a vossa fé para com Deus** ("em Deus", BJ, BV, CH, NTLH, NVI) **se espalhou** (8). Nada chama mais atenção para o evangelho ou para a igreja que a conversão transformadora de vida de pecadores para Deus. É pertinente perguntar: "Algo está acontecendo em nossa igreja que faz notícia, porque exige uma explicação mais que humana?" De Tessalônica as notícias foram "fofocadas" pelo tráfego de viajantes até atingir lugares distantes. Esta conseqüência ilustra a combinação feliz de testemunho espontâneo com evangelismo organizado. Paulo acrescenta: **De tal maneira que já dela** (da **palavra do Senhor**) **não temos necessidade de falar coisa alguma**. E no versículo 9, ele diz: **Porque eles mesmos anunciam de nós**. É possível que Paulo tenha obtido essa informação de viajantes que ocorriam estar em Corinto. Vale a pena comentar que Áqüila e Priscila haviam acabado de chegar a Corinto provenientes de Roma (At 18.2). Os viajantes **anunciam** (lit., "continuam noticiando"; cf. BV) as notícias (cf. CH). Os crentes tessalonicenses devem ter ficado surpresos ao saberem dessa descrição acerca deles. Nossa luz brilha muito mais longe do que imaginamos.

Nas palavras **anunciam de** (a respeito de) **nós qual a entrada que tivemos para convosco** (9), a atenção volta a ser focalizada em Paulo e seus companheiros. A implicação é que, visto que a narrativa completa da chegada de Paulo a Tessalônica é de conhecimento público, ficará provado que seus detratores, os judeus adversários, são falsos.

O pensamento dos versículos 5 e 6 é retomado sem rodeios: os sinais da conversão genuína. As palavras **como dos ídolos vos convertestes a Deus, para servir ao Deus vivo e verdadeiro** (9) dão a entender que os convertidos, em sua maioria, foram ganhos diretamente do paganismo. A história em Atos não apresenta este detalhe. "Gregos religiosos" (At 17.4) seriam denominados prosélitos do judaísmo e não idólatras. Alguns manuscritos antigos têm a conjunção "e" entre "gregos" e "religiosos", tornando os "gregos" uma classe separada. Por outro lado, o trabalho de Paulo fora da sinagoga (cf. 2.7-12), sobre o qual Atos nada diz, foi indubitável e suficientemente extensa a ponto de explicar esta declaração[14] do versículo 9.

Certos escritores, entre eles Morris[15] e Ockenga,[16] comentam que Paulo faz três observações ao descrever a conversão dos crentes tessalonicenses: 1) Eles se converteram **dos ídolos** para **Deus**; 2) Depois, serviram **ao Deus vivo e verdadeiro**; 3) E, ao mesmo tempo, esperavam **dos céus a seu Filho**, ou seja, viviam sob a expectativa da vinda de Cristo (9).

A palavra grega traduzida por **vos convertestes** (9) é o termo característico em Atos para aludir à conversão (At 11.21; 14.15; 15.19; 26.18,20). **A Deus** e **dos ídolos** expressam antíteses. A fim de voltar-se para **Deus**, eles têm de dar as costas para os **ídolos**. O significado é mudança radical exterior e interior; mudança de conduta, mas também de pensamento, atitude e vontade. A idéia envolvida diz respeito ao destino. Sem o verdadeiro arrependimento não há a verdadeira conversão. Paulo não compartilhava a atitude de admiração velada de alguns pela cultura pagã. Ele associou os **ídolos** com impureza e demonismo (1 Co 10.14-21; 2 Co 6.16,17; cf. Ap 9.20). Neil declara: "Não tenhamos ilusão sobre o que significava ser pagão [...] para o homem e a mulher comuns, desnorteados por uma multiplicidade de templos e santuários a deuses e deusas inumeráveis, tendo também a astrologia e a demonologia por plano de fundo normal para a

vida. Erotismo era sinônimo de adoração. A conveniência ditava o comportamento. A vida era um empreendimento arriscado com o destino e acabava em extinção".[17] Quando lembramos que os convertidos de Paulo abandonaram a herança do paganismo, por considerarem vã esse sistema que havia impregnado todo o seu estilo de vida, e que o próprio monte Olimpo ficava a apenas uns 80 quilômetros de distância, as palavras injuriosas dos seus perseguidores se justifica: "Estes que têm alvoroçado o mundo" (At 17.6; cf. BV). Mais ainda, a conversão envolvia virar-se para **Deus**, quer dizer, enfrentar a luz da prestação de contas pessoal e moral ao único **Deus**, Criador, Redentor e Juiz. De fato, a palavra tinha entrado "em poder, e no Espírito Santo" (5).

Esse arrependimento resultou positivamente em dois procedimentos: **servir** e **esperar** (com nova esperança). O verbo grego *douleuein* (**servir**) conota rendição total, o serviço (embora de amor) de um escravo. Na expressão **servir ao Deus vivo e verdadeiro** há contraste com os ídolos mortos, falsos e "nada" (Is 40; 1 Co 8.4; 12.2; Gl 4.8). Deus é real à experiência humana. Trench[18] destaca que o termo grego *alethinos* (**verdadeiro**), quando usado com Deus, significa que Deus cumpre não só a promessa da sua boca, mas também "a promessa mais abrangente do seu nome". E conclui: "Seja o que for que esse nome expresse, considerado em seu sentido mais alto, mais profundo, mais largo, tudo segundo aquilo que ele deve ser, *isso* ele é ao máximo" (para inteirar-se de outra aplicação da expressão, note Hb 3.12.)

As palavras **e esperar dos céus a seu Filho** (10) são rememorativas de Tito 2.11-13, epístola escrita muito tempo mais tarde, onde Paulo toca novamente a nota escatológica em forma capsular. Servindo como administrador fiel (cf. Lc 12.36-38) neste mundo, o cristão espera com absoluta convicção a glória do próximo mundo. Sua posição característica é olhando para o manhã. A expressão pressupõe preparação e prontidão (1 Jo 3.3).

O **Filho** de Deus é identificado por **Jesus**, a Pessoa histórica, e também por aquele **a quem ressuscitou dos mortos** (10). A ressurreição, sempre em primeiro plano na pregação apostólica, era a prova suprema da filiação de **Jesus** (Rm 1.4). Aqui também estava a principal argumentação em prol da certeza de julgamento (At 17.31), atestando a derrota de Satanás e a deposição final do mal. Aquele que ascendeu ao céu virá outra vez do céu (ver comentários em 4.16).

No ensino de Paulo, a retribuição divina ocupava relação um tanto quanto complementar à doutrina da graça (cf. Rm 1.16-18; 2.1-11; Ef 5.6-8). A lei moral está fundamentada na natureza de Deus, envolvendo amor da justiça e ódio de toda injustiça. Aqui, a palavra grega traduzida por **ira** (10) é *orge*. Em outras passagens, é usado na expressão "ira de Deus" (cf. Jo 3.36; Cl 3.6). Trench, fazendo um comentário sobre esta palavra, afirma que conota o hábito mental permanente e determinado com o propósito de retribuição, em lugar de mera agitação temporária de sentimento. É o complemento necessário do amor de Deus. "Há a 'ira de Deus' (Mt 3.7; Rm 12.19; etc.) que não amaria o bem, a menos que odiasse o mal, os dois aspectos estando tão inseparáveis, que ou ele tem os dois ou não tem nenhum; a ira também do misericordioso Filho do Homem (Mc 3.5); e a ira que os justos não somente podem, mas por serem justos, têm de sentir."[19]

Trata-se, então, da **ira** pessoal de Deus, não um processo impessoal pelo qual o mal produz calamidade. Nem pode ser divorciado de "sentir" em Deus, sem, ao mesmo tempo, tornar seu amor uma coisa insensível. Mas a **ira** de Deus não tem as falhas que caracterizam a ira dos homens.

É a **ira futura**, o "dia da ira" inevitável e que se aproxima (Rm 2.5; Ap 6.17), em tremendo contraste com o dia atual da paciência da graça. A idéia não se exaure pelas conseqüências diárias, que sempre estão "chegando" por causa do pecado.

É **Jesus, que nos livra** (lit., "quem nos livra", ou "Jesus, nosso Libertador") desta **ira** sobre o pecado. Vincent diz que o verbo grego significa, literalmente, "atrair para si mesmo".[20] **Jesus** está salvando, tirando do perigo, aqueles que estão se entregando, seu passado, presente e futuro, totalmente para ele. Não há dúvida de que a igreja tessalonicense ouvira de Paulo as doutrinas da expiação e justificação pela fé.

C. Lembrança que Fortalece, 2.1-16

Em linguagem afetuosa e pessoal, Paulo se serve com alguns detalhes das lembranças sugeridas no capítulo 1. Seu propósito não é mera reminiscência, mas defesa — defesa justificável do seu ministério pessoal em prol da verdade e da preservação da igreja. Os caluniadores eram, obviamente, judeus fanáticos que, se não podiam golpeá-lo fisicamente, tentavam assassinar-lhe brutalmente o caráter. A oposição não era de dentro, como se deu mais tarde no caso de Corinto, mas de fora da congregação.

1. *O Caráter do Ministério de Paulo* (2.1-12)

Além de ser modelo de defesa, esta passagem é exemplo fascinante de cuidado pastoral verdadeiramente espiritual.

a) *Pureza de motivos* (2.1-8). Deixando o testemunho de estranhos (1.9), Paulo se volta de novo (cf. 1.5) ao testemunho da própria igreja concernente ao seu ministério: **Porque vós mesmos, irmãos, bem sabeis** (1). Depois de tratar de mentiras, difamação e vilipêndio de sua pessoa, Paulo recorre a fatos conhecidos. Ele lhes refresca a memória da vida que viveu entre eles. Eles sabiam que a **entrada** deles **para convosco** ("a visita que lhes fizemos", CH, NVI; cf. BV, NTLH) **não foi vã**. O verbo grego *gegonen* (**foi**) está no tempo perfeito, significando ação completa; pode, então, significar literalmente "não provou ser" **vã** ("infrutífera", RA). Porém, Frame[21] e outros preferem "de mãos vazias", dando a entender o conteúdo e poder da pregação (1.5).

No versículo 2, o argumento de Paulo é que pessoas com motivos vis ou egoístas não teriam, depois da perseguição em Filipos, prosseguido em rota tão perigosa, da qual, obviamente, não obteriam lucros egoístas. Têm de haver motivos sublimes para os crentes continuarem um ministério evangelístico verdadeiro e, portanto, dispendioso.

Nas palavras **mas, havendo primeiro padecido e sido agravados** (2; lit., "tratados insultuosamente", ou "insolentemente", ou "vergonhosamente"; cf. AEC, BJ, BV, CH, NTLH, NVI, RA), Paulo expressa o sofrimento físico e a mágoa profunda das indignidades pessoais suportadas **em Filipos** (cf. At 16). Estas indignidades, inclusive a afronta à cidadania romana, tinham levado Paulo a insistir que os magistrados se desculpassem publicamente (At 16.36-39). Ninguém é mais sutilmente sensível à insolência e injustiça que o homem que se espelha em Cristo. As palavras **como sabeis** podem se referir às marcas da surra nos corpos dos missionários, que ainda eram visíveis quando chegaram a Tessalônica.

Tornamo-nos ousados... para vos falar (2; "tivemos coragem de anunciar-lhes", NVI) é expressão usada por Paulo várias vezes em Atos. Longe de ficarem intimidados pelos acontecimentos, Paulo e seus companheiros pregaram com energia e liberdade. A coragem, Paulo insiste, estava **em nosso Deus**, quer dizer, veio de **Deus** (cf. BV, CH, NTLH), em quem eles viviam. Ao declarar que ele falou **o evangelho de Deus**, Paulo, refutando os judeus, toma a posição de autoridade máxima para sua mensagem, posição que não seria bem expressa para eles por "evangelho de Cristo" (cf. 8,13; 1.5). Na expressão **com grande combate** ("luta", NVI, RA), a palavra grega é *agoni* (da qual vem "agonia"). Robertson diz: "Esta ilustração dos jogos atléticos (*agon*) pode referir-se a combate exterior, como em Filipenses 1.30, ou a ansiedade interior (Cl 2.1). Ele [Paulo] teve ambos os tipos de luta em Tessalônica".[22] Em 1 Timóteo 6.12, a mesma palavra grega é traduzida por "milita" (forma verbal) e "milícia" (forma substantival).

Agora Paulo passa (3) a responder diretamente ao que se consideram acusações difamadoras postas em circulação por inimigos implacáveis em Tessalônica. Seria fácil insinuar que Paulo e seus companheiros não eram melhores que os praticantes de um culto, que iam de um lugar para o outro vendendo suas panacéias enganosas aos crédulos e ingênuos. Havia religiões orientais misteriosas e filosofias pagãs sérias que competiam por público. Será que o cristianismo era só mais um desses sistemas religiosos e filosóficos? Paulo enfrenta o desafio seriamente, pois mentiras repetidas começavam a soar plausíveis, e as sementes da dúvida ruinosa foram plantadas.

Eram três as acusações: **Porque a nossa exortação** (apelo) **não foi com engano, nem com imundícia, nem com fraudulência** (3). **Engano** é, literalmente, "erro" (NVI; cf. NTLH), dando a idéia de que Paulo estava iludindo. **Imundícia** (cf. 4.7; Rm 6.19) levanta a acusação de sensualidade ou impureza sexual, embora Denney[23] perceba que o contexto exija que seja considerada apenas como impureza de motivos (cf. CH, BJ, BV, NTLH, NVI). Porém, a comparação com os ritos imorais dos cultos de mistério de então torna a mentira menos surpreendente. Para a mente pagã, a religião e a moralidade não estavam necessariamente conectadas. Mais tarde, esta difamação contra Paulo iria tornar-se predileta nas perseguições das igrejas. A palavra grega traduzida por **fraudulência** ("fraude", "astúcia", "artifício"; cf. BJ) é derivada de uma palavra grega que significa "pegar com isca" (cf. Ef 4.14).

Movendo-se da negação franca para a resposta positiva (4-6) a estas difamações, Paulo observa o que são provavelmente as tentações mais sutis que o ministro do evangelho tem de vencer. Para quem serve como líder, estas são palavras investigativas.

As acusações no versículo 3 são falsas por três razões dadas no versículo 4: 1) **Mas, como fomos aprovados de** (lit., "por", AEC, BAB, NVI, RA) **Deus**. O tempo perfeito denota prova concluída, significando "permanecer aprovados por Deus". Esta é a resposta à acusação de impureza de motivos ("imundícia"). 2) **Para que o evangelho nos fosse confiado** dá a entender que o **evangelho** se origina em Deus e é deles como incumbência sagrada, portanto, não é ilusão ("engano"). 3) **Assim falamos, não como para agradar aos homens, mas a Deus, que prova o nosso coração** contradiz terminantemente a acusação de que ele usou de astúcia ("fraudulência"). **Fomos aprovados**, que ocorre na primeira frase, e **prova**, na última, são traduções do mesmo verbo grego que significa "pôr à prova", "provar pondo à prova". Paulo está dizendo que Deus, que os pôs à prova e os aprovou, também está continuamente (tempo presente) pondo à

prova o **coração** deles (cf. NTLH). Este exame do **coração** (a vida interior total, inclusive os motivos), este escrutínio constante pela Onisciência, é um grande consolo para aqueles cuja meta é **agradar** a **Deus** e não aos **homens**. Mesmo na melhor das hipóteses, "o homem vê [somente] o que está diante dos olhos"; mas Deus, de quem nada se esconde, "olha para o coração" (1 Sm 16.7).

Não devemos pensar que **agradar aos homens** e **agradar** a **Deus** sejam opostos no sentido de que receber a desaprovação dos **homens** é evidência da aprovação de Deus. Para ganharmos as pessoas a Cristo é necessário que sejamos simpáticos em nossa abordagem. Mas mesmo aqui há a sutileza da tentação de querermos agradar às pessoas. Como é importante sempre estarmos abertos àquele **que prova o nosso coração**! Paulo estava muito preocupado em manter uma boa consciência (cf. At 24.16).

O apóstolo continua defendendo a sinceridade completa dos missionários, desta feita refutando mais três acusações: 1) **Nunca usamos de palavras lisonjeiras** (5). A idéia de lisonja aqui é mais que a tentativa de dar prazer a outra pessoa mediante palavras bonitas (cf. NTLH); significa tentar obter fins egoístas mediante discurso insincero. A expressão repercute as práticas dos retóricos ambulantes daquela época, e de alguns oradores públicos de nossos dias. Também reflete a acusação judaica de que Paulo pregou um evangelho da graça fácil em contraste com o legalismo judaico. **Como bem sabeis** é outro apelo de Paulo aos fatos estabelecidos. 2) **Nem houve um pretexto de avareza** é, literalmente, "pretexto de ganância" (cf. BJ, NVI); ou parafraseando: "um disfarce para encobrir desejos gananciosos" (cf. AEC, RA). Visto que a questão é de motivos, Paulo apela a Deus: **Deus é testemunha** (5). 3) **E não buscamos glória dos homens, nem de vós, nem de outros** (6). A sugestão é de conduta designada a induzir ou extrair elogios, honras ou manifestações de estima das pessoas. Se tais expressões ocorreram, poderiam ser apreciadas de passagem, sem serem aproveitadas como um fim em si mesmas. Não devemos considerar estas palavras como desaprovação de expressões amáveis de estima a quem ministra.

Autopromoção, vantagem egoísta, glorificação de si mesmo — como são sutis estas tentações na vida do trabalhador cristão que é inflamado com a ambição de ganhar almas para Cristo e promover o seu Reino! Mas, como atesta Paulo, "os limpos de coração" estão cientes da pureza de motivos.

Como prova do que acabara de dizer, Paulo lembra os crentes tessalonicenses que os missionários não insistiram em certos direitos, **ainda que podíamos, como apóstolos de Cristo, ser-vos pesados** (6). Repare nestes exemplos de tradução: "Poderíamos ter feito sentir nosso peso" (NEB; cf. CH). Wuest sugere: "Poderíamos ter nos apoiado em nossa dignidade".[24] "Poderíamos ter feito exigências" (RSV; cf. 7, NTLH). Não sabemos se a referência aqui é, de um lado, ao uso de autoridade (cf. CH) ou, de outro, à exigência de sustento temporal ou financeiro (cf. 7, RA). Possivelmente ambas as idéias são válidas, como dão a entender os três versículos seguintes. Contudo, Paulo sempre é cuidadoso em defender o direito dos que pregam o evangelho para "que vivam do evangelho" (1 Co 9.1-15). Se os companheiros de Paulo estão inclusos na designação **apóstolos**, então a palavra grega *apostoloi* foi, indubitavelmente, usada aqui no sentido geral de "os que são enviados", ou seja, emissários, embaixadores ou missionários, em lugar de sua referência mais técnica aos doze.

Contrastando as declarações positivas com as negações precedentes, Paulo afirma: **Antes, fomos brandos**[25] **entre vós** (lit., "no meio de vós"; BJ; cf. BAB, CH), **como a ama que cria seus filhos** (7). Estas são palavras notáveis, vindo de alguém outrora

conhecido por Saulo de Tarso, o perseguidor cruel e implacável. Somente do seu Senhor ele poderia ter recebido e aprendido esta bondade como "nova criatura", alguém realmente "em Cristo" (1 Co 5.17). A referência a **filhos** é, literalmente, "seus próprios filhos" (AEC, BAB), e tem esta leitura: "como a mãe-babá que acaricia (mantém aquecido, cuida com carinho) os próprios filhos" (cf. BJ). Com palavras que soam extravagantes a quem é estranho ao amor de Cristo vemos a profundidade do amor sacrificatório dos missionários pelos convertidos e o alto padrão do cuidado pastoral.

Em grego, **sendo-vos tão afeiçoados** (8) é uma única palavra que ocorre somente aqui no Novo Testamento. Moffatt sugere "tendo saudades de vós", "anelando-vos muito".[26] A tradução de Frame é semelhante: "ansiando ardentemente por vós".[27] **De boa vontade quiséramos comunicar-vos** (lit., "estávamos muito felizes em vos dar" [cf. RA] — não como possibilidade, mas como algo feito), **não somente o evangelho de Deus, mas ainda a nossa própria alma** (8). Afinal de contas, será realmente possível compartilhar o evangelho do amor de Deus sem, ao mesmo tempo, dar a nossa própria vida? Este envolvimento de coração e alma com as pessoas é caro; mas há, para o ganhador de alma, uma maneira mais fácil? O termo **alma** é derivado de *psyche*, palavra grega traduzida de muitas formas: "o eu", "o self", "a pessoa total", "o ser interior", "a vida". O segredo de tudo isso se mostra na expressão **porquanto nos éreis muito queridos** (lit., "porque vós vos tornastes amados por nós"; cf. NVI, RA). Os crentes tessalonicenses se tornaram *agapetoi*, de *agape*, a palavra cristã distintiva para designar este amor divino e altruísta. Não pode haver substituto para esta oferta meiga e repartida por Deus.

b) *Pureza de conduta* (2.9-12). Paulo continua recorrendo afetuosamente à memória dos leitores, fazendo-os lembrar a labuta (9) e as marcas de conduta (10), tanto no que diz respeito ao modo (11) quanto ao assunto (12) da sua exortação. O que acabara de ser dito sobre motivos, agora será apoiado por conduta observável: **Porque bem vos lembrais, irmãos, do nosso trabalho e fadiga** (9). O termo grego *kopon* (**trabalho**) conota o tipo de trabalho; era trabalho duro e cansativo ou esforço custoso (cf. 1.3, "trabalho da caridade [do amor]"). O termo grego *mochthon* (**fadiga**) conota a adversidade, dificuldade ou intensidade da labuta.

De acordo com o costume e ensino judaico, todo menino judeu tinha de aprender uma profissão. Paulo aprendera a fazer tendas (At 18.3) e este era o provável trabalho manual aludido aqui. A expressão **trabalhando noite e dia** (9; não por, mas durante noites e dias) indica provavelmente levantar cedo antes do amanhecer ou trabalhando tarde à noite a fim de ter tempo para o ministério de pregação e ensino. Nós **vos pregamos o evangelho de Deus** (cf. 3.10; 2 Ts 3.8). O propósito deste horário de trabalho doloroso e estrênuo era **para não sermos pesados a nenhum de vós** (9; "a fim de não sermos uma carga para vocês", NTLH; "para não vivermos à custa de nenhum de vós", RA).

Paulo não insistirá em "direitos" (cf. 6 e comentários ali), se isto de alguma forma limitar ou impedir a pregação do **evangelho** (9). É o princípio enunciado em 1 Coríntios 6.12; 9.12; 10.23. Talvez fosse consideração pela pobreza dos convertidos, embora o texto de Atos 17 dê a entender que havia pelo menos alguns tessalonicenses que teriam recursos para ofertar. No mínimo, seu trabalho o colocou num nível comum com os crentes **irmãos** tessalonicenses — fator não pouco importante. Ao mesmo tempo, elevou o traba-

lho comum a um lugar de dignidade cristã, posição que fazia direto contraste com a opinião cultural pagã então em vigor (cf. 2 Ts 3.8-10). Fundamentalmente, porém, Paulo desejava acabar com toda base de ataque à sua pessoa e ao **evangelho** que, por associação, houvesse com os charlatões ambulantes daqueles dias, os quais eram gananciosos e buscavam bens materiais. Sabemos que ele aceitou ofertas da igreja em Filipos, enquanto estava em Tessalônica (Fp 4.16). O ministério tão destacadamente honrado pelo Espírito Santo tinha raízes profundas no princípio ético e no amor sacrificatório.

Uma vez mais, Paulo apela ao que eles sabem (cf. 2.1,9,11): **Vós e Deus sois testemunhas** (10; cf. 1.4,5). É importante que a conduta esteja bem visível diante dos homens, mas só o julgamento de Deus é infalível. Os três advérbios resumem a qualidade da conduta do apóstolo: **Quão santa, justa e irrepreensivelmente nos houvemos para convosco, os que crestes** (10). Há várias palavras gregas traduzidas por "santo". Trench[28] sugere que a palavra grega usada aqui (*hosios*) conota reverência e obediência piedosa às obrigações morais, por considerá-las ordenações perpétuas e provenientes de Deus. Fazendo um comentário sobre a forma adjetival destas palavras (*santo*, *justo* e *irrepreensível*), Frame declara: "O homem é *hosios* quando é dedicado em geral ao serviço de Deus; o homem é *dikaios* quando surge um padrão específico de justiça; e o homem é *amemptos* quando, à luz de determinada norma, é sem repreensão. Todas as três designações são comuns na Septuaginta e denotam a atitude para com Deus e para com os homens; as duas primeiras são positivas, a terceira é negativa".[29]

A frase **os que crestes** (10, "vós, os crentes") é sinônimo de "vós, os cristãos". Não houvera traço de impropriedade ou egoísmo na relação de Paulo com os crentes tessalonicenses, segundo o acusavam seus caluniadores.

Em vez de ser referência à pregação pública, as palavras: **Assim como bem sabeis de que modo vos exortávamos e consolávamos, a cada um de vós** (11), estão falando do modo do ministério pastoral particular dos missionários. A frase no grego com os dois particípios (**exortávamos**, **consolávamos**) não tem um verbo para formar uma oração gramatical completa (em certas versões há três particípios gregos traduzidos no v. 12: NVI, BJ, RA). Talvez, como às vezes acontecia com Paulo, a frase era deixada gramaticalmente inacabada, visto que o pensamento e o sentimento lhe atropelavam as palavras.

Embora a construção gramatical seja difícil, é melhor considerar que as palavras **a cada um de vós** estejam relacionadas somente com "exortado". "Consolado" seria o modo no qual a exortação se aplicava a cada um, conforme exigia a necessidade especial de cada um. Assim, temos esta tradução que fornece o verbo "tratar de": "Tratamos cada um de vós como um pai trata seus filhos, atraindo-vos mediante encorajamentos, bem como por determinações solenes" (NEB).

O primeiro dos particípios gregos, *parakalountes*, **exortávamos** (cf. o substantivo relacionado *parakleton*, "Consolador", Jo 14.16), tem os sentidos de exortar, consolar, encorajar, instruir.[30] O segundo, *paramythoumenoi*, **consolávamos**, também significa falar com a finalidade de persuadir, consolar ou encorajar.[31] Certas traduções têm também um terceiro particípio grego, *martyromenoi*, "dando testemunho" (12, NVI), que transmite a idéia de declarar solenemente, protestar, implorar como em nome de Deus (cf. 12, BJ), exortar enfaticamente.[32]

Mudando da ilustração da mãe com os filhos (7), Paulo declara que ele trocou idéias com seus convertidos **como** faz **o pai a seus filhos** (11). Esta é ilustração favorita de

Paulo (cf. 1 Co 4.14,15), e, sem dúvida, acarreta em afeto, compreensão, interesse, firmeza e disciplina. A expressão **a cada um de vós** transmite, em grego, a idéia clara de atenção individual (cf. "cada um pessoalmente", CH). Uns precisaram de mais reafirmação, alegria e motivação. Outros precisaram de orientação e disciplina paternal, ou até de advertência categórica (cf. 5.14; 2 Tm 4.2).

Com a imagem mental do grande apóstolo tratando com tanto cuidado cada pessoa individualmente temos discernimento importante sobre seu ministério; é realmente um exemplo a seguir. Este é um comentário prático sobre: 1) o interesse de Paulo pelo valor individual de cada pessoa diante de Deus; 2) as pessoas como membros individuais do corpo de Cristo; e 3) o ministério individual do Espírito Santo para cada cristão. O conceito do valor infinito de cada alma passou supremamente pelo evangelho de Jesus Cristo. A idéia era revolucionária para grande parte do mundo de Paulo, mas era mais pertinente que no nosso. Na igreja não há verdadeiro evangelismo ou cuidado pastoral que não siga este exemplo.

A finalidade da exortação era **para que vos conduzísseis** ("para que andásseis", AEC) **dignamente para com Deus, que vos chama** (lit., "está chamando", CH) **para o seu reino e glória** (12). Eis de novo, como vemos com tanta freqüência no Novo Testamento, que a ética cristã está relacionada com a natureza de Deus e dominada pela escatologia cristã (cf. 3.13; 5.23). Os cristãos andam hoje à luz da segura esperança do amanhã. Andar **dignamente** é frase peculiar de Paulo (cf. Ef 4.1; Cl 1.10). A "conduta" da pessoa, segundo uso em muitas passagens, designa seu procedimento ou modo de vida (4.1,12; Rm 6.4; 8.1; Gl 5.16; Ef 2.2).

O uso do tempo presente, "está chamando" (CH) em vez de **chama**,[33] dá a entender que a chamada de Deus para a salvação no sentido de glória final, embora aceita em uma crise de arrependimento e fé, ainda não é um acontecimento definitivo no passado. Da mesma maneira que Deus sempre está chamando, assim os crentes sempre estão aceitando (ver comentários sobre "livra" em 1.10). A urgência externada no versículo 11 não deve ser interpretada como preocupação apenas pela conduta, mas também pela salvação pessoal.

Em certo sentido, o **reino** veio, é uma posse atual; mas em outro sentido, está vindo, é uma herança futura. O **reino** ou reinado de Deus, pela habitação do Espírito Santo e pela economia da graça divina, já está presente no coração dos crentes. Esse reinado existe naqueles que possuem a soberania divina e lhe fazem a vontade. Mas sua consumação e perfeição ainda estão no futuro; ocorrerão na vinda de Cristo. É este aspecto futuro que é acentuado aqui. **Glória** significa esplendor, magnificência, brilho. Frame declara: "O termo grego *doxa* é paralelo a *basileia* e conota não só o esplendor radiante de Deus ou de Cristo (2 Ts 2.14), mas também a majestade de sua perfeição (cf. Sl 96.6; Rm 3.23)".[34]

O versículo 12 sugere "Os Dois Lados da Vida Cristã": 1) O que Deus faz por nós; e 2) o que devemos fazer por Deus. Em amor incomparável ele nos chama, oferecendo graça e **glória**. Que resposta daremos a esta misericórdia infinita? Podemos aceitar sua oferta e pela graça procurar viver uma vida digna de Deus. Não é um paradoxo? A sugestão é tremenda. O conceito total da graça divina tem sua inferência na absoluta indignidade do homem. O advérbio grego *axios* (**dignamente**) significa também "adequadamente".[35] Em Romanos 12.1 e 2 Coríntios 5.14,15, Paulo trata de nossa reação adequada, apropriada ou digna do amor de Deus.

2. *A Defesa da Mensagem de Paulo* (2.13-16)

Continuando o apelo afetuoso à memória dos crentes tessalonicenses, a argumentação deixa de falar do caráter ministerial de Paulo e passa a defender sua mensagem. A essência do apelo paulino nesta seção, que envolve a defesa de sua pregação e o encorajamento dos convertidos, é que a palavra que eles receberam como a própria palavra de Deus estava em operação eficaz apesar das perseguições.

a) *O recebimento da Palavra* (2.13). Ao recordar a recepção tessalonicense do evangelho, Paulo sentia-se constantemente grato a Deus: **Pelo que também damos, sem cessar, graças a Deus**. Alguns estudiosos pensam que a palavra **também**, no sentido de "juntamente convosco", indica que Paulo está se referindo à gratidão dos convertidos, sobre a qual ele ficara sabendo por carta. Contudo, a referência talvez seja mera alusão ao relatório de Timóteo (cf. 2.17—3.8; At 18.3). **Pelo que** diz respeito indubitavelmente à narrativa precedente sobre os trabalhos do apóstolo que, felizmente, não foram em vão. Paulo agradece a Deus incessantemente, **pois, havendo recebido de nós a palavra da pregação de Deus, a recebestes, não como palavra de homens, mas (segundo é, na verdade) como palavra de Deus**. O apóstolo afirma, como já fizera em 1.5 e 2.4, opondo-se às insinuações contrárias, que o seu evangelho é a própria **palavra de Deus** e não mera filosofia **de homens**. A lógica que atesta isto é que essa mensagem **também opera** ("está operando", RA) **em vós, os que crestes** (em vós que estais crendo).

No grego, os verbos traduzidos por **recebido** e **recebestes** (13) não são os mesmos; o primeiro significa uma recepção externa pela mente, ao passo que o segundo significa acolher com aprovação.[36] O significado é que quando os crentes tessalonicenses receberam ou ouviram a palavra de Deus com os ouvidos, eles a aceitaram ou acolheram intimamente no coração.[37] Diferentes daqueles que agem por incredulidade, eles não julgaram que fossem meras palavras **de homens** (cf. Hb 4.2).

É óbvio que Paulo está afirmando ter a unção, se não a inspiração, pela qual Deus fala com autoridade e poder por meio dos seus mensageiros qualificados. Como é importante ouvir esta mensagem corretamente! "Vede, pois", disse Jesus, "como ouvis" (Lc 8.18; como ilustrações deste ponto, cf. At 7.54-57; 10.44). A responsabilidade solene está sobre quem ouve a Palavra de Deus falada por pregadores cheios do Espírito. É tragicamente possível estar tão preocupado com a pessoa do pregador, ou tão imbuído de preconceitos mediante pensamentos orgulhosos e obstinados, que a **palavra** se torna meras palavras.

Por outro lado, como é importante o caráter da pregação! É "com autoridade" ou "como os escribas"? Falando sobre o evangelho, James Denney é irrefutável quando escreve: "Mas ele não nos chega [...] solicitando nossa aprovação; submetendo-se, como um sistema de idéias, ao nosso escrutínio e cortejando aprovação. [O evangelho] fala com autoridade. [...] Seu apelo decisivo é feito à consciência e à vontade; e responder a ele é render a vontade e a consciência a Deus". E falando sobre Paulo, ele continua: "Sua teologia era a suma da verdade divina que ele defendia, e ele *realmente* a pregava — ele não a submetia aos homens como tema para discussão. *Ele a punha acima de discussão.* [...] Ele a promulgava [...] como a palavra de Deus, para a obediência da fé".[38]

A palavra grega traduzida por **opera** (13) é forte. A palavra "energia" é derivada desse termo grego. Transmite a idéia de "pôr em operação".[39] A palavra "está operando" somente naqueles que "estão crendo"; conclui-se que a operação cessa quando a fé cessa. Como diz

Morris: "Não podemos viver hoje no capital espiritual de ontem".[40] A energia da Palavra é liberada pela fé! O próprio Deus está em ação pela sua Palavra (cf. Hb 4.12; 1 Pe 1.23-25).

A operação da Palavra nos crentes se manifesta no fato de sofrerem pela causa de Cristo e no modo em que suportaram o sofrimento (cf. 1.6).

b) *A operosidade da Palavra* (2.14-16). Com as palavras a seguir, é lógico que Paulo quis dar a entender que os crentes tessalonicenses receberam elevada honra: **Porque vós, irmãos** (cf. 1.4), **haveis sido feitos imitadores** (lit.) **das igrejas de Deus que, na Judéia, estão em Jesus Cristo; porquanto também padecestes de vossos próprios concidadãos o mesmo que os judeus lhes fizeram a eles** (14). Sofrer pela causa de Cristo, suportar o inevitável antagonismo e perseguição do mundo, é estar desde o princípio na sucessão santa da verdadeira igreja. Para Paulo, a perseguição é prova de autenticidade (cf. Jo 15.20). Ele identifica as **igrejas** (lit., "assembléias") judaicas como cristãs pelo adendo **que... estão em Cristo**. A alusão aos cristãos judeus (Judéia, ver Mapa 2) é, provavelmente, o fato de terem sido os primeiros a sofrer por Cristo, de serem a parte mais velha da igreja cristã e de terem suportado as provações mais ferrenhas. É evidente que Paulo pensa neles afetuosamente como a igreja-mãe. O sofrimento suportado pelos crentes tessalonicenses é atribuído aos seus **próprios concidadãos**, demonstrando que os gentios foram apanhados na oposição instigada pelos judeus no princípio (cf. At 17.5).

A menção do sofrimento ocasionado pelos judeus desencadeia um "acesso de paixão"[41] em Paulo, condenando a perversidade cruel da nação judaica. É perda de tempo ficarmos desconcertados, se lermos nestes versículos temperamento mau ou índole vingativa. Nem se trata de um momento de mal-humor em discrepância com o sentimento e atitude habituais de Paulo. O que temos aqui é forte denúncia de pecado junto com revelação profética sobre as conseqüências de tais atos. Os pecados dos judeus são catalogados numa série de cinco expressões (no original grego, são frases participiais, estando subentendido o particípio na quarta frase): 1) **Os quais também mataram o Senhor Jesus e os seus próprios profetas**, 2) **e nos têm perseguido**, 3) **e não agradam a Deus**, 4) **e são contrários a todos os homens**, 5) **e nos impedem de pregar aos gentios as palavras da salvação** (15,16).

Embora este enunciado tenha sido escrito levando em conta os recentes sofrimentos de Paulo às mãos dos compatriotas judeus em Tessalônica, Beréia e agora, possivelmente, Corinto, Paulo mostra que esta atitude tem sido a tendência da história nacional judaica. A rejeição dos seus próprios profetas atingiu o clímax terrível na crucificação de Jesus (cf. Mt 23.29-39; Mc 12.1-12). A posição primeira deste ato sugere que a totalidade do catálogo de pecados surge da hostilidade a Jesus Cristo. As palavras **nos têm perseguido** (15) podem ser traduzidas por "nos têm expulsado" (cf. CH) ou "nos têm banido".[42]

O plano de Deus é salvar o mundo por Jesus Cristo, seu Filho. Os judeus o desagradaram, e foram contrários a todos os homens, obstruindo, em toda oportunidade, o programa de Deus para salvar os homens. Nessa petulância ultrajante, exclusividade mesquinha e cegueira acintosa, eles não só recusaram o próprio Cristo, mas tentaram impedir que as boas novas de salvação alcançassem os gentios.

O resultado de tudo isso para os judeus foi **encherem sempre a medida de seus pecados** (16). Paulo está usando a conhecida ilustração do cálice (cf. Is 51.17); aqui é o cálice da iniqüidade. Eles **sempre** (*i.e.*, continuamente) vêm enchendo a medida dos

seus pecados até à borda. O cálice vem enchendo geração após geração; mas agora transbordou. Nada mais pode ser adicionado para tornar o julgamento inevitável; a conseqüência infalível é declarada: **a ira de Deus caiu sobre eles até ao fim** (sobre **ira**, ver comentários em 1.10). **Até ao fim** (*eis telos*) pode ser traduzido por "afinal" (AEC; cf. BV, CH, NTLH), opção tradutória apoiada por Frame[43] e Robertson.[44] A referência, porém, não diz respeito a julgamento presente ou passado, mas a certo clímax depois de um longo processo. A construção verbal grega (*tempo aoristo*) dá a entender a realização profética de julgamento que ainda é futura, mas que já está determinada.

Para avaliar esta passagem corretamente devemos lê-la juntamente com passagens como Romanos 2, Filipenses 3.1-7 ou Romanos 9 a 11. Estas passagens mostram a percepção aguçada que Paulo tinha sobre os privilégios e responsabilidades dos judeus, e o amor profundo que sentia por seus irmãos segundo a carne. Talvez Phillips tenha entendido o âmago do sentido quando traduziu: "Durante todos esses anos estiveram aumentando a lista de seus pecados, e finalmente a ira de Deus caiu sobre eles" (CH).

Exclusividade, mentalidade tacanha, egocentrismo, fanatismo e legalismo na religião não estavam e não estão limitados aos judeus. Estes versículos avisam sobre o alto custo da religião sem amor.

D. Preocupação pela Firmeza, 2.17—3.13

Tendo atiçado as recordações dos convertidos com as lembranças do ministério dos missionários entre eles, com o versículo 17 Paulo passa a falar sobre sua relação com eles desde que ele saiu de Tessalônica. O acontecimento central que se deu depois que o grupo missionário partiu é a visita de retorno de Timóteo e o relatório feito a Paulo.

1. *A Preocupação Ocasiona a Missão de Timóteo* (2.17—3.8)

Nesta carta, que é um clássico sobre a relação afetuosa entre o missionário e seus convertidos (ou entre o pastor e sua congregação), o ápice do sentimento ocorre em 2.17-20. O contexto histórico mudou do período de residência para o período de separação. Mas o contexto psicológico é, em princípio, o mesmo: defesa implícita dos ataques difamadores contra a pessoa e a mensagem dos missionários. O leitor percebe que os atacantes estão dizendo que a ausência permanente de Paulo é prova de que ele pouco se importa com os tessalonicenses; e que depois de tê-los explorado e logrado, agora ele lhes dá não mais que um mero pensamento. Esta interpretação explicará pelo menos as expressões de sentimento muito fortes que ocorrem nos versículos 17 a 20.

a) *A preocupação de Paulo sobre a separação* (2.17,18). **Nós, porém, irmãos, sendo privados** (*aporphanisthentes*, lit., "sendo orfanados [cf. RA] e, assim, privados") **de vós por um momento de tempo, de vista, mas não do coração** (cf. Moffatt, "longe dos olhos, não da mente"; cf. NTLH), **tanto mais procuramos com grande desejo ver o vosso rosto** (17). A palavra grega traduzida por **desejo** denota sentimento forte ou paixão. "Vós fostes arrancados", diz Paulo, "não de nossos corações, mas só de nossa presença. E, embora a separação tenha sido apenas por pouco tempo, nosso afeto por vós é tão grande que estamos cheios de intenso desejo de vos ver face a face outra vez" (paráfrase).

Pelo que bem quisemos, uma e outra vez (de acordo com Frame[45] significa "repetidamente"; cf. BJ, BV), **ir ter convosco, pelo menos eu, Paulo, mas Satanás no-lo impediu** (18). O verbo grego traduzido por **impediu** é derivado de um verbo usado em Gálatas 5.7 e 1 Pedro 3.7. Barclay escreve: "A palavra grega que ele usa (*egkoptein*) é o termo técnico para pôr um bloqueio de estrada calculado a deter uma expedição em marcha. É obra de Satanás colocar obstáculos no caminho dos crentes; é nosso trabalho sobrepujá-los, pois as barricadas foram feitas para serem rodeadas".[46]

Dizer como Satanás impediu o retorno do apóstolo seria exercício de especulação. A Bíblia é clara em ensinar que há um poder pessoal diabólico, maior que os homens, com força para impedir a obra de Deus (cf. Ef 6.11,12). Mas ainda que Satanás possa impedir a ação cristã, ele não consegue vencer o propósito divino para os crentes, como dão a entender os versículos subseqüentes. Repare que Paulo considerou que foi obra de Satanás o fato de a congregação separar-se do encorajamento e instrução do seu pastor.

b) *As altas esperanças de Paulo* (2.19,20). Como o intuito de acabar com qualquer suspeita remanescente de outros crentes terem usurpado o lugar dos tessalonicenses no seu afeto, Paulo conclui com uma explosão de sentimentos: **Porque qual é a nossa esperança, ou gozo, ou coroa de glória?** (19). Aqui, **coroa** não é tradução da palavra grega *diadema*, "coroa de rei", mas de *stephanos*, "a coroa de vitória nos jogos, de valor cívico, de mérito militar, de alegria nupcial, de regozijo festivo, [...] a 'grinalda', de fato, ou a 'guirlanda', [...] mas nunca [...] o emblema e sinal de realeza".[47] É a grinalda de flores premiada ao vencedor (cf. Tg 1.12; Ap 2.10; 3.11). Era o modo de celebrar o triunfo ou a honra; significava alegria, **glória**, exultação (cf. RA). Como se dá em 1.10, Paulo tange a nota escatológica: **Porventura, não o sois vós também diante de nosso Senhor Jesus Cristo em sua vinda?** (19). Ele não está se referindo a mera honra terrena. Ele não está animado pela simples esperança de reunião neste mundo, mas está vivendo à luz do grande dia da volta de **Jesus Cristo**[48] (quanto à expressão **Senhor Jesus Cristo** ver comentários em 1.1).

Paulo usa quatro termos para descrever o que os crentes tessalonicenses significam para ele. No versículo 19, eles são sua **esperança**, **gozo** e **coroa de glória**. Agora, eles são sua **glória** e **gozo** (20). As palavras estão carregadas de emoção e sentimento, mas não são exageros. Certas pessoas colocam a esperança na riqueza, ou na segurança, ou na ambição pessoal. Essas esperanças morrem neste mundo. O apóstolo, com o coração de verdadeiro pastor, tem uma **esperança** melhor, uma que transforma os seus sofrimentos freqüentes. Os objetos de sua **esperança** são os seus amados filhos na fé, apresentados a Cristo como troféus da graça (cf. 2 Co 11.2). O crescimento e o progresso espiritual desses filhos são o que faz o coração do apostolo saltar de alegria (cf. 3 Jo 4). Eles serão as "pedras na sua coroa", a única guirlanda do vencedor que ele deseja. Como a glória do professor está em produzir sábios, assim a glória do cristão está nas almas ganhas (cf. Dn 12.3; Fp 2.16). (Nesta passagem, **glória** significa a honra que a excelência de uma pessoa traz para a outra.) Esta realidade é verdadeira até para Cristo (Jo 17.10). A verdade para todos é que só este investimento nos corações humanos tem significação final. Ainda que Paulo seja claro que seus trabalhos lhe fiquem isentos de mérito no sentido de justificação, ele está absolutamente certo de que seu lugar diante de Cristo ao voltar dependerá da permanência e produtividade do seu trabalho (cf. 1 Co 3.11-15).

À medida que Paulo repassa mentalmente as circunstâncias da visita de Timóteo a Tessalônica e o relatório subseqüente, as meias-vozes da defesa das acusações dos seus inimigos não estão ausentes, mas acham-se submersas na forte nota de preocupação pela igreja quando ela enfrenta oposição severa.

c) *A visita de Timóteo* (3.1,2). Devemos ignorar a divisão capitular aqui, pois não há interrupção de pensamento: **Pelo que, não podendo esperar** ("suportar", AEC, BAB, BJ, NVI, RA; "agüentar", BV, NTLH) **mais, de boa mente quisemos deixar-nos ficar sós em Atenas; e enviamos Timóteo** (1,2). O problema é reconstruir a situação para fazê-la concordar com o registro de Lucas em Atos. Paulo deixara para trás Silas e **Timóteo** em Beréia, e fora escoltado por irmãos até **Atenas** (ver Mapa 1). Ao voltarem para Beréia, esses irmãos levaram o pedido de Paulo para que Silas e **Timóteo** fossem até ele imediatamente a **Atenas** (At 17.14,15). Pelo que deduzimos de Atos 17.16 e 18.5, quando Silas e **Timóteo** chegaram a **Atenas**, Paulo tinha ido para Corinto, visto que estes três se reuniram lá. Lucas omite qualquer menção de **Timóteo** ou Silas estar em **Atenas**. Sua história condensada em Atos era detalhada somente na medida necessária a cumprir o seu propósito.

Embora haja várias possíveis explicações, não há meio de saber com certeza se alguma dessas opções é a correta: (a) Silas e **Timóteo** poderiam ter se unido a Paulo em **Atenas** e de lá serem mandados de novo para a Macedônia: **Timóteo** para Tessalônica, e Silas para Beréia ou outro lugar. (b) Talvez só **Timóteo** tenha sido enviado, enquanto Silas permaneceu com Paulo. Neste caso, os verbos na primeira pessoa do plural (*nós*) que ocorrem no versículo 1 se tornariam um plural genuíno e não um plural editorial ou epistolar.[49] Isto explicaria a omissão do nome de Silas. (c) Paulo pode ter enviado uma mensagem a Beréia contra-ordenando seu pedido inicial e mandando **Timóteo** a Tessalônica com o plano de unir-se a ele depois. Neste caso, **deixar-nos ficar sós em Atenas** significaria "continuar ficando sozinho". Mas nem a opção "b" ou a "c" se ajusta tão bem ao sentido claro das palavras como a opção "a". Se aceitarmos a opção "a", Paulo quis dizer que **Timóteo** se separou dele em **Atenas**, e que ele ficou sem companheiro — ficou sozinho (cf. 2 Tm 4.11,16, cujo texto mostra semelhante dor de sentimento). Como a destacar a privação de Paulo ao enviar **Timóteo** e a importância ligada à missão, o apóstolo diz que **Timóteo** é **nosso irmão, e ministro de Deus, e nosso cooperador no evangelho de Cristo** (2).[50] Embora ele fosse membro mais novo do grupo, há ênfase óbvia à posição e serviço valioso de Timóteo.

d) *O propósito da viagem de Timóteo* (3.2-4). O propósito da missão de Timóteo era **para vos confortar e vos exortar acerca da vossa fé; para que ninguém se comova por estas tribulações** (2,3; "aflições", BV). O verbo grego *sterixai* (**confortar**) transmite a idéia de suporte, esteio (cf. BAB, BJ, NVI). O verbo grego *parakalesai* (**exortar**) conota alguém chamado para o lado a fim de animar, encorajar (cf. BV, CH, NVI). Além deste propósito de fortalecer os crentes, Timóteo também tinha de avisá-los a não se comoverem (o termo gr., às vezes, tem a idéia de iludir) por causa das **tribulações** (quanto a **tribulações** ver comentários em 1.6). Pelo visto, Paulo tinha em mente os perigos duplos do desânimo e do engano.

No que diz respeito às **tribulações**, o apóstolo tem o cuidado de acrescentar: **Porque vós mesmos sabeis que para isto fomos ordenados** (3; lit., "determinados" ou

"destinados", AEC, BJ). Moffatt traduz: "As dificuldades são nosso quinhão, vós bem sabeis disso" (cf. NVI). Era necessário contrapor-se à sugestão satânica (usada por Satanás somente quando se ajusta aos seus desígnios) de que sossego e prosperidade são provas da verdadeira justiça ou religião, e que, inversamente, sofrimentos e dificuldades indicam o desgosto de Deus. Paulo estava premunindo-os para este teste: **Pois, estando ainda convosco, vos predizíamos que havíamos de ser afligidos, como sucedeu, e vós o sabeis** (4). O verbo **vos predizíamos** está no tempo imperfeito, denotando narração ou aviso repetido sobre as dificuldades que naquele momento estavam bem à frente deles. É indubitável que **fomos ordenados** e **havíamos de ser afligidos** têm como sujeito os cristãos em geral e não só os crentes tessalonicenses ou os apóstolos (cf. Mt 5.10; 16.24; Jo 16.33; At 14.22; 2 Tm 3.12; 1 Pe 2.21ss.; 4.12ss.). Os cristãos têm de enfrentar dificuldades, não como um encontro marcado com o destino cego, mas como um fator incluso no plano bom e perfeito de Deus.

O sofrimento cristão não é a conseqüência de um decreto penal divino, mas é o resultado inevitável da santidade em ação em um mundo mau. A cruz de Cristo é uma ofensa e um obstáculo. É uma repreensão intolerável ao orgulho, egoísmo e vontade própria. Para serem autênticos à sua incumbência, os cristãos devem atacar em amor a corrupção e os falsos deuses da sociedade. Com autenticidade muito mais intensa, eles têm de achar o significado de vida, identificando-se com aquele que não pôde deixar de beber o cálice amargo do Getsêmani, e que levou as transgressões do mundo na cruz. Não há sugestão de sofrimento em prol do sofrimento. Não se trata de tortura auto-imposta. Como cristãos, somos destinados ao caráter santo e aos valores eternos; em um mundo como este, também somos destinados à tribulação. Mas não há nada que não tenha sentido em tal sofrimento: em seus propósitos redentores, Deus o usa para a sua glória e para o nosso refinamento espiritual.

e) *Como está sua fé?* (3.5). Para enfatizar o que já dissera nos versículos 1 e 2, Paulo repete: **Portanto** (por causa da perseguição, da preocupação amorosa do apóstolo e da separação forçada), **não podendo eu também esperar mais, mandei-o** (o "eu" é enfático, "eu, de minha parte", e o pronome pessoal neste versículo muda: passa do plural para o singular) **saber da vossa fé, temendo que o tentador vos tentasse, e o nosso trabalho viesse a ser inútil**. Temos esta tradução: "É que eu tinha medo de que o Diabo os tivesse tentado de tal modo, que todo o nosso trabalho tivesse ficado inútil" (NTLH).

Os comentaristas que esposam a doutrina "uma vez salvo, sempre salvo" têm alguns problemas com esta passagem. Segundo argumentam, o que Paulo procurava saber não era se os tessalonicenses tinham crido e se convertido verdadeiramente, ou se tinham experimentado mera mudança espúria e emocional na ocasião em que lhes pregara o evangelho. Mas é óbvio que, baseado em evidência derivada dos acontecimentos citados em 1.4-10, o conhecimento de Paulo da eleição desses crentes era antecedente ao seu temor de que eles não sucumbissem ao tentador (ver esp. comentários em 1.5).

Paulo queria saber se a fé dos crentes tessalonicenses, que no princípio fora genuína, acabara ou não em virtude das provações. Ele tivera êxito em transmitir a confiança subjacente que ele tinha neles, mesmo quando expressa a possibilidade trágica de fracasso espiritual, em cujo caso os labores com eles teriam sido inúteis. O propósito de Satanás era destruir a fé dos convertidos. Deus permite sofrimentos e os usa para forta-

lecer a fé e edificar o caráter santo; Satanás usa os mesmos sofrimentos para desviar do caminho da confiança e obediência. Em nossa provação, a questão permanece em dúvida somente no ponto de nossa escolha e atitude: se aceitamos humildemente ou teimosamente frustramos a graça suficiente de Deus.

f) *As boas notícias de Tessalônica* (3.6-8). As reminiscências que caracterizam a parte inicial desta carta estão chegando ao fim. **Vindo, porém, agora, Timóteo de vós para nós** (6; cf. o sentido correto: "Agora, porém, Timóteo acaba de chegar", NVI; cf. BAB, BV, CH). A carta foi escrita assim que **Timóteo** chegou de sua viagem de retorno. O lugar de reunião era Corinto, para onde Paulo se dirigira proveniente de Atenas, se, como costumeiramente se aceita, considerarmos que Atos 18.5 está narrando o mesmo evento. Embora Paulo não mencione aqui a volta de Silas, este acontecimento é provável porque Silas não estava em Tessalônica, mas em algum outro lugar da Macedônia.

A carta volta a assumir um tom exuberante quando Paulo relembra como as notícias trazidas de **Timóteo** mudaram-lhe a ansiedade em agradecimento jubiloso. Como ocorre com o pastor e sua congregação, ou o professor e seus alunos, ele não conseguira descansar até tomar conhecimento do sucesso e firmeza dos tessalonicenses. A expressão **vindo... de vós para nós** sugere que **Timóteo** se tornara o mensageiro deles para Paulo, e não mero informante daquilo que ele observara.

Paulo se sentia consolado por duas razões. Primeiramente, porque **Timóteo** lhe trouxera **boas novas** (lit., segundo Robertson,[51] "notícias alvissareiras" [BV]) **da vossa fé e caridade** (6; "amor", ACF, AEC, BAB, BV, CH, NTLH, NVI, RA). Estes dois últimos termos resumem para Paulo a vida do cristão em suas relações com Deus e os homens (cf. Gl 5.6). O conceito **fé**, mencionado outra vez no versículo 7, é o termo mais definitivo usado para descrever o cristão. Envolve suas crenças, os valores básicos pelos quais ele vive, suas mais inescrutáveis escolhas, sua compreensão de Deus e das realidades não-vistas, as esperanças que ele aprecia, a base e fonte de sua vida em Cristo e sua firmeza em tudo isso. É a **fé** que distingue o cristão de todos os não-cristãos. E é o amor (*agape*), que é a marca universal de qualidade e legitimidade da genuína **fé** cristã (ver comentários em 1.3). Diz Denney: "Estas duas graças, a fé e o amor, são a alma da vida cristã. São as boas novas para o homem bom ouvir que elas existem em qualquer igreja. São as boas novas para Cristo".[52] A palavra grega traduzida por **boas novas** é a que Paulo reserva para descrever o próprio evangelho. Com isso aferimos a medida de sua alegria.

A segunda razão para a alegria do apóstolo era: **De como sempre tendes boa lembrança de nós, desejando muito ver-nos, como nós também a vós** (6). Os crentes tessalonicenses tinham de Paulo recordações agradáveis. O tempo todo (como dá a entender a construção grega) eles tinham correspondido plenamente seu desejo de vê-los. Este fato tinha significação dupla. Era prova de que permaneciam na fé, pois tivessem eles se desviado no coração ou na vida eles teriam preferido a ausência de Paulo. Mas a alegria que estas notícias deram a Paulo também era algo muito pessoal, como indicam os versículos que se seguem. Significava muito para ele ter um lugar no coração dos seus filhos na fé, e neste ponto vemos algo da grandeza do homem e pastor de almas (cf. 2 Co 6.11; 12.15; Fp 1.7).

A chegada de Timóteo com as **boas novas** fora muito oportuna. **Por esta razão** (por causa das **boas novas**), **irmãos, ficamos consolados acerca de vós** (lit., "animados por causa de vós", cf. CH, NTLH, NVI) **em toda a nossa aflição** (ver comentári-

os em 1.6) **e necessidade** (7; *anagkei*, neste exemplo significa provavelmente privação física[53] ou necessidade física[54]). Atos não declara especificamente a que se refere, embora o registro (At 18.1-18) dê a entender que pouco depois do retorno de Timóteo e Silas, a situação em Corinto ganhou proporções muito sérias (ver vv. 9,10). As pressões em Paulo eram obviamente grandes, e, além disso, ele trabalhava como fabricante de tendas (3). Justamente no momento em que mais precisavam, a chegada de Timóteo lhes deu a confiança e ânimo para evangelizar vigorosamente a grande cidade pagã de Corinto (cf. At 18.5). E esta façanha foi feita, diz Paulo, **pela vossa fé**, quer dizer, pelo relatório de Timóteo concernente à **fé** dos crentes tessalonicenses.

As próximas palavras são extraordinárias e, sem dúvida para alguns, extravagantes: **Porque, agora, vivemos, se estais firmes no Senhor** (8). Paulo tinha sentimento intenso por aqueles a quem ele pregava. Esta declaração indica que seus sentimentos iam das profundezas de angústia não diferente da morte às alturas de alegria e exultação semelhantes à vida da ressurreição. O seu coração, a sua própria vida, estava vinculado ao progresso espiritual dos seus convertidos. Sua vida era totalmente vivida em termos dos outros, e, por conta disso, tinha uma plenitude, riqueza e vitalidade desconhecidas para a maioria dos homens.

Não há que duvidar que semelhante vida plena e generosa com o risco inerente de sofrimento é a exigência básica para o sucesso no trabalho do evangelho. Talvez possamos dizer que este é o preço a ser pago se o pastor hoje deseja ser amado por sua congregação como Paulo foi amado pelos crentes tessalonicenses. Paulo está dizendo que as recentes boas novas lhe foram uma transfusão de vida revigorante. Ele também está dizendo, como expressa a cláusula condicional, que sua vida continua vinculada à firmeza deles.[55] Talvez esta seja antecipação da deficiência que eles apresentavam na fé, fato mencionado no versículo 10.

2. *Oração pelo Estabelecimento em Santidade* (3.9-13)

Os versículos 12 e 13 constituem uma oração por uma graça específica. Ela é prefaciada por uma declaração geral nos versículos 9 a 11 sobre a oração de Paulo pelos crentes tessalonicenses. Cada um esclarece o outro.

a) *Ação de graças pela presente graça* (3.9,10). Na abundância de sua alegria, Paulo reconhece que a expressão apropriada não é autocongratulação pelo sucesso dos convertidos, nem congratulação dos convertidos pela firmeza na fé. A única expressão adequada é gratidão a Deus, por cuja graça exclusiva tudo foi possível. A medida e a própria expressão de gratidão são aqui, como sempre, o verdadeiro critério do correto senso de valores. **Porque que ação de graças poderemos dar a Deus** (9; "como poderemos ser suficientemente gratos a Deus", BV, CH) **por vós** (lit., "no tocante a vós")? Paulo afirma que sua alegria é **por vossa causa diante do nosso Deus** (9); e que **dia e noite** ele está **orando abundantemente** (10). Esta última palavra é um dos advérbios compostos duplos que Paulo tanto gosta de usar: *huperekperissou*. Em grego, não há uma, mas duas preposições prefixadas à palavra **abundantemente**, característica que dá a força de "mais do que fora dos limites".[56]

É significativo observar que a intensidade da alegria de Paulo concernente aos convertidos transborda numa cascata de oração agradecida e fervorosa por eles. A oração

tem duas petições principais: 1) **Para que possamos ver o vosso rosto**, e 2) para que **supramos o que falta à vossa fé** (10). A primeira petição é enunciada no versículo 11, e a segunda, nos versículos 12 e 13. Fazendo um comentário sobre a integridade ética dos intensos sentimentos religiosos de Paulo, Frame[57] afirma que mesmo entusiasmado o apóstolo ainda está ciente das falhas morais dos convertidos. É lógico que estas falhas lhe foram informadas por Timóteo, de forma que a alegria abundante de Paulo, ainda que extravasante, está temperada por preocupação profunda e moral.

b) *Oração por mais graça* (3.10-13). **Supramos** (10) é tradução do verto grego *katartizo*, que significa "tornar *artios*, ou seja, ajustado, perfeito, completo",[58] e, daí, "reparar" (RA), "consertar", como ocorre em Marcos 1.19, ou "pôr em ordem", ou "organizar" (formar), como ocorre em Hebreus 11.3 ("criados"). "Esta palavra [...] significa geralmente [...] 'acertar' diferenças, 'consertar' coisas em mau estado, 'ajustar' arcos, 'preparar' iguarias, etc.; e aqui 'suprir', 'compensar' o que está faltando para completar a fé."[59] A palavra artesão é derivado desta (cf. Ef 4.12: "o aperfeiçoamento dos santos"). Esta palavra *katartizo* e a palavra *husteremata* (traduzida por **o que falta**) denotam imperfeição (cf. CH) ou deficiência (cf. RA; cf. tb. NEB: "reparemos a vossa fé onde esteja insuficiente"; Moffatt: "supramos o que seja defeituoso em vossa fé"; Barclay:[60] "preenchamos as lacunas da vossa fé").

Estas expressões e a oração formam a transição para as instruções éticas que vêem a seguir, as quais têm uma introdução tão diplomática.

Como é comum ocorrer nas suas cartas, Paulo irrompe em oração espontânea e intercessora. O escopo desta oração é empolgante. O desejo de visitar novamente a igreja tessalonicense é entregue ao controle soberano e providencial de Deus (11). A lição ensinada é importante. O desejo humano de estar com os convertidos era nobre e exemplar, mas estava sob disciplina, ou seja, estava subordinado à vontade de Deus, que conhece todas as coisas. Não há como ter certeza se esta oração foi respondida durante a terceira viagem missionária (cf. At 20.1,2) ou mais tarde. Mas Paulo ora pela obra de graça a ser feita nos convertidos (12,13), a qual não é dependente da presença do apóstolo. A obra da graça pela qual ele ora é que eles cresçam em amor (**caridade**, 12) e sejam confirmados **irrepreensíveis em santidade** (13).

Ora, o mesmo nosso Deus e Pai ("o próprio Deus, nosso Pai", BAB, CH, NVI; cf. BV, NTLH), **e nosso Senhor Jesus Cristo,**[61] **encaminhem** (lit., "tornem reta") **a nossa viagem para vós** (11). Temos aqui implicações trinitárias. **Deus... Pai** e o **Senhor Jesus** são colocados lado a lado e endereçados simultaneamente em oração, dando a entender a unidade que há entre eles. Contra a opinião de quem afirma que a igreja desenvolveu gradualmente o conceito da deidade de Jesus, esta é referência doutrinariamente importantíssima por constar em carta antiga como esta aos tessalonicenses (ver comentários em 1.1).

E o Senhor vos aumente e faça crescer em caridade (12; "amor", ACF, AEC, BAB, BJ, BV, CH, NTLH, NVI, RA). Os dois verbos gregos (traduzidos por **aumente** e **faça crescer**) são praticamente sinônimos, de forma que, combinados, dão a idéia de superabundância, de transbordamento em amor de **uns para com os outros e para com todos, como também nós para convosco** (12). O amor divino (*agape*) pelo qual Paulo ora é de expressão progressiva; é ilimitado em suas possibilidades de crescimen-

to. O amor tem de ser expresso mutuamente, mas ser de esfera de ação desinteressada e irrestrita. Paulo testifica que tudo isso é exemplificado em seu amor por eles. A oração é **para confortar o vosso coração** (13; "que ele fortaleça o coração de vocês", NVI), **para que sejais irrepreensíveis** (ver comentários em 2.10) **em santidade diante de nosso Deus e Pai, na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, com todos os seus santos** (13).

A tônica desta oração está na interioridade do caráter pessoal. Dá a entender que o caráter exigido para preparar os crentes tessalonicenses a permanecerem na presença de **Cristo** em sua **vinda** é mais que certa inculpabilidade de comportamento ou serviço externo. A exigência de Deus é uma inculpabilidade no devotamento interior a Deus e pureza moral interior. O **coração**, a personalidade total, interiormente como também exteriormente, deve ser puro **diante** de **Deus**. O padrão não será o julgamento do homem, mas o de Deus. Somente ele conhece a verdadeira qualidade de nosso amor e de nossos motivos.

Esta passagem descreve a maneira na qual esta **santidade** (a santificação total, cf. 5.23,24) é dada como aumento (12), uma infusão abundante do puro amor de Deus que "está derramado em nosso coração pelo Espírito Santo que nos foi dado" (Rm 5.5). É o **Senhor** que **vos** fará **crescer em** amor (12). A **santidade** é um dom da graça de Deus; não é o resultado de esforços humanos, mas é a resposta da fé em Cristo. Considerando que este amor é de Deus, é puro e santo, correspondente à natureza de Deus. Tal amor é "o cumprimento da lei" (Rm 13.10).

Este amor é o instrumento do Espírito para expulsar do coração o que é impuro e incompatível; seu resultado inevitável é a obediência total à vontade de Deus. A "santidade" que ocorre por outro meio que não pelo batismo do amor divino é espúria — santarrona, legalista, inclinada à crítica rigorosa. A verdadeira **santidade** se manifesta em amor **uns** pelos **outros** e por **todos** os homens. O amor divino é "o vínculo da perfeição" (Cl 3.14); é a energia de toda verdadeira santidade. É o meio para a estabilidade espiritual, visto que tudo o mais é passageiro.

Aqui notamos outra vez que a ética cristã é dominada pela esperança cristã, da mesma maneira que está fundamentada na natureza de Deus (quanto à **vinda** [*parousia*] **de nosso Senhor Jesus Cristo**, ver nota 48 referente a 2.19).

Os comentaristas discordam sobre o significado de **santos** (13; *hagioi*). Muitos procuram harmonizar a expressão **todos os seus santos** com o ensino de 4.13-17, e assim interpretam que a palavra significa o povo ressuscitado e glorificado de Deus. Outros opinam que a referência seja a anjos e, em apoio, citam passagens como Mateus 16.27, Marcos 8.38, 2 Tessalonicenses 1.7, Judas 14. Em defesa da primeira interpretação está o fato de que o próprio Paulo nunca usa o termo grego *hagioi* para referir-se a anjos. Há bons argumentos de ambos os lados. Talvez a alusão seja aos dois grupos[62] (Moffatt apóia a RC, quando traduz por: "todos os seus santos"; cf. "todos os que são dele", NTLH; "todos os que lhe pertencem", CH; cf. BV).

McCumber[63] encontra nesta passagem (9-13) "A Oração pela Fé Completa". Ele nota: 1) A definição da falta, 10; 2) A provisão da necessidade, 10,12; 3) A expressão dos resultados, 13.

SEÇÃO II

ENSINOS ÉTICOS E DOUTRINÁRIOS

1 Tessalonicenses 4.1—5.28

Neste ponto, há mudança de tom e de assunto na carta. Paulo passa da ação de graças, da defesa do seu ministério e das reminiscências para as exortações práticas na vida cristã. As cartas paulinas se caracterizam pela conclusão deste modo prático. Nesta seção, o apóstolo está indubitavelmente tratando de assuntos levantados pelo relatório de Timóteo, os quais careciam destas instruções. A seção contém duas passagens sobre a santidade prática (4.1-12 e 5.12-24), que estão separadas por uma passagem sobre doutrina (4.13—5.11). Toda a seção, porém, inclusive a doutrinária, é veementemente prática.

A. ORIENTAÇÕES SOBRE O ANDAR CRISTÃO DIÁRIO, 4.1-12

1. *Vida de Obediência e Pureza* (4.1-8)

Finalmente (lit., "quanto ao mais", NVI) é expressão que marca mudança de assunto. A dupla expressão **vos rogamos e exortamos** (1) indica a enorme seriedade do escritor. O apóstolo não ameaça ou dá ordens a estes cristãos perseguidos. A exortação séria combina com a oração fervorosa que a precede. A graça de Deus tem der ser correspondida pela resposta humana. A solicitação é **no Senhor Jesus**. Estas exigências éticas são resultados da união com Cristo, e estão fundamentadas e inspiradas na autoridade de Cristo. **Assim como recebestes de nós** dá a entender que a instrução ética tinha lugar importante na igreja primitiva. E ainda hoje é indispensável. **Andar** representa a ma-

neira de viver. **Agradar a Deus** sugere que glorificar a Deus e fazer a sua vontade é o cerne da vida cristã. O termo **convém** ressalta que os remidos são pessoas que têm compromissos a cumprir, mas mesmo assim o "jugo é suave" e o "fardo é leve".

Derivado de manuscritos mais antigos e melhores, no lugar de **assim andai** e imediatamente depois de **agradar a Deus** ocorrem as palavras "e efetivamente estais fazendo" (RA; cf. BAB, BJ, CH, NTLH, NVI). Paulo não está insinuando que eles tenham falhado em viver a vida cristã. Na realidade, estas palavras são um elogio discreto. A ênfase está em realizar, ir adiante, fazer progresso mais rápido. Eles têm de continuar a **progredir cada vez mais**. Não há lugar para inatividade na vida cristã. Ficar parado significa de fato desviar-se. Deus não fixa limites para o progresso na graça. O cristão que "dá fruto" é limpo para que produza "mais fruto" (Jo 15.2). A vida tem de se tornar mais progressiva. A vida santificada é a vida que progride e dá fruto.

Paulo tem cuidado em deixar claro (2) que os **mandamentos** ("instruções", BJ, CH, RA; "ensinamentos", NTLH) previamente dados aos convertidos não eram de autoridade própria, mas **pelo Senhor Jesus**. A preposição na frase indica a amplitude total da revelação e autoridade divina através de **Jesus** Cristo (quanto aos **mandamentos**, cf. Jo 14.15,21; 15.7,10,12; 1 Jo 2.4-6; 3.22-24; 5.2,3). A prática da obediência conscienciosa à vontade conhecida de Deus é proposta como o fundamento mínimo para o sucesso e crescimento na vida cristã.

Tendo estabelecido o princípio acima, Paulo passa para a aplicação específica: **Porque esta é a vontade de Deus, a vossa santificação** (3). O termo grego *hagiasmos* (**santificação**) é primariamente o trabalho de tornar santo, separar do pecado para Deus, tornar moralmente puro; mas é também o estado resultante da santidade.[1] Deus deseja, diz o apóstolo, santificar (consagrar para si mesmo e purificar interiormente) estes crentes tessalonicenses (cf. 1.7-9) para que sejam santos.

Claro que esta não é a definição da vontade de Deus, mas a declaração, dentro do contexto, do propósito de Deus para os seus filhos remidos (cf. 1.4; 5.23; cf. tb. Jo 17.19; Ef 5.25-27; Hb 13.12). A **vontade de Deus** pode ser vista como *preceito* (lei ou mandamento inalterável, ao qual os homens têm de se submeter); como *propósito* (sabedoria e amor divino que busca seus objetivos sublimes); como *poder* (eficiência divina que elabora o que foi proposto); e como *promessa* (confiança absoluta no cumprimento do seu propósito).

Da declaração geral do plano de Deus para a vida humana, Paulo passa abruptamente para a aplicação dando um exemplo específico: **Que vos abstenhais da prostituição** (3; "que vos esquiveis de toda depravação sexual", NTA). "O propósito de Deus é torná-los santos, e isso implica um rompimento total com a imoralidade sexual" (CH). Talvez cause surpresa que tal instrução fosse dada a um grupo como os crentes tessalonicenses. Embora não haja indicação de nódoa no caráter deles, semelhante ensino fazia-se necessário entre os que se convertiam do paganismo. Neil declara: "O fato é que uma das barreiras mais difíceis que o convertido pagão tinha de transpor era a atitude cristã concernente ao sexo. Ele fora criado num mundo em que se aceitava habitualmente poligamia, concubinato, homossexualidade e promiscuidade. [...] Muitos dos cultos religiosos eram de caráter francamente sexuais, com ritos fálicos e fornicação sacramental como parte da adoração".[2]

É digno de nota que, junto com outros assuntos pertinentes às práticas pagãs, a fornicação seja mencionada e proibida na diretiva do Concílio de Jerusalém (At 15.29).

A satisfação ilegítima ou imoderada do apetite sensual permanece área de tentação para todos os cristãos saudáveis e normais. Contudo, o cristão não santificado está perigosamente vulnerável a tais atrativos. Em nossos dias, há um paganismo ressurgente com seu entretenimento obsceno, literatura pornográfica, desdenho aos votos matrimoniais, promiscuidade, obsessão global pelo sexo e permissividade geral nas relações sexuais. Em tempos como estes, o ensino do Novo Testamento sobre pureza sexual é desesperadamente necessário, e a experiência neotestamentária da santificação, com sua devoção total à vontade de Deus, é a verdadeira resposta. O código imoral de nosso tempo é promovido e tolerado por filosofias entrincheiradas, como o naturalismo e o evolucionismo. É preciso a dinamite do evangelho para despedaçar estes extraordinários refúgios da depravação.

Logo em seguida à aplicação negativa do ensino sobre **santificação** (3), Paulo levanta duas questões específicas (4-6). O problema do versículo 4 gira em torno do termo grego *skeuos* (**vaso**), que significa literalmente "utensílio" ou "ferramenta". É lógico que aqui Paulo usa o termo metaforicamente. Quanto ao significado, os intérpretes e comentaristas, de ontem e de hoje, dividem-se entre "esposa" e "corpo". A favor de "esposa" estão os usos paralelos na literatura rabínica que poderiam ter influenciado Paulo. Visto que o extenso apelo a todos os usos literários paralelos da palavra é muito inconcluso, talvez a questão devesse ser decidida com base na escolha da palavra que melhor se ajuste ao contexto. Neste ponto ambos os lados também apresentam fortes argumentações sobre quesitos gramaticais e o que faz o melhor sentido. A solução gira em torno do significado do infinitivo grego *ktosthai*, traduzido por **possuir**. Por exemplo, Robertson diz que significa "adquirir", "obter", mas não "possuir".[3] Neste caso, pensar em **vaso** como "corpo" seria incongruente. Moffatt fez esta tradução: "Aprenda a tomar uma esposa para si" ("saiba tomar uma esposa para si", RSV). João Wesley apoiava "esposa", como apoiavam Weymouth e muitos outros. William Barclay[4] traduziu assim: "Que cada um de vós saiba possuir [controlar, administrar] o seu próprio corpo" (cf. NVI). Phillips fez esta versão: "Cada um deve aprender a controlar seu corpo" (CH; cf. "cada um de vós tem de aprender a ganhar domínio sobre o seu corpo", NEB).

Na opinião de Neil[5] e Morris,[6] o significado é "corpo", visto que pensar em uma esposa como **vaso** degradaria e não elevaria o casamento, além de estar em desacordo com a passagem e com o espírito de Paulo. Esta interpretação soa mais consistente com uma ética sublime. Em defesa da opção "corpo", temos um precedente em 2 Coríntios 4.7. Se considerarmos que a expressão é idiomática e que **vaso** não transmite conotação degradante, então a objeção à opção "esposa" seria em grande parte eliminada.[7]

Os pontos em análise aqui são a pureza sexual, o domínio próprio e a autodisciplina, consideradas sob a ótica das características da vida santificada. **Em santificação** significa em completa consagração do corpo e espírito, em pureza interior das paixões depravadas. Em **honra** dá a entender a resultante reverência para o corpo, em vez de estar em prostituição de suas faculdades e apetites. Estes são elevados como meios para a pureza e o cumprimento da **vontade de Deus** (3). A relação matrimonial e todas as relações entre os sexos têm de estar em **honra**. Reverência ou **honra** ao corpo é um conceito particularmente cristão (quanto à **honra**, cf. Cl 2.23; 2 Tm 2.20,21; 1 Pe 3.7).

Agora Paulo fala do oposto do que acabou de ensinar, fazendo um contraste elucidativo. **Não na paixão de concupiscência** (5; "paixão de desejos desenfreados",

NVI) está em contraste direto com **em santificação e honra**. A santidade cristã resgata o casamento do nível degradante dos **gentios** ("os pagãos", BV, CH, NVI), que consideravam o corpo como "vítima de algum forte desejo lascivo" (CH). Os **gentios** agem assim, porque são estranhos à santa lei de Deus revelada. Todo avivamento de santidade será acompanhado ou precedido pelo respeito à lei moral revelada.

Paulo agora acrescenta a terceira das três orações coordenadas que ampliam a idéia de: **Esta é a vontade de Deus, a vossa santificação** (3). A primeira oração coordenada é: **Que vos abstenhais da prostituição** (3); a segunda, começa com **que cada um de vós** (4); a terceira oração coordenada é: **Ninguém oprima** ("prejudique", NTLH, NVI) **ou engane** ("explore", CH) **a seu irmão em negócio algum** (6). "*No* assunto" (ASV; grifo meu) é tradução mais exata (cf. "neste assunto", BV, NVI; cf. NTLH; "nesta matéria", AEC, RA; cf. BJ). A tradução **negócio algum** dá margem para a inclusão da conduta em geral, ao passo que a tradução exata indica o "assunto" ou "matéria" em discussão, isto é, a imoralidade sexual.

Vários intérpretes influentes opinam que *pragma* ("assunto", BV, NTLH, NVI; ou "matéria", AEC, BJ, RA) aqui deve ser considerado como **negócio**. Esta interpretação dá a entender que Paulo deixa de lado a questão da conduta sexual e passa a analisar o pecado da cobiça, ou em outras palavras, a honestidade nos procedimentos empresariais. Contudo, segundo a maioria dos comentaristas, é preferível pensarmos que o "assunto" ou "matéria" é definido pelo contexto. Em nenhuma parte do Novo Testamento *pragma* tem a conotação de **negócio**.

Todos os tipos de imoralidade e degradação sexual constituem injustiças contra pessoas inocentes que são ou serão envolvidas. E tais ações não são o único interesse dos parceiros imediatos no pecado.

a) *Deus vinga os injustiçados* (4.6). Tendo elevado grandemente o padrão cristão da pureza pessoal, Paulo reforça o ensino com uma série de sanções solenes. A primeira sanção foi traduzida literalmente: **Porque o Senhor é vingador de todas estas coisas** (6). O **irmão** (qualquer indivíduo) prejudicado pode ter sido enganado, e a sociedade em que tais injustiças ocorrem pode não condená-las ou até as tolere, mas o julgamento de Deus sobre toda a impureza é certo e terrível. Ainda que o ajuste de contas no sentido mais pleno tenha de esperar o julgamento final (e esta é a provável referência primária aqui), há uma indenização cobrada no corpo e na natureza emocional, moral e espiritual daqueles que se viciam na conduta imoral. As leis morais de Deus estão escritas na constituição da natureza humana, e a negligência dessas leis traz consigo uma vingança que, às vezes, é dramática, outras vezes é silenciosa e furtiva, mas sempre é certa (cf. Rm 1.24-32; Gl 6.7,8; Ef 5.5,6).

Para os tessalonicenses, este assunto deve ter sido uma tentação constante, pois Paulo declara: **Como também, antes, vo-lo dissemos e testificamos** (lit., "e afirmamos solenemente"; cf. "e asseguramos", NVI) a esse respeito.

b) *Deus chama os homens à santidade* (4.7). A segunda sanção contra a impureza é a natureza do chamado divino: **Porque não nos chamou Deus para a imundícia, mas para a santificação** (7). Neste contraste breve e vívido, Paulo expõe toda a amplitude do sublime propósito de Deus para os crentes. Foi nada menos que a santidade, a restau-

ração ao homem da imagem moral de Deus, a área que o pecado destruiu (cf. "Pois Deus não nos chamou não para a impureza, mas sim, para a santidade", BJ). O pensamento volta ao versículo 3 e à "vontade de Deus", a qual aqui está ligada com aquele dia maravilhoso na vida deles, quando Deus em misericórdia e graça os chamou de uma vida de pecado para a comunhão com ele. O chamado foi da iniciativa de Deus; era o amor de Deus em ação. O chamado foi propositado, e o propósito era nada menos que "a mais completa pureza" (CH): a santidade de coração e de vida. Considerando que o chamado é mediado pela pregação do evangelho, a igreja não pode ter outra mensagem que esta. A palavra grega *hagiasmos* (**santificação**) é a mesma que ocorre nos versículos 3 e 4 (ver comentários sobre essa palavra ali). O argumento aqui é que o cristão que fica aquém de uma vida de **santificação** está, primeiramente, negando o propósito divino em salvá-lo.

c) *Não faça pouco caso de Deus* (4.8). Esta sugere a terceira sanção: **Portanto, quem despreza** (lit., "põe de lado" e, por conseguinte, "faz pouco caso", CH) **isto não despreza ao homem, mas, sim, a Deus** (8). O verbo não tem objeto, mas o significado é bastante claro pelo contexto. Negativamente, a referência é às determinações contra a impureza sexual; mas estas, ao longo da passagem, são postas em contraste com o chamado à santificação, e assim, positivamente, a referência é a esse chamado. A exigência ética e espiritual à santificação acha-se, não no ensino de um **homem** (o apóstolo), mas na natureza e vontade de **Deus**.

Esta terceira sanção é reforçada imediatamente pela caracterização especial de Deus: **Que nos**[8] **deu**[9] **também o seu Espírito Santo** (8). Deus habita em seu povo na pessoa do Espírito Santo. Aquele que **despreza** peca não contra uma deidade distante, mas entristece e insulta o Espírito regenerador e santificador de Deus. A ordem incomum das palavras gregas traduzidas por **o seu Espírito Santo**[10] destaca esta verdade. A ênfase em *hagion* (**Santo**) é solene e categórica: "O Espírito dele, o santo".[11] Esta tradução sugere a opção: "Cujo [mesmo] Espírito [que] ele vos dá [é] santo" (NTA). Phillips também entendeu o significado: "Não é por acaso que o Espírito que Deus nos dá é chamado o Espírito *Santo*" (CH, o grifo consta originalmente na versão; a BV também grifa a palavra *Santo*).

A fonte da nova vida do crente é o Espírito Santo, e nisto vemos a incompatibilidade absoluta de uma vida de impureza e pecado com a vida em Cristo. A santificação não só é da vontade de Deus, mas o próprio Espírito Santo, que está em ação na vida do crente, é a fonte da verdadeira santificação. A obra peculiar do Espírito Santo é santificar. Se o ministério do Espírito não for repelido (cf. 5.19), mas amorosamente recebido, ele infalivelmente levará à santificação total de toda a pessoa (cf. 5.23,24).

A mensagem dos oito versículos antecedentes é particularmente necessária nesses dias. Para salvar nossa casa e nossa nação da ruína ameaçadora, a igreja tem de erguer bem alto o padrão da pureza moral, encontrada apenas pela graça santificadora de Deus em Cristo.

2. *Amor Fraternal e Trabalho* (4.9-12)

a) *Amor fraternal* (4.9,10). Com as palavras **quanto** ("no tocante", RA), **porém, à caridade** ("ao amor", ACF, AEC, BAB, CH, RA) **fraternal** (9), Paulo passa a lidar com

outro assunto que estava causando dificuldades na igreja tessalonicense. Com sua diplomacia habitual, ele começa de maneira cortês (9,10) para, em seguida, passar à exortação (10b-12).

No grego clássico, o amor **fraternal** (*philadelphia*) é o amor de irmão por nascimento, mas no Novo Testamento significa sempre amor do irmão em Cristo.[12] Os cristãos são **instruídos por Deus** com esta ordem: **Que vos ameis uns aos outros** (9). O **ameis** desta segunda expressão é tradução de *agape*. Este ensino não é instrução externa, mas a implantação interna de amor feita pelo Espírito Santo, cujo ministério foi mencionado no versículo precedente (cf. 1 Jo 3.14-18; 4.7,20; 5.1,2).

A igreja cristã causava admiração na sociedade insensível e pagã dos dias de Paulo, que só exclamava: "Vejam como eles amam uns aos outros!" O mesmo deve ocorrer hoje em dia. Pelo fato de o amor dos irmãos cristãos ser prova do novo nascimento, Paulo sugere que ele não precisa instruí-los formalmente sobre este assunto. Não apenas isso, mas a expressão externa deste amor não estava ausente (10a). A referência a **irmãos... por toda a Macedônia** (10) indica comunhão afetuosa e ações de prestimosidade amorosa. Estas atitudes refletem a preocupação que havia uns pelos outros durante a perseguição, que sem dúvida caracterizava estes cristãos de cidade grande em relação a outras congregações interioranas, bem como aos viajantes cristãos (cf. 1.3; 3.6). Nestas atividades recomendáveis, Paulo deseja: Que **continueis a progredir cada vez mais** (10; "que façam ainda mais", NTLH; ver comentários sobre expressão igual em 4.1). Estas são reminiscências da oração em 3.12. Onde *agape* cresce, *philadelphia* também crescerá.

b) *Uma vida de trabalho* (4.11,12). Que condição na igreja teria induzido Paulo a escrever a tripla exortação um tanto quanto fora de lugar do versículo 11? Certos intérpretes conjeturam que era o problema revelado com alguns detalhes em 2 Tessalonicenses 3.6-15, o qual estava começando a despontar. Talvez também haja indícios nesta carta em 5.12-15,19,20. A suposição mais aceita — embora não haja provas — é que a expectativa do retorno iminente do Senhor causara uma fermentação nervosa em algumas pessoas. A inatividade produzira inquietação entre os que haviam abandonado o emprego regular, e esta situação comercial gerava, por sua vez, pessoas ociosas e intrometidas.

Seja qual for o motivo, Paulo está ressaltando a verdade de que o amor fraternal e o trabalho honesto vão de mãos dadas como provas cristãs. A avidez de comoção religiosa que produz grande sensação é hoje característica de alguns intrometidos ociosos na igreja. Mas a verdadeira fé produzirá tranqüilidade de espírito; o zelo apropriado motivará a cooperação e não a intromissão; e a devoção genuína dará significado e dignidade ao trabalho cotidiano.

E procureis viver quietos (11) declara certo paradoxo. É literalmente "sejais ambiciosos em ser tranqüilos" (cf. BV). "Esforcem-se para ter uma vida tranqüila" (NVI; cf. BAB, RA), que é o oposto de almejar ser proeminentemente visto e ouvido. É provável que **procureis... tratar dos vossos próprios negócios** (11; "estejais ocupados com as vossas próprias coisas") transmita o sentido de: "Vá cuidar da sua vida", ou seja, "não se intrometa na vida das pessoas". Não **trabalhar com vossas próprias mãos** (11) pode ter sido a origem do problema. Denney observa:

> Se não pudermos ser santos no trabalho, não vale a pena o esforço de sermos santos em outras áreas. [...] Talvez alguns de nós almejemos ter mais tempo livre para exercer o trabalho espiritual; e pensamos que por ter mais tempo, faremos muitos serviços a Cristo e sua causa, os quais estão fora de nossa alçada atualmente. Mas isso é extremamente duvidoso. A experiência mostra que nada é pior para a maioria das pessoas do que não ter nada a fazer, exceto dedicar-se a atividades religiosas. [...] A faina da vida diária [...] não nos priva da vida cristã; na verdade, ela nos põe ao nosso alcance.[13]

Paulo cita duas considerações importantes (12), as quais recomendam com insistência este tipo de vida para os cristãos. A primeira é **que andeis honestamente para com os** ("que inspireis o respeito dos", NEB) **que estão de fora** (os não-cristãos). Diz Barclay: "Quando nós, cristãos, provamos que nosso cristianismo nos faz trabalhadores melhores, amigos mais verdadeiros, homens e mulheres mais amáveis, então, e só então, estamos realmente pregando. O fator importante não são palavras, mas ações, não oratória, mas vida".[14] O cristão mais humilde tem a oportunidade de refletir honra na causa de Cristo pelo desempenho consistente e fiel dos seus deveres, e nada pode compensar o descrédito sofrido pelo fracasso em não agir assim.

A segunda consideração é que **não necessiteis de coisa alguma** (12). Gramaticalmente, esta expressão pode ser traduzida corretamente por "não necessiteis de nada" ou "não necessiteis de ninguém" (cf. BJ, NTLH, NVI). Em qualquer um dos fraseados o significado básico é o mesmo (cf. BV). Os preguiçosos não devem depender da caridade dos outros. O amor fraternal torna as pessoas solícitas quanto às necessidades dos pobres ou desgraçados, mas o cristão não deve ser um parasita ou papa-jantares. Certa independência razoável em tais assuntos é uma virtude cristã.

As complexidades econômicas de nosso tempo, as condições variáveis em todos os tipos de emprego e os problemas que envolvem seguro social colocam este ensino em contexto bem diferente do que vigorava no século I. Estas virtudes cristãs ainda são as mesmas e os princípios subjacentes são, por esforço consciencioso, aplicáveis à vida cristã moderna. A obra do Reino avança hoje pela vida das pessoas que procuram viver quietas, obedientes e amorosas em suas tarefas cotidianas, que servem pela causa de Jesus, que fazem o que podem com as mãos.

B. A Vinda do Senhor, 4.13—5.11

É evidente pelas alusões à segunda vinda de Cristo nesta carta (1.10; 2.19; 3.13; 5.23), que Paulo já havia pregado esta doutrina aos crentes tessalonicenses. Este fato está de acordo com o que conhecemos da pregação apostólica, na qual a segunda vinda do Senhor era uma verdade integrante. A *parousia* fazia parte do evangelho, as boas novas. É óbvio que surgiram problemas, os quais exigiram instruções mais detalhadas sobre este assunto, instruções que não foram dadas durante o tempo da fundação da igreja. A análise de duas destas questões na primeira carta (4.13-18; 5.1-11) e a continuação da análise na segunda carta dão a estas epístolas um sabor distintamente escatológico.

1. *Os que Morreram em Cristo* (4.13-18)

Os cristãos tessalonicenses, tão recentemente convertidos do paganismo, estavam tremendamente preocupados (cf. 4.13,18). Tendo o Senhor ainda não vindo e alguns deles morrido, a pergunta lógica era: O que será dos mortos cristãos na vinda do Senhor? Eles perderão a glória ou o seu Reino e reinado?

Não é necessário defendermos que estes cristãos fundamentaram a crença cristã de que não morreriam antes de Cristo voltar. Aqueles que argumentam que o próprio Paulo foi o primeiro a acreditar que não morreria antes de Cristo voltar e que depois mudou de idéia também estão interpretando erroneamente a expressão da esperança cristã nas cartas de Paulo. A iminência da segunda vinda de Cristo era característica da fé dos crentes regenerados em todos os períodos da história da igreja. O mesmo ocorre hoje. Fazia parte do próprio ensino de Jesus (Mt 24.36-44; Lc 12.35-40).

O conceito da iminência, corretamente entendido, não exige imediação, e não é aniquilado, porque o Senhor "está demorando muito para voltar" (Mt 24.48, NTLH). Não foi nenhum pouco surpreendente que pessoas boas torcessem ou formassem opinião equivocada sobre essa esperança. Se a ardente expectação dos convertidos tessalonicenses soa estranha para os leitores hodiernos, não seria este um comentário sobre a falta de intensidade de nossa própria esperança? Além disso, seria muito improvável que os crentes tessalonicenses fossem completamente ignorantes da doutrina da ressurreição dos mortos. Não há a mínima indicação de que eles a negassem como ocorreu pouco depois em Corinto (cf. 1 Co 15.12). Tudo que precisamos para discernir o coração dilacerado destes cristãos consternados é imaginar que lhes faltava entendimento e, por conseguinte, havia a incerteza com relação aos seus familiares e amigos que, na ocasião da volta de Cristo, já estavam falecidos.

O propósito de Paulo é instruir e consolar os cristãos quanto ao problema que surgira tão naturalmente. Esta não é descrição detalhada do segundo advento. Contudo é a primeira e, na realidade, a única declaração totalmente explícita no Novo Testamento sobre o arrebatamento dos santos. As outras passagens em questão dependem em um grau ou outro da interpretação desta. Paulo conforta os corações preocupados com a instrução de que os cristãos falecidos terão parte plena no Reino próximo. De nenhuma maneira eles estão em desvantagem quando comparados com a igreja viva. Todos os crentes, vivos e mortos, estão "em Cristo", e nada pode separá-los do amor e propósito de Cristo para eles (cf. Rm 8.38,39). A relação dos crentes com Cristo transcende o tempo e é mais forte que a morte. Esta doutrina gloriosa tem sido inspiração para os cristãos no decorrer dos séculos.

a) *A atitude cristã para com a morte* (4.13). Paulo usa a expressão **não quero, porém, irmãos, que sejais ignorantes** (13) e outras semelhantes quando vai tratar de assuntos de grande importância (cf. Rm 11.25; 1 Co 10.1; 12.1). Ele usa uma expressão suave e eufêmica para aludir aos mortos: **Acerca dos que já dormem** (13). O tempo presente também dá a entender "os que estão [de tempos em tempos] dormindo". Considerando que esta linguagem figurativa referente à morte é comum no judaísmo e entre os escritores gregos pagãos que não tinham o conceito de ressurreição, é impossível propor qualquer significação doutrinária baseada nessa terminologia. As idéias que a expressão eufêmica sugere, como a morte sem medo ou agui-

lhão (cf. 1 Co 15.55-57), o descanso e o despertamento futuro do corpo, estão bem à vontade na fé cristã. Não há justificativa para a noção de "sono da alma".

Paulo escreve aos cristãos: **Para que não vos entristeçais** ("vos aflijais", RSV) **como os demais** (cf. "os que estão de fora" no v. 12) **que não têm esperança** (13). Frame opina que a comparação serve de antítese, e que Paulo não está indicando a maneira ou grau de tristeza, mas que os cristãos não devem se entristecer quanto aos que morreram em Cristo.[15] Sendo assim, teríamos de entender que "entristecer-se" ou "afligir-se" significa tristeza ou aflição interior contínua. A absoluta desesperança do pagão comum diante da morte (embora certos pensadores tivessem chegado a um conceito de imortalidade) é identificada atualmente nas expressões dos agnósticos modernos. A esperança cristã, em nítido contraste, envolve a confiança em Deus (cf. Ef 2.12), o estado "com Cristo" (Fp 1.23; cf. 2 Co 5.8) e a ressurreição do corpo.

b) *Fundamentos da esperança cristã* (4.14,15). Em seguida, Paulo apresenta dois argumentos relativos ao destino dos que morreram em Cristo; ambos explicam e consolam. O primeiro argumento (14) é subjetivo, cuja base é a fé na ressurreição de Cristo. O segundo argumento (15) é objetivo, pois se trata de uma revelação do Senhor. Este segundo argumento continua nos versículos 16 e 17.

A ressurreição de **Jesus** (o nome humano de nosso Senhor liga sua humanidade com a nossa), artigo de fé fundamental na crença cristã (cf. 1 Co 15.17-19), garantia a esperança cristã. Note que **Jesus morreu**, ou seja, ele passou pelo horror da morte horror sem qualquer influência atenuante, ao passo que o texto diz que os crentes **dormem**. **Porque, se cremos** ("visto que cremos" é como o NTA e a BV interpretam a importância da conjunção condicional **se**) **que Jesus morreu e ressuscitou**, então temos de concluir que **assim também aos que em Jesus**[16] **dormem Deus os tornará a trazer com ele** (14). O argumento está comprimido e subentendido. Para expressá-lo inteiramente, devemos fornecer palavras. Cristo está vivo para sempre na glória não vista; os mortos cristãos estão nele e participando ativamente com ele; não podem, portanto, perder a *parousia*, visto que Deus os trará com Cristo quando este voltar (cf. 3.13).

A **palavra do Senhor** (15) é o outro argumento de Paulo. Talvez signifique um ensino de Jesus que não foi registrado nos Evangelhos, ou se trate de uma revelação de Cristo dada diretamente a Paulo sobre este assunto. Seja como for, é na autoridade de Cristo que Paulo ensina que os que estiverem vivos na ocasião da vinda de Cristo não terão vantagem sobre os mortos cristãos. Paulo naturalmente se associa quando diz: **Nós, os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor** (cf. 1 Co 15.51). Da mesma maneira que em 1 Coríntios 6.14 e 2 Coríntios 4.14 ele naturalmente se associa com os que serão ressuscitados dos mortos. O conceito importante da segunda vinda é a iminência, e não devemos ler mais que isso na passagem. Paulo viveu em expectativa ininterrupta da volta do Senhor, como deve viver todo cristão. Dizer que ele afirmou dogmaticamente que estaria vivo na ocasião da volta do Senhor é outra coisa, sem chance de ser fundamentado em seus escritos. Notamos a força do negativo **não precederemos os que dormem** nesta versão: "De forma alguma iremos antes dos que já dormem" (BAB; cf. CH; quanto a *parousia*, ver nota 48 referente a 2.19 e comentários de Ralph Earle no CBB, vol. 6, p. 215 colocar a página certa.)

c) *A aparição de nosso Senhor* (4.16-18). **Porque o mesmo Senhor** (16; cf. "este mesmo Jesus", At 1.11, NVI), não um anjo, mas aquele a quem eles amam e servem, aquele que conhece os que lhe pertencem (2 Tm 2.19), **descerá do céu** (cf. Jo 14.1-3). Certos expositores supõem que os três fenômenos auxiliares, o **alarido**, a **voz** e o **trombeta**, são três expressões da uma mesma coisa;[17] mas podemos reputar que cada um tem um significado distinto. O **alarido** ("grito de comando", NTLH; cf. CH, RA) é palavra usada no grego para denotar o brado do comandante aos seus soldados em combate, o grito do cocheiro aos seus cavalos, ou o comando do mestre de um navio aos seus remadores.[18] É uma convocação superior e autorizada, que empolga e estimula. Fala aqui de Cristo como Vencedor (cf. Jo 5.25-29). No único outro lugar da Bíblia que menciona **arcanjo** (Jd 9), a referência é a Miguel. Nas Escrituras, a **trombeta** ("som da trombeta", AEC, BJ, NTLH; cf. BV, CH) **de Deus** (cf. 1 Co 15.52) acompanha caracteristicamente e denota a importância, solenidade ou majestade de grandes ocasiões religiosas (cf. Êx 19.16,19; Jl 2.1; Ap 1.10). Não há nada nesta passagem que apóie a idéia de arrebatamento secreto.

Com o grito de comando, dado talvez pelo **arcanjo, os que morreram em Cristo** serão chamados da sepultura e **ressuscitarão primeiro**. A pequena frase **os que morreram em Cristo** apresenta de modo brilhante e conciso uma verdade preciosa: não é que em vida eles *estavam* **em Cristo**, mas que na morte eles *estão* **em Cristo** e com **Cristo**. A declaração **ressuscitarão primeiro** tem relação direta com o subseqüente ato de apanhar de supetão os que estiverem **vivos** (17), e não diz respeito a uma segunda ressurreição dos demais mortos sobre os quais nada é dito. Paulo trata da doutrina da ressurreição com alguns detalhes em 1 Coríntios 15.

Enquanto o **Senhor** desce, os crentes sobem para **encontrar o Senhor nos ares** (17). Só nos resta a entender que, no mesmo ato súbito pelo qual os mortos em Cristo serão ressuscitados, **os que ficarmos vivos** (ver comentários em 15) **seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens** (17). Os que estiverem vivos não têm vantagem sobre os que estiverem mortos. **Seremos arrebatados** é tradução do verbo grego *harpazo*, que quer dizer "apoderar-se, reivindicar avidamente para si mesmo, arrebatar, apanhar, agarrar e levar a toda velocidade, capturar, pegar de surpresa".[19] Disto derivamos o termo "arrebatamento". Haverá uma reunião feliz com os amados falecidos e ressuscitados; os que estiverem vivos serão **arrebatados juntamente com eles**. Para realizar isto, o corpo dos que estiverem vivos terá de ser transformado (cf. Rm 8.23; 1 Co 15.50-53; Fp 3.21).

As **nuvens** e os **ares** significam a atmosfera inferior sobre a terra. Talvez haja sinal de conquista nas expressões, visto que Paulo diz que os **ares** são o domínio de Satanás (Ef 2.2), e outros textos falam que as **nuvens** estão associadas com a volta do Senhor em poder (Dn 7.13; Mt 24.30).

A declaração conclusiva de Paulo nos leva a entender que o quesito realmente importante acerca de tudo isso é a verdade gloriosa de que "estaremos para sempre com o Senhor" (BJ, BAB, RA). Afinal de contas, é isto que torna o céu significativo para o cristão. É esta sua meta (cf. Fp 3.7-14). A passagem contém muito pouco para satisfazer a mera curiosidade. Paulo nada fala sobre uma seqüência detalhada dos acontecimentos, o destino dos incrédulos, o estado intermediário e o julgamento.

A cortina do futuro foi aberta e vimos o suficiente para fazer nosso coração pular de esperança e alegria. O triunfo final para o cristão é certo por Cristo. Que palavra para

estes dias sombrios! Paulo exorta que o ensino seja posto em uso prático e amoroso (não em uso especulativo): **Portanto, consolai-vos uns aos outros com estas palavras** (18; cf. 2.11; 3.2; o verbo grego traduzido por **consolai-vos** também tem o significado de "animai-vos" [cf. CH, NTLH] ou "fortalecei-vos").

Identificamos nesta passagem algo da imagem apocalíptica do Antigo Testamento. Na descrição de evento tão indescritível é útil o uso de símbolos, mas devemos prestar atenção ao aviso de Barclay sobre um "literalismo cru e insensível",[20] pelo menos no que tange a detalhes que envolvem os sentidos físicos. Por outro lado, temos de resistir, como golpe fatal na esperança cristã, a todo ponto de vista que torne esta passagem uma composição mitológica do Novo Testamento. Há mais que o mero simbolismo de uma "escatologia realizada", ainda que muito se diga para ensinar a verdade "espiritual". A menos que a linguagem seja falsa, os eventos descritos são prometidos literalmente no tempo e, assim, necessariamente no espaço. Não podemos nos consolar com uma mitologia mais do que podemos nos aquecer diante de uma pintura de fogueira. Estamos certos, porque esta é "a palavra do Senhor" (15).

Alexander Maclaren encontra nesta passagem o tema "Pequenos Deveres e a Grande Esperança": 1) O dever do amor cristão, 9,10; 2) O dever do trabalho cotidiano, 11,12; 3) O Senhor que desce e os santos que sobem, 11-18.

2. *A Igreja Viva* (5.1-11)

Embora exista uma seqüência natural do pensamento de 4.13-18 para 5.1-11, há mudança de ênfase. O pensamento é tirado da preocupação dos leitores sobre os que morreram em Cristo e passa para a incerteza deles sobre sua preparação para a vinda de Cristo. Os cristãos tendem a ter duas falsas atitudes concernentes à segunda vinda: uma é a preocupação inquieta e especulativa com sinais e datas; a outra é a absorção ativa nos assuntos mundanos a ponto de excluir a esperança.

O antídoto de Paulo para ambas as tendências é resumido sob o tema "Preparação para a Segunda Vinda de Cristo": 1) A imprevisão da vinda de Cristo, 1-3; 2) Ânimo e certeza para os preocupados, 4,5,9-11; 3) A responsabilidade pessoal e moral dos que esperam a volta de Cristo, 6-8.

a) *O tempo desconhecido* (5.1-3). A frase **acerca dos tempos e das estações** (1; "épocas", AEC, CH, NVI, RA) introduz a pergunta recorrente dos curiosos e ansiosos: Quando é que Jesus vem? E em que ponto da história ocorrerá a vinda de Jesus? (cf. At 1.7). O termo grego *chronos* (**tempos**) conota duração, ao passo que *kairos* (**estações**) conota um período adequado. Hendriksen traduz assim: "Os períodos de duração e as estações apropriadas".[21] Sobre essa questão, Paulo diz: **Não necessitais de que se vos escreva** (1), sem dúvida por causa de instrução previamente dada. A lembrança é feita, não obstante, como cura para a inquietude dos inquietos (cf. 4.11). **Porque vós mesmos sabeis muito bem** (2; *akribos* significa "exatamente", "perfeitamente", BJ, NVI, ou "com precisão", RA) **que o Dia do Senhor virá** (lit., "está vindo"; cf. RA) **como o ladrão de noite** (2).

Não há como analisarmos adequadamente a expressão o **Dia do Senhor** (2) em poucas palavras. Para os judeus, era expressão familiar com um significado bastante fixo. É tema freqüente dos profetas veterotestamentários, em cujos escritos é um dia

catastrófico de julgamento dos inimigos de Deus, libertação para o povo de Deus, defesa final da justiça de Deus e começo de uma nova era de paz justa. É o tempo entre o presente século mau e a próxima era de ouro. No Novo Testamento, é "o Dia", "aquele Dia", "o Dia de Cristo" ou **o Dia do Senhor**. O conceito do Antigo Testamento é transportado para o Novo e enriquecido. Em geral, diríamos que no Novo Testamento é um período de tempo (não um dia solar) de duração não declarada, que começa com a volta de Cristo, ou pelo menos perto do tempo da sua vinda, e termina com a consumação final de todas as coisas (os novos céus e a nova terra). Encerra em seu escopo eventos como a grande tribulação, a ressurreição, o julgamento e o reinado de Cristo na terra. Entender **o Dia do Senhor** varia um pouco de acordo com as teorias do milênio e outras questões escatológicas. Mas há acordo geral de que é o Dia de Deus em contraste com o dia de rebelião do homem. É **o Dia** da justiça em contraste com a **noite** do pecado. Trata-se de um dia de terríveis alternativas: o dia do juízo dos pecadores, o dia da glória dos santos.

O Dia... virá como o ladrão de noite (2; cf. Mt 24.36; Lc 12.39; 21.34), que nunca anuncia suas intenções e arranca dos incautos todos os seus tesouros.

Pois que, quando (o mundo, os incrédulos) **disserem: Há paz e segurança** (3; cf. Mt 24.37-39; 25.5) são palavras que lembram Jeremias 6.14. Temos esta tradução: "Enquanto eles estiverem falando de paz e segurança" (NEB). A idéia é de falsa segurança, possivelmente quanto a sentimentos e circunstâncias, ou seja, na esfera interior e exterior. A **repentina destruição** (3) dos incrédulos não significa aniquilação. Tem, mais exatamente, a idéia de ruína,[22] e ocorre de novo em 2 Tessalonicenses 1.9 ("repentina perdição"), onde significa separação final de Deus. O símile oriental familiar, **como as dores de parto** ("contrações de parto", NASB) **àquela que está grávida** (3), transmite a idéia da inevitabilidade ou irrevogabilidade de julgamento, ou simplesmente de sua subitaneidade. Morris favorece a última opção,[23] e certo comentarista fala que os incrédulos estão "grávidos de sua própria ruína".[24] Frame confina a idéia à subitaneidade.[25] Paulo sugere seu próprio significado: **De modo nenhum escaparão** (3). Não há terceira alternativa na questão; ou é destruição com os incrédulos ou glória com Cristo.

Como sugere a ilustração do **ladrão de noite** (2), Paulo se serve das metáforas contrastantes entre luz e trevas, dia e noite, vigilância e sono, sobriedade e embriaguez (4-8) para ensinar lições espirituais. Estas ilustrações são viradas de diversos modos para expor mais de uma faceta, mas, de modo geral, indicam os que são salvos e os que estão perdidos (cf. Ef 5.8; Cl 1.13).

b) *Incentivo e certeza* (5.4,5). Os **irmãos** tessalonicenses não estão **em trevas** (4). A referência é provavelmente à ignorância da verdade bem como à depravação moral e espiritual (cf. 2 Co 6.14). Como cristãos esclarecidos e espiritualmente transformados por Cristo (cf. Jo 8.12), a vinda do "Dia de Cristo" não os surpreenderá (**vos surpreenda**; ou "vos apanhe de surpresa", RA; cf. CH) **como um ladrão**.[26]

Os que **não** são **da noite** (5), e, portanto, estão na **luz**, são **filhos da luz e filhos do dia**. Esta expressão bem oriental sugere que a natureza redimida tem certa afinidade com a **luz** (cf. "filhos deste mundo", Lc 16.8). Em compensação, os não-cristãos são **da noite** e **das trevas**, e implicitamente filhos destas. Eles têm afinidade pelas **trevas** e se escondem da **luz** (Jo 3.19-21). Os crentes tessalonicenses, diz Paulo, são **todos** eles **filhos da luz**. A exortação que vem a seguir não é para os desviados, mas para os cristãos,

a fim de incentivá-los a sustentar esta relação através da vigilância contínua. Como cristãos, eles pertencem a um futuro Reino de **luz**, onde as **trevas** para sempre serão banidas. Ainda que esse dia não tenha chegado, eles já estão andando na **luz** hoje. Os que andam com Cristo na **luz** não estarão despreparados quando ele voltar no Dia do Senhor. É lógico que ser filho da **luz** implica em obediência sincera à verdade junto com a confiança em Cristo (cf. Jo 12.36; 1 Jo 1.6,7).

c) *Exortação à vigilância* (5.6-8). Ao iniciar o trecho exortativo, Paulo usa diplomaticamente os verbos na primeira pessoa do plural. **Não durmamos, pois** ("assim, pois, não durmamos", RA), **como os demais** (cf. 4.13), **mas vigiemos** ("fiquemos acordados", CH) **e sejamos sóbrios** (6). Todos estes três termos são usados metaforicamente, e foram depreendidos pelas outras metáforas da passagem. *Dormir* (**durmamos**) indica ser indiferente ou indolente. Em Efésios 5.14, em contexto semelhante, conota morte espiritual. *Vigiar* (**vigiemos**) sugere estar de olhos abertos, estar de prontidão alerta. *Ser sóbrio* (**sejamos sóbrios**) tem o sentido de "calmo e de espírito sereno, controlado, imparcial, circunspeto".[27] Juntos, os termos dão a entender que ser filho da luz é mais que ter um relacionamento formal; tem de existir uma relação ética com a luz (note em 3.13 a exigência ética de estarmos preparados para a vinda de Cristo).

A dormência (6, **durmamos**), que indica indiferença negligente para com a volta de Cristo, e a embriaguez (7), que indica comportamento irresponsável, festança, prazer sensual, são características da **noite** e das trevas.

Exatamente como fez em Romanos 13.12, aqui Paulo faz a transição das ilustrações acima para a ilustração da armadura (8). Ele falou sobre vigilância e sobriedade, e isto acarreta em defesa contra os ardis do diabo (Ef 6.11) e o poder das trevas (Cl 1.13). Há os adversários malignos e poderosos (Ef 6.12). Aqui é mencionada somente a armadura defensiva: **Vestindo-nos** ("tendo-nos vestido", NASB) **da couraça da fé e da caridade** ("do amor", ACF, AEC, BAB, BV, NVI, RA) **e tendo por capacete a esperança da salvação** (cf. Is 59.17; Ef 6.13ss., onde há discrepâncias na descrição da armadura).

Uma vez mais Paulo apresenta sua famosa tríade de virtudes (**esperança**, **fé** e amor [**caridade**], ver comentários em 1.3). A **esperança** é mencionada novamente por último, como convém ao tom escatológico da passagem. Esta armadura nos é fornecida por Deus (cf. Ef 6.13), mas deve ser apropriada por nós — **vestindo-nos** — com nossa obediência ativa. As virtudes cristãs são dádivas de Deus através do ministério do Espírito Santo. O crente vive pela **fé**, por confiança ativa e em dependência de Cristo. É uma **fé** que trabalha pelo amor (Gl 5.6), o princípio que regula a conduta total do crente. Ele é salvo pela **esperança** (Rm 8.24; cf. BV, CH), e olha para o futuro com segurança (cf. Rm 8.28,31,32). Assim, nas áreas mais vitais e vulneráveis da vida, o crente está protegido completamente.

d) *Mais incentivo* (5.9-11). A base da **esperança** cristã e (no contexto mais amplo da passagem inteira) o antídoto contra a incerteza ansiosa estão no propósito de Deus em chamar os crentes (cf. 4.3,7): **Porque Deus não nos destinou** ("não nos escolheu", BV, CH, NTLH) **para a ira** (ver comentários sobre o termo grego *orge* em 1.10), **mas para a aquisição da salvação, por nosso Senhor Jesus Cristo** (9). A palavra grega traduzida por **aquisição** transmite a idéia de esforço pessoal em ganhar a **salvação** (cf. "para que

alcançássemos sua salvação", CH; cf. AEC, BJ, RA). A frase contém uma tensão interessante entre a idéia do propósito de Deus e a idéia do esforço do homem com respeito à **salvação** (cf. Fp 2.12,13; 2 Ts 2.13ss.). Mas a **salvação** é pela graça sem o mérito humano, visto que é **por nosso Senhor Jesus Cristo**. O próprio esforço, embora de nossa escolha e por livre cooperação com a graça, é possibilitado pela habitação de Cristo (Cl 1.27). O propósito de Deus está em Cristo e é por ele **que morreu por nós** (10) e ressuscitou. Este é o único lugar nas cartas tessalonicenses onde a morte expiatória de Cristo é declarada diretamente, fato que indica que a doutrina era bem conhecida pelos crentes tessalonicenses. Vemos que a morte de Cristo proporcionou a reconciliação e comunhão entre Deus e os homens (cf. Rm 14.9).

Alexander Maclaren faz uma exposição dos versículos 9 e 10 sob o tópico "Vigiar e Dormir". Ele observa: 1) A morte é o fundamento da vida: **Jesus Cristo, que morreu por nós**; 2) A transformação de nossa vida e de nossa morte é afetada com isso: **Quer vigiemos, quer durmamos**; 3) A vida unida de todos os que vivem com Cristo: **Para que... vivamos juntamente com ele**.

As palavras gregas traduzidas por **vigiemos** e **durmamos** (10) são as mesmas traduzidas por "vigiemos" e "durmamos" no versículo 6. A propósito disso, transmitem o significado metafórico de prontidão e, do oposto, indiferença. Entretanto, o contexto requer — e com isso quase todos os comentaristas concordam — que entendamos uma mudança na metáfora, tornando-a semelhante, mas não totalmente igual, a "dormem" que ocorre em 4.14. As palavras agora significam, com referência aos cristãos, aqueles que estão vivos e aqueles que estão mortos.

Nestes versículos (8-10), vemos a **salvação** no aspecto positivo e no aspecto negativo. Considera-se que neste contexto não é tanto o ato regenerador de Deus, mas o cumprimento final do pleno propósito de Deus para o homem. Negativamente, é livramento da **ira**; positivamente, é viver **juntamente com** Cristo, quer dizer, em comunhão pessoal com ele.

Neil vê nos versículos 9 e 10 três razões por que os "filhos da luz" podem encarar com tranqüilidade a volta do Senhor: 1) Deus nos chamou para a sua igreja; 2) Cristo morreu por nós; 3) Cristo vive em nós.[28]

A passagem (5.1-10) é um estudo impressionante sobre contrastes. Os cristãos são diferentes dos outros: 1) Em termos de lealdade, eles não pertencem mais às trevas, mas à luz; 2) Em termos de natureza, eles são os filhos da luz; 3) Em termos de conduta e propósito, eles são vigilantes e sóbrios; 4) Em termos de destino, eles estão destinados não para a ira, mas para a salvação.

As palavras de Paulo ao concluir esta passagem (11) são muito instrutivas para a igreja de hoje. As importantes verdades escatológicas relativas à volta do Senhor, ao céu, ao inferno, e o propósito final de Deus para o seu povo têm de ser meios de encorajamento e edificação da igreja: **Pelo que exortai-vos uns aos outros** ("encorajai uns aos outros", BAB; cf. BV) **e edificai-vos uns aos outros, como também o fazeis** (11). O tempo presente apóia a tradução de Phillips: "Portanto, continuem incentivando e fortalecendo uns aos outros" (CH). Não é verdade que é extremamente comum os crentes analisarem estas verdades apenas por interesse acadêmico? Este mundo nos parece tão eterno. Quando o prospecto do retorno do Senhor for um aspecto prático da vida cotidiana, então este presente mundo — tão fisicamente real, tão aparentemente permanente

— se colocará na perspectiva adequada. Que quadro admirável da comunhão e adoração da igreja esta passagem pinta! Como membros da igreja devemos buscar oportunidades para animar uns aos outros, edificar uns aos outros, de forma que juntos cresçamos em graça e utilidade.

C. Exortações à Vida de Santidade, 5.12-24

Sucedendo a passagem escatológica (4.13—5.11), há um retorno às exortações práticas, ponto deixado por Paulo em 4.12. Naquela passagem (4.1-12), as instruções sobre a vida cotidiana se originam da aplicação na vida da vontade de Deus aos crentes, isto é, a santificação. Nesta passagem, as exortações éticas se edificam uma sobre a outra como os degraus de uma escada que sobe até culminar na oração triunfante de fé pela santificação total dos membros da igreja (23,24). Esta realidade não propõe que o poder que santifica seja a vida ética sublime. O Santificador é **o mesmo Deus de paz** (23). Antes propõe que, no lado humano, uma condição à santificação total é a plena consagração à vida prescrita por estes princípios éticos; e também que só a experiência de ser santificado totalmente proporciona a dinâmica interior para satisfazer estes padrões éticos sublimes, mas atingíveis.

Não há dúvida de que, nos versículos a seguir, Paulo trata, em muitos casos, do que ainda estava faltando na fé dos crentes tessalonicenses (3.10). Sua base de dados são, obviamente, as informações trazidas por Timóteo (cf. 3.6).

1. *Disciplina Congregacional* (5.12-15)

É impossível saber exatamente quais eram as condições que levaram Paulo a fazer este pedido pela disciplina da igreja. Podemos conjecturar que surgira certa tensão entre os preguiçosos (ver comentários em 4.11,12) e a liderança local da igreja. Numa situação que podia levantar os ânimos, caso fosse tratada inadequadamente, Paulo pede com diplomacia: **E rogamo-vos, irmãos** (12; o tratamento é conciliatório), **que reconheçais** ("respeitem", NTLH; "tenham consideração para com", NVI; cf. BJ) **os que trabalham entre vós** ("aqueles que trabalham com tanto afinco entre vocês", CH; cf. BJ). Aqueles **que presidem sobre vós** é, literalmente, "aqueles que estão na frente de vós", ou, como traduz Moffatt, "aqueles que estão presidindo sobre vós". **Trabalham** conota esforço dispendioso (cf. 1.3; 2.9). O cargo que mantinham não era mero ofício honorário. As três expressões (os que **trabalham**, os que **presidem** e os que **admoestam**) se referem a diferentes funções dos líderes e não a três tipos de cargos na igreja. A antiga organização da igreja era relativamente descomplicada (cf. At 14.23). Estes líderes dirigiam a organização, administravam o dinheiro e davam conselhos sobre assuntos espirituais. O treinamento era provavelmente obtido na execução dos trabalhos. A expressão **no Senhor** dá a entender a qualidade espiritual da liderança e motivação pessoal que tinham, como também o tipo e limite da autoridade que exerciam. Desta e de outras passagens obtemos uma idéia de como estas sociedades cristãs eram estritamente organizadas, e vemos o lugar de destaque que suas congregações davam à disciplina espiritual e moral.

Paulo roga primeiramente aos crentes que reconheçam seus líderes (12) de modo a apreciar-lhes o verdadeiro valor. A este, ele acrescenta outro pedido: **E que os tenhais**

em grande estima e amor, por causa da sua obra (13). O advérbio grego traduzido por **em grande estima** é uma expressão forte (cf. "na mais alta estima [possível]", NVI; "em máxima consideração", RA). Também tem de ser uma **estima** "com" (NVI, RA) **amor**. O *agape* não depende de gosto ou desgosto pessoal. Nem esta **estima** deve se basear simplesmente no respeito pelo cargo, mas na verdadeira apreciação da sublime tarefa e trabalho fiel que os líderes desempenham. **Por causa da sua obra** (tradução apoiada por Moffatt) dá a entender que a **estima** é necessária para o sucesso na tarefa de liderança. De qualquer modo, é verdade que a relação de apreciação inteligente, **estima** e **amor** entre a igreja e seus líderes é essencial para a execução da tarefa eclesiástica de evangelismo mundial.

Os líderes da igreja nem sempre são tão qualificados e diplomáticos quanto deveriam; esta, como suspeitamos, era a situação em Tessalônica. Um pouco de compreensão das obrigações de liderança, entremeada com **estima** fundamentada no **amor** cristão, solucionaria a maioria das desinteligências ocasionadas por equívocos e da crítica de tais líderes. Robertson observa: "Necessitamos de liderança sábia hoje em dia, mas muito mais de seguidores sensatos. Um exército de capitães e coronéis nunca ganhou uma batalha".[29]

E Paulo acrescenta: **Tende paz entre vós** (13). A **estima** com **amor** há pouco mencionada iria a ponto de produzir **paz**. Em grego, a expressão **entre vós** conota fortemente que o imperativo era dirigido do mesmo modo aos líderes e aos seguidores. A responsabilidade pelas relações santificadas pesa sobre ambos.

É bastante provável que as três classes denominadas de os **desordeiros**, os **de pouco ânimo** e os **fracos** (14) correspondam aos três grupos tratados na carta. Neste caso, os **desordeiros** seriam os intrometidos cheios de entusiasmo. Os **de pouco ânimo** seriam os que se preocupavam pelos que morreram em Cristo e pela breve volta de Cristo. Os **fracos** seriam os que foram especialmente tentados a entregar-se às práticas imorais.[30]

O fator importante sobre a admoestação de Paulo: **Rogamo-vos também, irmãos** (14), é que a obrigação pesa sobre toda a igreja. Não é só os líderes que devem exortar, advertir, encorajar, apoiar e conter-se de vingança (15). Os membros devem exercer disciplina mútua uns sobre os outros. Temos assim um quadro esplêndido que mostra que os membros da igreja tinham zelo cheio de amor uns pelos outros. Paulo declara estas relações na forma de imperativos nos versículos 14 e 15; a linguagem é um pouco mais forte que nos versículos 12 e 13.

Os **desordeiros** ("insubmissos", AEC, RA; "desordenados", BAB; "indisciplinados", BJ; "rebeldes", CH; "preguiçosos", NTLH; "ociosos", NVI; "vadios", Moffatt[31]) devem ser repreendidos. O substantivo grego tem formação militar, designando os que deixam as fileiras. Os irmãos não devem discutir os erros dos outros pelas costas, mas falar com eles em amor. Os **de pouco ânimo** (a palavra grega sugere lit. os "de espírito mesquinho", "tacanhos" [cf. "abatidos", BAB; "medrosos", CH; "desanimados", AEC, NVI, RA; "tímidos", NTLH]) têm de ser consolados, animados, incentivados, encorajados. Estes irmãos desanimados precisam de tratamento carinhoso. Os **fracos** têm de ser sustentados, apoiados, ajudados, mantidos de pé. De acordo com Moffatt, o verbo grego conota apegar-se a eles, pôr o braço ao redor deles.[32] Barclay escreve: "Em vez de deixar o irmão fraco se desviar, [...] prenda-o na igreja de tal modo que ele não possa escapar".[33] Estes três tipos de crentes precisam de diferentes tipos de tratamento; para tal, necessitamos

de discernimento. Mas a tudo isso, Paulo acrescenta: **Sejais pacientes** (lit., "longânimos", RA; cf. BAB) **para com todos**. Quem viver por este ideal *precisará* de paciência. É mais fácil criticar, ignorar ou menosprezar, mas não é assim que o amor faz (cf. 1 Co 13.4-7). Não fosse pela contenção, encorajamento, companheirismo apoiador da igreja, milhares de pessoas nunca estariam no céu hoje.

Em uma sociedade pagã e sob perseguição cruel, não seria surpreendente se alguns crentes fossem tentados a dar **a outrem mal por mal** (15). Denney fala que "a vingança é a mais natural e instintiva das falhas de caráter. [...] Trata-se de qualidade negativa que facilmente se passa por virtude; [...] [é] o último forte que [...] mantemos contra o espírito do evangelho".[34] Paulo diz que é dever de cada membro da igreja cuidar para que semelhante desgraça não ocorra com o evangelho (cf. Mt 5.9). **Segui** ("procurem", BV, NTLH; cf. BJ), **sempre, o bem** significa indubitavelmente empenhar-se severamente em viver de acordo com o ideal moral do amor que busca o melhor bem-estar e felicidade de todos (cf. Rm 13.10). Esta exortação se aplica não só aos irmãos, mas a todas as pessoas (15).

No trecho compreendido pelos versículos 14 a 24, W. E. McCumber[35] encontra o tema "A Oração pela Santificação Total". Por introdução, ele vê: A exaltação de um padrão, 14-22; e o fornecimento de uma dinâmica, 23,24. Este é o seu texto nos versículos 23 e 24: 1) Aponta *para cima*, visando o encorajamento: "O mesmo *Deus* de paz". A natureza divina requer santidade. 2) Aponta *para trás*, visando o encorajamento: "O mesmo Deus de *paz*". Só os justificados têm paz com Deus; a santificação é uma segunda obra da graça. 3) Aponta *para fora*, visando o encorajamento: "O *mesmo* Deus de paz". O contraste enfático com o esforço humano. a) Deus, o Purificador. **Vos santifique em tudo**; b) Deus, o Conservador: **Sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo**; c) Deus, o Chamador: **Fiel é o que vos chama**.

2. *Vitória Constante* (5.16-18)

De assuntos de disciplina, Paulo se volta naturalmente para as atitudes espirituais interiores subjacentes. Moffatt denomina estes versículos de "gotas de diamante".[36] A brilhante expressão da vitória cristã acha-se na forma de tríade que também forma uma unidade de pensamento. Os três conselhos (16,17,18) fazem parte um do outro; um se edifica sobre o outro e cada um envolve os outros dois.

Regozijai-vos sempre (16). Para os cristãos perseguidos esta exortação soa paradoxal (cf. 3.3; 2 Co 6.10). Contudo, este é tema dominante no Novo Testamento (Fp 4.4). Não são as circunstâncias, mas o pecado que espreme a alegria. Paulo citou esta alegria como prova da eleição dos crentes tessalonicenses (ver comentários em 1.6). Como poderiam deixar de se alegrar, mesmo no infortúnio, pois tinham o perdão dos pecados, a paz de Cristo, o amor de Deus, a libertação do pecado e do medo, e o prospecto da glória eterna? Estar sintonizado com Deus é tomar parte na harmonia da alegria eterna (cf. Sl 4.7).

A idéia de harmonia com o céu se relaciona naturalmente com a próxima exortação: **Orai sem cessar** (17; "orai perseverantemente", NTA; "nunca desistais da oração", Moffatt; "nunca deixem de orar", CH). A palavra grega traduzida por **orai** é um termo geral que abrange todas as formas de comunhão. Orar é muito mais que falar com Deus; é também ouvir a Deus, comungar com Deus, depender conscientemente de Deus. É o

hábito de elevar o coração a Deus. O conceito aqui implica em padrão e hábito de vida deliberadamente escolhidos (cf. Rm 12.12; Ef 6.8; Cl 4.2). A perseverança na oração não é automática, nem fácil, mas a alegria do Senhor é sustentada somente pela oração.

Fazendo uma exposição dos versículos 16 a 18, Alexander Maclaren analisa o tema "A Oração Ininterrupta e Seus Efeitos": 1) O dever da oração ininterrupta, 16; 2) O dever da alegria ininterrupta, 17; 3) O dever da gratidão ininterrupta, 18.

Em tudo dai graças (18). É lógico que o coração alegre e dedicado à oração é grato, e nada menos que o coração grato é a chave para a oração e a alegria (cf. Fp 4.6). A gratidão é uma virtude cristã maravilhosa, mas o fator significativo acerca deste mandamento é a expressão **em tudo**, quer dizer, "em todas as circunstâncias" (NVI; cf. CH; NTLH; cf. tb. Ef 5.20). Estas abrangem a alegria e a tristeza, a doença e a saúde, o ganho e a perda. A fé em Deus faz a diferença (Rm 8.28). Como é freqüente os mais desafortunados terem os corações mais gratos!

Como que a evitar a objeção de que a vida nesse patamar está fora do alcance dos cristãos, Paulo acrescenta: **Porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco** (18; cf. 4.4). Semelhante vida de vitória é o desejo carinhoso do Pai Celestial para os seus filhos; é esse o seu propósito. Mas isso só é realizado em Jesus Cristo: revelado perfeitamente em sua pessoa; proporcionado graciosamente por sua paixão; concretizado pessoalmente e na prática por sua presença.

Barclay[37] vê aqui o tema "As Três Marcas de uma Igreja Genuína": 1) Uma igreja que é alegre, 16; 2) Uma igreja que ora, 17; 3) Uma igreja que agradece, 18.

3. *Discernimento Espiritual* (5.19-22)

Como descrito no capítulo 1, a igreja tessalonicense era um grupo de pessoas que trabalhava e testemunhava, sendo caracterizado por manifestações do Espírito Santo como alegria, zelo, ardor e atividade entusiástica. Paulo menciona o dom de profecia (20) para dar destaque, mas não há dúvida de que cada um dos dons (*charismata*) do Espírito tinha sua manifestação em certo grau. Em 1 Coríntios 14.26, temos um vislumbre do estilo livre de adoração que, por vezes, caracterizava as igrejas primitivas. Havia um entusiasmo transbordante entre essas novas criaturas em Cristo, em cujos corações ardia o fogo do Espírito. Caso eles fossem inexperientes e ininteligentes, e mais particularmente, se o entusiasmo fosse expresso em palavras, poderia ter ocasionado consternação para os mais velhos e mais sábios. Já comentamos que havia discordâncias entre os líderes e os preguiçosos.

Talvez por causa do zelo ininteligente de alguns, surgiu o perigo da desconfiança dessa liberdade no Espírito, a qual deveria ter sido apreciada. Paulo desejava que os crentes tessalonicenses evitassem os extremos: de um lado, a indiferença fria, e do outro, o excesso espalhafatoso. As cinco exortações desta passagem indicam a maneira de proteger essa manifestação do Espírito em poder e liberdade, sem a qual a igreja fica monótona e ineficaz. As igrejas espirituais de nossos dias, rebocadas, de um lado, por experiências litúrgicas ou, de outro, por excessos emocionais precisam muitíssimo destes conselhos inspirados.

Em uma metáfora subentendida, o Espírito Santo é simbolizado pelo fogo (cf. Mt 3.11; At 2.3). **Não extingais o Espírito** (19; "nunca apaguem o fogo do Espírito", CH; "não abafeis a inspiração", NEB; cf. BV; "não abafeis as expressões vocais do Espírito",

Knox). Frame opina que o significado é a repressão da manifestação dos *charismata*.[38] Morris entende que a expressão é semelhante a entristecer o Espírito Santo (Ef 4.30) pela ociosidade, imoralidade ou qualquer outra desobediência.[39] O ponto de vista de Denney é mais amplo, envolvendo de modo geral a supressão do fervor espiritual na vida da igreja.[40] Em palavras positivas, trata-se do chamado em manter o fogo do Espírito aceso a todo custo em nossos corações; em manter aberto os canais da fé, da resposta obediente e da devoção regular.

Não desprezeis as profecias (20; "não desprezeis as expressões vocais proféticas", NASB; "nem desprezem o que é dito em nome do Senhor", CH). O verbo grego *exoutheneite* (**desprezeis**) é, literalmente, "contar como nada". Profetizar está relacionado como um dos dons do Espírito, mas no Novo Testamento o sentido geral aceito é "dizer adiante" (o significado literal da palavra grega traduzida por **profecias**). Assim, significa a pregação cristã e não a "revelação antecipada", embora este significado não esteja totalmente ausente (cf. 1 Co 14.24,25). Considerando que o espúrio ficaria misturado com a realidade, seria fácil desprezar todas as **profecias**. Mas Deus escolheu falar com os homens através de expressões vocais humanas, e por mais que o vaso seja humilde e inábil, o ouvinte tem de procurar a mensagem de Deus para si.

Examinai tudo (21; "discerni tudo", BJ; "usem o bom senso a todo custo", CH; "examinai tudo cuidadosamente", NASB; "ponham à prova todas as coisas", NVI; cf. BAB, BV, NTLH; "julgai todas as coisas", RA). Estas últimas três exortações na passagem equilibram as primeiras duas. O julgamento cristão, o bom senso, o exame criterioso são ações imprescindíveis na vida da igreja. Isto também é o Espírito que dá (cf. 1 Co 14.29; 12.10, onde "discernir" é um dos dons). Erdman escreve: "Paulo não especifica as provas a serem aplicadas. Em outra passagem, ele dá a entender que todos os dons espirituais devem ser exercidos em amor, que o verdadeiro propósito dos dons deve ser a edificação das pessoas e que as pessoas que são movidas pelo Espírito reconhecerão o senhorio de Cristo e se empenharão em promover a sua glória".[41]

Retende o bem (21). Quando o trigo e o joio forem separados, retenha o trigo. Quando descobrir a falsificação pelo som do metal genuíno, mantenha o que é de valor. Ninguém jamais ficou rico apenas descartando o que é espúrio. Esta é a ilusão do crítico destrutivo.

Abstende-vos de toda aparência do mal (22; "abstende-vos de toda forma de mal", RA; cf. BJ, NVI). "O termo grego *eidos* [...] significa originariamente 'aspecto' ou 'aparência'. [...] Mas, tomado nesse sentido, não é a parecença em oposição à realidade (Milligan)".[42] O raciocínio é de afastar-se do mal onde quer que ocorra. É sinal de saúde espiritual robusta ter medo e esquivar-se de tudo que entristeça ao nosso Senhor, separar-se obedientemente de seja o que for que o Espírito revele que esteja errado. Concomitante a estes procedimentos é desejar ardentemente o bem (21), ter fome e sede de justiça (Mt 5.6).

4. *Graça Santificadora* (5.23,24)

Paulo concluiu suas instruções. Tendo apresentado aos crentes os padrões morais, éticos e espirituais, agora ele se dedica naturalmente a orar por eles. A oração é urgente e fervorosa. A conjunção com a qual ela começa **e o mesmo Deus de paz** (23; "ora, que o Deus de paz", NASB), conecta a oração com a subdivisão ética precedente. Esta cone-

xão indica que só o **Deus** que santifica **plenamente** pode levar os leitores a viver de verdade esta vida. É significativo que numa oração por santificação **Deus** seja tratado por **o mesmo Deus de paz** ("o próprio Deus da paz", NVI; cf. BAB, BV). **Paz**, no sentido hebraico clássico (ver comentários em 1.1), abrange o significado de prosperidade ou felicidade espiritual completa. **Deus** é a fonte da **paz**. Para experimentar a graça santificadora de **Deus** os homens têm de primeiro receber a **paz** divina (cf. Rm 5.1). Ser justificado é ter **paz** com **Deus** e ter, na regeneração, o início dessa santificação que Paulo ora que seja total e completa. **Paz** *com* **Deus** se torna a mais profunda **paz** *de* **Deus** comunicada pela harmonização interior da pessoa inteira em todas as suas partes e funções. Paulo está orando por isso.

O verbo grego *hagiazo* (23; **santifique**) significa "separar-se de coisas profanas e dedicar-se a Deus", e também "purificar" (externamente e interiormente através da reforma da alma).[43] No uso do Novo Testamento, a purificação é primária. O modificador **plenamente** (seguindo Lutero, "completamente", AEC, BAB, CH, NVI) denota a amplitude da purificação. "Esta palavra não ocorre em outro lugar na nossa Bíblia grega, mas o uso nos poucos exemplos conhecidos da literatura não deixa dúvida do seu significado. É formada por *holos* ("tudo") e *telos* ("fim"), e denota finalidade bem como perfeição."[44]

Observemos que, em grego, **santifique** (23) está no tempo aoristo. Nos versículos precedentes (19-22), Paulo usa o tempo presente que indica ação contínua para os cinco verbos envolvidos. Mas o tempo aoristo indica não ação ou processo contínuo, mas ação que ocorre e é concebida como completa. Isso não quer dizer que não haja processo precedendo o ato santificador, e claro que não quer dizer que o ato é tamanho a ponto de impedir o processo contínuo de crescimento em santidade depois da crise. Paulo está orando pela ação purificadora de Deus na vida desses crentes tessalonicenses para que eles venham a dizer: "O trabalho tem sido feito; nós temos sido e, agora, somos completamente santificados".

Ressaltemos também que os crentes tessalonicenses, conforme o apóstolo os descreveu, renasceram genuinamente, estavam trabalhando e testemunhando, e eram irmãos exemplares em Cristo (cf. 1.1,3,4,6-10). Fica evidente que Paulo está orando pela santificação total desses crentes como uma segunda obra da graça de Deus, definida em termos do tempo e da experiência.

Como que a enfatizar a abrangência da santificação, Paulo continua: **E todo o vosso espírito, e alma, e corpo sejam plenamente conservados** (23; "conservados íntegros", RA; "conservados inteiros", ASV; "conservados completos", NASB). Esta conservação deve tornar os crentes **irrepreensíveis** ("inculpáveis", CH; "livres de toda mancha", NTLH) **para a** ("na", NVI, RA) **vinda de nosso Senhor Jesus Cristo**. A segunda frase da oração gramatical é um tanto quanto explicativa da primeira. O termo grego *holokleron* (**todo**), significa "completo em todas as suas partes (*holos*, 'todo', *kleros*, 'lote' ou 'parte'). Não deve haver deficiência em parte alguma".[45] O adjetivo predicativo é considerado modificador de todos os três dos substantivos que se seguem.[46]

Paulo está pensando novamente na *parousia*. Somente o ato santificador preparará os crentes para a prova daquele dia. Paulo também tem em mente a graça preservadora e estabilizadora da santidade. A santificação total não deve ser adiada até a vinda do Senhor, como o contexto deixa claro, visto que a oração envolve a conservação até àquele dia (sobre **irrepreensíveis**, ver comentários em 2.10; cf. 2 Pe 3.14).

Muita coisa já foi escrita sobre a expressão **espírito, e alma, e corpo** (23). Será que o apóstolo estava descrevendo que a constituição humana divide-se essencialmente em três partes, quer dizer, é uma tricotomia? Mas, sendo assim, este ponto estaria em desacordo com o tom do ensino paulino sobre a natureza humana nas outras passagens de sua lavra. O enfoque está na pessoa inteira (no "ser inteiro", BJ). O ser total do homem tem de ser santificado (cf. passagens como Mc 12.30). Wiley escreve:

> Levando em conta que o homem é composto de uma porção material e de uma porção imaterial, esta última, na exata terminologia bíblica, é considerada de maneira dupla. Quando vista como o poder de animar o organismo físico chama-se *psyche* ou alma; quando vista como agente racional e moral, esta mesma porção imaterial é conhecida por *pneuma* ou espírito. No uso de Paulo, *pneuma* é a parte mais alta do homem em relação a coisas espirituais; *psyche* é a mesma parte mais alta do homem só que em relação a coisas físicas.[47]

A purificação deve atingir toda parte da natureza humana: o sentimento, a vontade, a imaginação, a fonte motivadora de vida. O corpo faz parte da natureza humana, pois é o templo do Espírito Santo (1 Co 6.19) e é o veículo e instrumento da vida pessoal (cf. Rm 6.12,13,19).

A abrangência da oração é tão vasta que requer uma garantia. Esta santificação não se baseia no poder, empenho, realização do homem ou mesmo em sua consagração. É Deus que a **fará** (24). E esta garantia está fundamentada no caráter de Deus. Ele é **fiel**. Ele **fará** o que diz. Seu propósito ao chamar os homens é que eles sejam santos (cf. 2.12; 4.3,7; 2 Ts 2.13,14; Ef 1.4).

Os versículos 23 e 24 apresentam: 1) O imperativo; 2) A fonte; 3) A natureza; 4) A abrangência; 5) O resultado; e 6) A garantia da santificação total.

Quanto à pergunta: "O que é Santificação Total?", J. Ottis Sayes encontra nos versículos 16 a 24 as seguintes respostas: 1) É a perspectiva otimista, 16-18; 2) É a reflexão interior, 19-22; 3) É a integração do ser ou personalidade inteira, 23; 4) É a culminação da promessa de Deus em nossa experiência, 24.

D. Conclusão e Bênção, 5.25-28

A carta termina num tom carinhoso e pessoal: **Irmãos, orai por nós** (25). O grande apóstolo sempre estava humildemente consciente de sua fraqueza (cf. 1 Co 2.1-5) e da necessidade de ajuda sobrenatural (cf. Rm 15.30; Ef 6.19; Fp 1.19; Cl 4.3). O pedido reforçava a reciprocidade da comunhão e confiança. Serve de lembrança para orarmos habitualmente por nossos líderes espirituais.

Saudai a todos os irmãos com ósculo ("beijo", BAB, NTLH, NVI) **santo** (26). O modo costumeiro de trocar saudações pessoais naquela sociedade era pelo beijo. Entre os cristãos era um **ósculo santo**, porque simbolizava o amor cristão e a unidade em Cristo. Na igreja, a prática assumiu posteriormente significação formal e litúrgica. Paulo está dizendo: "Dai minhas mais amáveis saudações pessoais a todos". Phillips dá uma conotação moderna com: "Cumprimentem-se com um aperto de mãos por toda a irmandade" (CH).

É significativo que Paulo diga **todos os irmãos** (26). Ele foi franco e sincero ao escrever sobre as necessidades dos tessalonicenses, mas **todos** são **irmãos**, e nem o crente mais fraco deve ser omitido de sua confraternidade. Deduzimos pelo espírito disto que há necessidade de expressões calorosas de amizade e cordialidade entre os cristãos e para com os que ganhamos para Jesus (cf. Rm 16.16; 1 Co 16.20; 2 Co 13.12; 1 Pe 5.14).

Em grego, eu **vos conjuro** é expressão muito solene (corretamente, "eu vos adjuro", ASV) **pelo Senhor... que esta epístola seja lida a todos os santos irmãos** (27). Certas versões omitem a palavra **santos** (cf. BAB, BJ, BV, CH, NVI, NTLH, RA), embora alguns manuscritos a contenham. É provável que a carta fosse lida num ajuntamento público da igreja. Talvez Paulo temesse que alguns crentes, possivelmente aqueles que mais precisassem da mensagem, não estivessem presentes na reunião de leitura. Considerando que se tratava da primeira de tais cartas, era importante que ficasse claro que era para todos, não só para os líderes ou outro grupo seleto. Com isso, Paulo contradizia a acusação de que ele não se importava realmente com os convertidos (ver comentários no cap. 2). Mason escreveu: "Chega a ponto de ser uma reivindicação de inspiração".[48] Hoje, vemos nessas palavras forte exortação à leitura da Bíblia para aqueles que não a lêem por conta própria.

Paulo termina como começou, com enfoque na **graça** (ver comentários em 1.1). É mais que uma despedida; é a bênção suprema. Resume numa palavra toda bênção, toda coisa boa. Só a **graça** é suficiente: **A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja convosco. Amém!** (28).

Notas

A PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS TESSALONICENSES

INTRODUÇÃO

[1]Charles R. Erdman, *The Epistles of Paul to the Thessalonians: An Exposition* (Filadélfia: The Westminster Press, 1935), p. 9.

[2]O fato de neste ponto da narrativa em Atos (At 17) Lucas deixar de usar os verbos na terceira pessoa do plural ("nós"), dá a entender que ele não acompanhou o grupo a Tessalônica. O texto menciona especificamente a presença de Silas, mas não a de Timóteo. Mas as epístolas deixam claro que Timóteo estava presente.

[3]E. J. Bicknell, "The First and Second Epistles to the Thessalonians", *The Westminster Commentaries* (Londres: Methuen & Company, Limited, 1932), p. xiii.

[4]Leon Morris, "The First and Second Epistles to the Thessalonians", *The New International Commentary on the New Testament* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1959), p. 26.

[5]Alguns estudiosos defendem a prioridade de 2 Ts, ao passo outros invertem a ordem das cartas. Para inteirar-se de ótima e sucinta análise sobre essa questão, ver Morris, *op. cit.*, pp. 37-41.

[6]Bicknell, *op. cit.*, p. xxvii.

[7]Para inteirar-se de análise completa sobre a questão da autoria, ver Bicknell, *op. cit.*, pp. xxiv-xxxviii; James Everett Frame, "A Critical and Exegetical Commentary on the Epistles of St. Paul to the Thessalonians", *The International Critical Commentary* (Edimburgo: T. & T. Clark, 1912), pp. 28-54; e inclusive uma análise de palavras e frases; William Hendriksen, *New Testament Commentary: Exposition of I and II Thessalonians* (Grand Rapids: Baker Book House, 1955), pp. 18-30; e Morris, *op. cit.*, pp. 27-36.

[8]Adam W. Miller, *An Introduction to the New Testament* (Anderson, Indiana: The Warner Press, 1943), p. 160.

SEÇÃO I

[1]A tradição que torna Silas e **Silvano** duas pessoas está, seguramente, equivocada. Mas Silas (contração grega) e **Silvano** (nome latino) são semelhantes em som, não em significado.

[2]A esse respeito (1.1), ver William Barclay, *The Mind of St. Paul* (Nova York: Harper & Row, Publishers, 1958), cap. xi.

[3]Frame, *op. cit.*, p. 71.

[4]Ainda que as palavras **de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo** (1.1) não tenham apoio dos melhores textos gregos, o conceito ocorre com naturalidade.

[5]A palavra grega *kopou* (1.2, **trabalho**), significa "ação vigorosa de grande custo", e é diferente de *ergou* (**obra**), o termo grego geral.

[6]Entre as versões que indicam preferência (1.3), a AEC, BAB, Goodspeed, NTLH, NVI, RA estão de acordo. Porém, Phillips (CH) e Weymouth concordam com a RC.

[7]H. Orton Wiley, *Christian Theology*, vol. III (Kansas City: Nazarene Publishing House, 1940), pp. 335-343.

[8]James Denney, "The Epistles to the Thessalonians", *The Expositor's Bible* (Londres: Hodder & Stoughton, 1892), p. 37.

[9]James Moffatt, "The First and Second Epistles to the Thessalonians", *The Expositor's Greek Testament*, vol. IV, editado por W. Robertson Nicoll (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1951), p. 24.

[10]Archibald Thomas Robertson, *Word Pictures in the New Testament*, vol. IV (Nova York: Harper & Brothers, 1931), p. 12.

[11]*Ib.*

[12]Frame, *op. cit.*, p. 85.

[13]William Barclay, "The Letters to the Philippians, Colossians and Thessalonians", *The Daily Study Bible* (Edimburgo: The Saint Andrew Press, 1959), p. 213.

[14]Frame, *op. cit.*, pp. 2-5.

[15]Morris, *op. cit.*, p. 62.

[16]Harold J. Ockenga, *The Church in God* (Westwood, Nova Jersey: Fleming H. Revell Company, 1956), pp. 42-45.

[17]William Neil, "St. Paul's Epistles to the Thessalonians", *Torch Bible Commentaries* (Nova York: The Macmillan Company, 1957), p. 38.

[18]Richard C. Trench, *Synonyms of the New Testament* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1948 [nova tiragem]), pp. 26-30.

[19]*Ib.*, pp.130-134.

[20]Marvin R. Vincent, *Word Studies in the New Testament*, vol. IV (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1946), p. 20.

[21]Frame, *op. cit.*, p. 92.

[22]Robertson, *op. cit.*, p. 16.

[23]Denney, *op. cit.*, p. 72.

[24]Kenneth S. Wuest, *Wuest's Expanded Translation of the Greek New Testament: Philippians Through the Revelation*, vol. III (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1959), p. 48.

[25]Muitos dos melhores manuscritos têm a palavra "bebês". O problema textual implica na possibilidade de erro de copista. Em grego, "brandos" é *epioi*, enquanto que "bebês" é *nepioi*, apenas uma letra de diferença. As evidências e argumentos a favor de qualquer lado são extensos e maçantes. Provavelmente por se ajustar à ilustração do versículo e fazer melhor sentido, "brandos" é preferido por Moffatt e vários outros intérpretes. Contudo, Frame (*op. cit.*, p. 100) favorece fortemente a tradução "bebês" (cf. NTLH), como fazem Robertson (*op. cit.*, p. 18) e Morris (*op. cit.*, pp. 76-78). Exceto por fazer ajustes necessários à linguagem figurativa envolvida, a escolha só afeta ligeiramente o significado.

[26]Moffatt, *op. cit.*, p. 27, 28.

[27]Frame, *op. cit.*, p. 101.

[28]Trench, *op. cit.*, pp. 328-331.

[29]Frame, *op. cit.*, p. 103.

[30]Joseph H. Thayer, *Greek-English Lexicon of the New Testament* (Nova York: American Book Company, 1889), p. 482.

[31]*Ib.*, p. 485.

[32]*Ib.*, p. 392.

[33]Alguns manuscritos têm "chamou" (2.12; cf. NVI), mas as evidências mais importantes em termos de manuscritos levam as traduções ACF, AEC, BAB, BJ, RA, RC, Moffatt e outros a preferir o tempo presente (**chama**).

[34]Frame, *op. cit.*, p. 105.

[35]Thayer, *op. cit.*, p. 53.

[36]Frame, *op. cit.*, pp. 107, 108.

[37]Não deixemos de notar que a palavra *como* (duas vezes em 2.13) é acréscimo de tradutores (ambas estão em itálico na RC).

[38]Denney, *op. cit.*, pp. 84, 85 [grifos meus].

[39]Robertson, *op. cit.*, p. 21.

[40]Morris, *op. cit.*, p. 89.

[41]Denney, *op. cit.*, p. 88.

[42]Robertson, *op. cit.*, p. 21.

[43]Frame, *op. cit.*, p. 114.

[44]Robertson, *op. cit.*, p. 22.

[45]Frame, *op. cit.*, p. 120.

[46]Barclay, *Letters*, p. 225.

[47]Trench, *op. cit.*, p. 78.

[48]O termo grego *parousia* (2.19, **vinda**) pode ter um significado não técnico (*i.e.*, "presença"), e, derivado disso, o sentido de **vinda**, "chegada" ou "advento" (Thayer, *op. cit.*, p. 490). Nesta acepção, é usado em 1 Ts 2.9; 1 Co 16.17; 2 Co 10.10. Citando Deissmann, Frame (*op. cit.*, p. 123) afirma que no mundo oriental é termo quase técnico para referir-se à visita de um rei. Na igreja neotestamentária, a palavra logo ganhou o significado técnico de "o segundo advento de Cristo", e, nesta acepção, é usada aqui (2.19) e em 3.13; 4.15; 5.23; 2 Ts 2.1,8; 1 Co 15.23 (cf. Frame, *op. cit.*, p. 123; Morris, *op. cit.*, p. 97). Esta seria a primeira ocorrência desse uso no NT.

[49]Este é o ponto de vista de Frame (*op. cit.*, p. 126) baseado no significado dos verbos na primeira pessoa do plural (3.1). Mas esta teoria subtrairia da situação quase todo o sentimento de dor relacionado com estar sem companheiro no ambiente opressivo e difícil de Atenas, sentimento que está implícito no fraseado da oração gramatical. Neil (*op. cit.*, p. 60) julga que o quadro total dá a entender que Paulo estava doente quando estava em Atenas.

[50]Estas são leituras variantes dos originais após as palavras **nosso irmão** (3.2): "e co-trabalhador de Deus"; "e co-trabalhador"; "e ministro de Deus e nosso co-trabalhador"; "e ministro e co-trabalhador de Deus". Estas variações aparecem na variedade de fraseados nas traduções (cf. BV, CH, NTLH, NVI [cf. nota de rodapé], RA). Para inteirar-se de uma análise textual, ver Frame, *op. cit.*, pp. 126, 127; Moffatt, *op. cit.*, p. 31; Morris, *op. cit.*, p. 100 (nota de rodapé).

[51]Roberton, *op. cit.*, p. 26.

[52]Denney, *op. cit.*, p. 121.

[53]Frame, *op. cit.*, p. 133.

[54]Robertson, *op. cit.*, p. 26.

[55]A. J. Mason, "The Epistles to the Colossians, Thessalonians, and Timothy", *Layman's Handy Commentary*, editado por Charles J. Elliott (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1957), p. 96.

[56]Robertson, *op. cit.*, p. 26.

[57]Frame, *op. cit.*, *ad. loc.*

[58]Thayer, *op. cit.*, p. 336.

[59]Frame, *op. cit.*, p. 135.

[60]Barclay, *Letters*, p. 226.

[61]Certas traduções seguem os textos originais que omitem a palavra **Cristo** (3.11; cf. AEC, BAB, BJ, BV, NTLH, NVI, RA).

[62]Cf. Vincent, *op. cit.*, p. 34.

[63]W. E. McCumber, *Holiness in the Prayers of St. Paul* (Kansas City: Beacon Hill Press, 1955), pp. 75-85.

SEÇÃO II

[1]Thayer, *op. cit.*, p. 6.

[2]Neil, *op. cit.*, p. 74.

[3]Robertson, *op. cit.*, vol. IV, p. 29.

[4]Barclay, *op. cit.*, p. 230.

[5]Neil, *op. cit.*, p. 75.

[6]Morris, *op. cit.*, p. 124.

[7]Para inteirar-se de uma interpretação bem diferente das apresentadas aqui (4.4), a qual se baseia na ordem de palavras e no uso de pontuação, ver Marvin R. Vincent, *Word Studies in the New Testament*, vol. IV (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1946), pp. 35, 36.

[8]Em 4.8, as traduções revisadas têm "vos" (AEC, BAB, BJ, RA; cf. BV, NTLH, NVI) em lugar de **nos** (ACF, CH, RC).

[9]As traduções revisadas seguem os melhores textos originais, que em 4.8 têm o tempo presente no lugar do tempo aoristo: "Que vos dá o seu Espírito Santo" (AEC, BAB; cf. BV, CH, NTLH, NVI, RA). Assim, a ênfase está na relação dinâmica e contínua com o Espírito Santo, e não no ato passado de dar.

[10]Frame, *op. cit.*, p. 156.

[11]Vincent, *op. cit.*, p. 38.

[12]Frame, *op. cit.*, p. 158.

[13]Denney, *op. cit.*, pp. 161, 162.

[14]Barclay, *Letters*, p. 234.

[15]Frame, *op. cit.*, p. 167.

[16]Segundo a gramática grega, a expressão **em Jesus** (4.14; lit., "por Jesus"; cf. BAB, NVI, RA) pode seguir ou modificar **dormem** ou **trazer**. "Assim também Deus, mediante Jesus, trará, em sua companhia, os que dormem" (RA). Construção semelhante é seguida por Moffatt, Weymouth, Goodspeed, NTA e outros. Porém, Frame (*op. cit.*, pp. 169, 170), seguindo Ellicott, prefere o sentido da RC. "Trazer por Jesus" dá a entender que Jesus é o agente de Deus na ressurreição e no arrebatamento. "Dormir por Jesus", que já se disse ser expressão desajeitada e estranha ou talvez até indique martírio, daria a entender apenas o alívio da morte para aqueles que estão "em Cristo", ou união contínua com Cristo até à morte.

[17]Frame, *op. cit.*, p. 174.

[18]Thayer, *op. cit.*, p. 343.

[19]*Ib.*, p. 74.

[20]Barclay, *Letters*, p. 236.

[21]Hendriksen, *op. cit.*, p. 121.

[22]Thayer, *op. cit.*, p. 443.

[23]Morris, *op. cit.*, p. 154.

[24]C. A. Auberlen e C. J. Riggenbach, "The Two Epistles of Paul to the Thessalonians", *Lange's Commentary on the Holy Scriptures*, vol. XI, traduzido para o inglês por John Lillie (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1960 [nova tiragem]), p. 83.

[25]Frame, *op. cit.*, p. 182.

[26]Vários manuscritos contêm "ladrões" no lugar de **ladrão** (5.4). Os comentaristas que preferem esta leitura (*e.g.*, Frame, *op. cit.*, p. 184) entendem que são os ladrões que são apanhados de surpresa pelo amanhecer, o contrário da ilustração constante no v. 2.

[27]Thayer, *op. cit.*, p. 425.

[28]Neil, *op. cit.*, p. 108.

[29]Roberton, *op. cit.*, p. 36.

[30]Cf. Frame, *op. cit.*, p. 196.

[31]Moffatt, *op. cit.*, p. 197, defende a tradução "vadios" (5.14; **desordeiros**), *i.e.*, aqueles que se recusam a trabalhar; ele chega a esse entendimento por comparação feita com as outras três vezes em que a palavra grega ocorre no NT (2 Ts 3.6,7,11).

[32]Moffatt, *op. cit.*, vol. IV, p. 41.

[33]Barclay, *Letters*, p. 240.

[34]Denney, *op. cit.*, pp. 213, 214.

[35]W. E. McCumber, *Holiness in the Prayers of St. Paul* (Kansas City: Beacon Hill Press, 1955).

[36]Moffatt, *op. cit.*, p. 41.

[37]Barclay, *Letters*, p. 240.

[38]Frame, *op. cit.*, p. 205.

[39]Morris, *op. cit.*, p. 175.

[40]Dennis, *op. cit.*, pp. 233ss.

[41]Erdman, *op. cit.*, p. 66.

[42]Robertson, *op. cit.*, p. 38.

[43]Thayer, *op. cit.*, p. 6.

[44]John W. Bailey e James W. Clarke, "The First and Second Epistles to the Thessalonians", *The Interpreter's Bible*, editado por George A. Buttrick *et al.*, vol. XI (Nova York: Abingdon Press, 1955), p. 314.

[45]Robertson, *op. cit.*, p. 39.

[46]Frame, *op. cit.*, p. 211.

[47]Wiley, *op. cit.*, vol. II, p. 19.

[48]Mason, op. cit., p. 122.

Esboço

A SEGUNDA EPÍSTOLA AOS TESSALONICENSES

I. **Encorajamento para os Perseguidos**, 1.1-12

A. Endereço e Saudação, 1.1,2
B. A Demonstração da Graça de Deus, 1.3,4
C. A Antecipação do Julgamento de Deus, 1.5-10
D. A Súplica pelo Poder e Graça de Deus, 1.11,12

II. **Instruções para os Atribulados**, 2.1-17

A. A Ilegalidade e o Filho da Perdição, 2.1-12
   1. A Correção de um Erro, 2.1-3
   2. A Descrição do Homem do Pecado, 2.4-10
   3. As Conseqüências da Perversidade, 2.11,12
B. A Eleição da Graça e os Herdeiros da Esperança, 2.13-17

III. **Disciplina para os Desordeiros**, 3.1-18

A. Orações e Confiança Mutuamente Necessárias, 3.1-5
B. Trabalho e Quietude Comandados aos Preguiçosos, 3.6-12
C. A Exigência de Firmeza e Bondade, 3.13-15
D. Conclusão e Bênção, 3.16-18

SEÇÃO I

ENCORAJAMENTO PARA OS PERSEGUIDOS

2 Tessalonicenses 1.1-12

A. ENDEREÇO E SAUDAÇÃO, 1.1,2

O endereço e a saudação desta carta (1,2) são quase iguais à abertura da primeira carta (ver comentários em 1 Ts 1.1). Em outra passagem, **Silvano** é conhecido por Silas (At 15.40). **Timóteo** também é citado em 2 Coríntios 1.1. **Nosso Pai**, em lugar de apenas "Pai", é descrição de **Deus**. O fraseado ressalta o vínculo da fé que une os apóstolos às pessoas endereçadas. Notamos novamente como é natural Paulo associar **Deus, nosso Pai**, e o **Senhor Jesus Cristo** na função de serem ambos igualmente a fonte da **graça** e da **paz**. Estas duas palavras resumem a totalidade do bem espiritual.

B. A DEMONSTRAÇÃO DA GRAÇA DE DEUS, 1.3,4

A ação de graças habitual de Paulo é afetuosa e generosa. Há duas razões de especial interesse. A primeira razão é o enfoque na adequação da ação de graças do apóstolo a favor deles. Paulo reitera os altos elogios da primeira carta, mencionando de novo as três grandes virtudes (a "esperança" não é nomeada imediatamente como tal, mas é a **paciência**). **Sempre devemos, irmãos, dar graças a Deus por vós, como é de razão** (3; "como é justo", ACF, AEC, RA; cf. NVI). É freqüente supor que esta expressão de obrigação e conveniência seja a resposta de Paulo aos protestos de "os de pouco ânimo" (cf. 1 Ts 5.14), que diziam que eram fracassados indignos.

A segunda razão de interesse é que Paulo se alegra pela oração respondida: **Porque a vossa fé cresce muitíssimo** (3; "está crescendo cada vez mais", NTLH), **e a caridade** ("o amor", ACF, AEC, NTLH, NVI) **de cada um de vós** (a RC é literal) **aumenta** ("está se tornando cada vez maior", NTLH) **de uns para com os outros.** O quadro é de crescimento exuberante, como de uma árvore ou planta. Paulo tem o cuidado de incluir todos eles na declaração (**cada um de vós**). Foi por isso que ele orou tão fervorosamente em 1 Tessalonicenses 3.10,12 (ver comentários lá).

O versículo fornece um comentário importante sobre o crescimento cristão. Havia nesta igreja muita ignorância, engano e até certo fanatismo, todos os quais compatíveis, pelo menos nesta fase, com a **fé** e o amor em crescimento. É significativo também o fato de que tal crescimento tenha ocorrido durante um período de tribulação (cf. 4).

É fato maravilhoso na igreja quando a graça de Deus na vida de seus membros se mostra de modo tão evidente a ponto de ser um testemunho que não pode ser negado. Para **dar graças** Paulo adiciona ensejo de orgulhar-se (no Senhor): **De maneira que nós mesmos** (o contraste implícito na expressão sugere adicionar as palavras: "ao contrário de vossas expectativas"[1]) **nos gloriamos de vós** ("falamos com orgulho sobre vocês", NTLH) **nas igrejas de Deus** (4; cf. 1 Ts 2.19,20 e ver comentários ali). As qualidades particulares sobre as quais Paulo se alegrava eram a **paciência** ("firmeza", BAB; cf. BJ, RA; cf. tb. 1 Ts 1.3) e a **fé** dos crentes tessalonicenses. Eles mantinham-se firmes ou pacientes, porque a **fé** que tinham estava em Deus e suas promessas. A expressão **em todas as vossas perseguições e aflições** dá a entender sofrimentos incessantes e repetidos, os quais ainda estavam ocorrendo. A palavra grega traduzida por **aflições** (*thlipsesin*) é a mesma traduzida por "tribulação" em 1 Tessalonicenses 1.6 (ver comentários ali).

C. A ANTECIPAÇÃO DO JULGAMENTO DE DEUS, 1.5-10

Este assunto de perseguição e aflição levanta naturalmente a questão da justiça e eqüidade. Que sentido faz tudo isso? É um universo moral? (ver comentários sobre "tribulações" em 1 Ts 3.3). Paulo passa a defender o **justo juízo** (ou "julgamento", CH) **de Deus** (5). A paciência e a fé dos tessalonicenses em meio às perseguições (não simplesmente a perseguição em si) são **prova clara** ("sinal evidente", RA) **do justo juízo de Deus** (cf. Fp 1.28). A **prova clara** do versículo 5 se refere ao versículo 3. Essa constância a despeito do sofrimento e ódio imerecido é evidência de um poder divino em ação ("prova positiva da eqüidade de Deus", Moffatt). Deus está com os crentes tessalonicenses; eles pertencem a ele (cf. em 1 Ts 1.6 a idéia da marca da eleição divina). Deus tem um propósito em vista: **para que sejais** (o gr. expressa propósito;[2] "e como resultado", AEC; "como resultado disso", NTLH; cf. BV, CH) **havidos por dignos** (cf. Lc 20.35). A tradução "vocês se tornarão merecedores" (NTLH) não é o sentido apropriado. Nenhum mérito pessoal provém do sofrimento, embora Deus o use para refinar nossa alma pela graça. Deus tenciona considerar seus filhos **dignos do Reino de Deus, pelo qual também padeceis** (cf. At 5.41; 1 Pe 4.12-16). Considerando que a perseguição é inevitável (cf. 1 Ts 3.3), o crente deve manter os olhos no propósito de Deus. O julgamento futuro o revelará (cf. em Rm 3.25,26 a idéia de **justo juízo**). Aqui, devemos considerar o **Reino** em seu aspecto futuro (ver comentários em 1 Ts 2.12).

O argumento moral nesta passagem se desdobra em duas vertentes. Primeiramente, o **justo juízo de Deus** se revela em sustentar e justificar hoje o seu povo perseguido; em segundo lugar, o **justo juízo de Deus** se revela em castigar os maus e recompensar os crentes em um futuro ajuste de contas. A firmeza no sofrimento é vista como prova da verdadeira fé (e também como evidência do estado moral terrível do mundo). O sofrimento pela causa de Cristo também é a garantia de julgamento futuro; em um universo moral tem de haver necessariamente a retificação das injustiças da vida. Presumimos que os leitores concordarão com o princípio básico de recompensa e castigo. Isto é axiomático se Deus existe e é justo. Negar tal princípio é estar imerso no caos moral.

Temos nesta passagem o tema "O Julgamento de Deus": 1) A base moral do julgamento, 5-7a; 2) O tempo e as circunstâncias do julgamento, 7b; 3) A base e a natureza do castigo, 8,9; 4) A base e a natureza da recompensa, 10.

Paulo passa agora para o segundo lado do argumento moral. **Se, de fato, é justo** (6) é tradução correta, porque está na forma condicional (cf. ACF, BAB, RA). O pensamento é de suposição que está fora de discussão; daí esta versão: "pois afinal de contas é nada mais que justo" (NASB). **Diante de Deus** é, literalmente, "ao lado de Deus", e assim, "do ponto de vista de Deus".[3] **Dê em paga** significa "retribuir" (NVI; cf. 1 Ts 3.9, onde em contexto diferente a mesma palavra grega é traduzida por "tributar", RA). **Tribulação aos que vos atribulam** é tradução excelente (cf. ACF, AEC, BAB, CH, NTLH, NVI, RA; ver comentários sobre *thlipsis* em 1 Ts 1.6).

A recompensa será negativa e positiva: **E a vós, que sois atribulados, descanso** (7). A palavra grega *anesin* (**descanso**; "alívio", AEC, BV, CH, NVI, RA) significa "liberdade de restrições e tensão", "como o afrouxamento de um fio esticado".[4] A referência é seguramente ao próprio céu. Na natureza do caso, o crente não pode ser motivado meramente pela esperança egoísta de recompensa; não obstante, tal recompensa santa é, ao mesmo tempo, consolo e incentivo na vida cristã. Inversamente, embora o medo do castigo seja, por si, motivo insuficiente para o arrependimento, sua presença nos homens tem um efeito completamente salutar.

Paulo adiciona **conosco** (7), dando a entender que haverá uma comunhão dos demais, como houve uma comunhão no sofrimento.

Agora, o pensamento passa para o tempo e circunstância do julgamento: **Quando se manifestar o Senhor Jesus** (7; lit., "na revelação do Senhor Jesus", ASV; cf. CH). Paulo escreveu previamente sobre a vinda do Senhor (*parousia*, 1 Ts 2.19; 3.13; 4.15; 5.23). Aqui, o termo grego é *apokalypsis* ("revelação"). A palavra significa, literalmente, "descobrimento".[5] É usada para referir-se à vinda de Cristo (cf. Lc 17.30; 1 Co 1.7), à manifestação ou desvelamento de coisas ou verdades até aqui não vistas (cf. Rm 8.19; Gl 1.12; Ef 1.17), e Paulo também a usa em 2.8 com referência ao homem do pecado. No que tange ao retorno de Cristo, não há como determinar por esta passagem alguma distinção temporal entre *parousia* e *apokalypsis*. Cristo, que foi amado e adorado, embora não visto, será desvelado. Sua obra que até aqui esteve não vista será feita visível.

A manifestação será **desde o céu** (7; cf. 1 Ts 4.16), **com os anjos do seu poder** (tradução lit.; cf. Jd 14), **como labareda de fogo** (8; lit., "em chama de fogo", AEC, RA; cf. BAB, BJ, NTLH). A referência a **fogo** indica primariamente o brilho e a majestade da revelação (cf. Êx 3.2; Is 66.15; Ap 1.13), embora também indique o castigo.

Frame[6] sugere que temos nas três frases breve descrição de "A Revelação de Cristo": 1) O lugar: **Desde o céu**, 7; 2) O acompanhamento auxiliar: **Os anjos do seu poder**, 7; e 3) A maneira: **Como labareda de fogo**, 8. O quadro é admirável por sua restrição e brevidade.

A expressão **tomando vingança** (8) seria repulsiva, caso a considerássemos com o significado de disposição pessoal para a vingança. Porém, como em 1 Tessalonicenses 4.6, Deus é o vingador, o administrador da justiça moral. Temos estas versões: "Ele fará justiça" (NEB); "ele trará plena justiça" (CH).

Muitos comentaristas pensam que as pessoas **que não conhecem a Deus** (8) se refiram aos pagãos, ao passo que as pessoas **que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo** sejam os judeus. Esta era a opinião de Denney.[7] Na verdade, ambos os pecados eram e são característicos de pessoas de toda sociedade. No lugar de os **que não conhecem a Deus**, temos esta tradução: "Aqueles que se recusaram a reconhecer a Deus" (CH). Em outros textos, Paulo acentua a ignorância voluntariosa e culpável que as pessoas têm de Deus (cf. Rm 1.28; Ef 4.17,18; 1 Ts 4.5). O pecado culminante e mais doloroso de todos é rejeitar Cristo e o convite gracioso de Deus em seu Filho Jesus (cf. Mc 12.1-12; Rm 2.8; 10.16,21).

Paulo descreve a natureza do **castigo** e as pessoas envolvidas nessa retribuição (9). O pronome grego traduzido por **os quais** é qualitativo e indica "pessoas como estas". Elas **padecerão** (lit., "sofrerão [ou pagarão] penalidade de", RA; cf. NVI) **eterna perdição**. Em grego, **eterna** (*aionion*) é, literalmente, "era longa". Mas a próxima era é infinita. A mesma palavra é usada para falar da vida perpétua ou eterna dos crentes. Frame diz que a palavra aqui se refere "a destruição, cujas conseqüências duram uma longa era, ou seja, para Paulo e para o Novo Testamento em geral, são 'eternas' (Mc 3.29; Mt 25.46; cf. Dn 12.2).[8] Esta **perdição** ("destruição", NTLH, NVI, RA) não é aniquilação, fato que está claro pelas palavras que vêem a seguir e que ampliam o pensamento. Este **castigo** significa ser banido **ante a face** (lit., "longe da presença", NTLH) **do Senhor e a glória do seu poder**. A natureza do **castigo** é separação interminável da **face do Senhor**, e, portanto, de todo o bem. É o oposto exato do estado dos redimidos, cuja felicidade eterna acha-se na presença de Cristo. Estas palavras estão cheias de tristeza infindável, quase terrível demais para olhar. Mesmo assim, o destino dos maus é, no máximo, apenas o cumprimento da escolha daqueles que não querem que Cristo reine em sua vida.

Denney escreve sobre a finalidade do evangelho: "Obedeça, e você entra na luz em que não há trevas de modo algum; desobedeça, e você passa conseqüentemente para trevas nas quais não há luz de modo algum. [...] *Não* é questão de menos ou mais, de cedo ou tarde, de melhor ou pior; o que está em jogo em nossa atitude com o evangelho é vida ou morte, céu ou inferno, as trevas exteriores ou a glória de Cristo".[9]

Nas palavras do versículo 10, identificamos um retorno ao pensamento do versículo 7: **Quando vier para ser glorificado nos seus santos, e para se fazer admirável** ("maravilhado", RSV; cf. CH), **naquele Dia, em todos os que crêem** (10; mas o tempo é aoristo, portanto "que creram", AEC, BJ, NVI, RA; cf. BAB, BV). Nas duas frases que começam com **para ser glorificado** e **para se fazer admirável**, há um toque de paralelismo poético. Moffatt sugere que talvez haja aqui citação de um hino cristão.[10] Na sua vinda, Cristo será o centro e foco de tudo. Sua glória, atributos, bem-aventuranças

serão vistos na pessoa dos santos, que também têm o nome de **os que crêem**. O caráter de cada um refletirá ou reproduzirá, como espelho, a glória de Cristo. A revelação magnífica será a causa de louvor e regozijo. O texto não identifica os que se admirarão ou se maravilharão; são, indubitavelmente, todos os que verão, os seres humanos ou os seres angelicais. Tudo isso acontecerá **naquele Dia**, o **Dia** da vinda de Cristo. As palavras **naquele Dia** colocadas entre vírgulas (RC) denotam ênfase.

Observemos a reciprocidade da relação de Cristo com os crentes. Barclay denomina isso de "a glória recíproca".[11] Cristo é glorificado nos crentes, cuja glória é somente Cristo (cf. esta idéia em Jo 13.31; 14.13; 17.1,4,10,22; cf. tb. 1 Ts 2.20).

Pelo visto, as palavras entre parênteses, **porquanto o nosso testemunho foi crido entre vós**, foram inseridas como garantia particular para "os de pouco ânimo" entre os crentes tessalonicenses (cf. 1 Ts 5.14). É como se Paulo tivesse dito: "E quando eu digo 'todos', quero dizer cada um de vós". Mais uma vez é usado o tempo aoristo, referindo-se ao ato de crer no momento decisivo que começou a carreira cristã — a carreira que atingirá o ponto culminante no dia da glória.

D. A Súplica pelo Poder e Graça de Deus, 1.11,12

Os prospectos magníficos, que Paulo acabou de estabelecer por esperança dos crentes, não serão realizados exceto por ajuda sobrenatural. Por isso, o apóstolo passa naturalmente à oração. Vemos de novo a importância e a confiança na oração intercessora. Os missionários não podem estar com seus convertidos, mas podem orar por eles. **Pelo que** ("para essa finalidade", RSV) **também rogamos sempre por vós, para que o nosso Deus vos faça dignos da sua vocação** (11). Frame (junto com outros) assevera que a tradução adequada da palavra grega *axiosei* é "contar ou supor ou considerar digno" (cf. CH) e não "fazer ou tornar digno" (cf. ACF, AEC, BAB, BJ, BV, NTLH, NVI, RA).[12] No sentido mais fundamental, a esperança cristã está no mérito e dignidade de outra pessoa, ou seja, Cristo. Esta oração é imprecisa, a menos que vejamos nela a implicação clara de que é o caráter santo como evidência da fé salvadora que qualifica os homens "naquele Dia". A graça justificadora e a graça para viver em santidade não estão separadas na experiência, mas só no pensamento. A **vocação** ("chamado", CH) se refere ao passado ou à conversão (cf. 1 Co 1.26), e também à bem-aventurança futura (cf. Fp 3.14). A menos que seja mera retórica, a oração dá a entender a possibilidade de os chamados serem considerados dignos no último dia. Bicknell declara: "É indubitável que Paulo sustenta que os crentes podem cair da graça e provar serem indignos do seu chamado".[13]

Paulo prossegue agora com a segunda petição da oração, paralela da primeira: **E cumpra todo desejo da sua bondade** (11). De acordo com o teor da maioria das últimas traduções, temos: "Cumpra todo desejo pela bondade" (NASB; cf. "cumpra toda boa resolução", Moffatt, RSV; "cumpra todo bom propósito", NVI; cf. RA). O cumprimento não é segundo o **desejo** de Deus (embora não haja nada contrário a esta idéia), mas trata-se do propósito ou resolução interior dos próprios tessalonicenses pela **bondade** (cf. CH, NTLH). A **bondade** (*agathosunes*) faz parte da lista do fruto do Espírito Santo (Gl 5.22). O **desejo** ou resolução pela **bondade** é implantado pelo Espírito. Mas não basta apenas resolver ter retidão no coração e na vida; Paulo ora pelo cumprimen-

to. Com a interioridade da boa resolução, Paulo junta a exterioridade da **obra da fé** (ver comentários sobre esta expressão em 1 Ts 1.3). A oração é pela conclusão de toda **obra** que a **fé** começar. Só **com poder**, o **poder** da graça divina, é possível o cumprimento. Mas Deus pode fazê-lo.

Tomando o versículo 11 como um todo, sentimos a urgência não só da vigente santidade de coração, mas também do progresso e crescimento contínuos no aspecto interno e externo da vida de santidade.

Mas agora a oração contempla uma finalidade até mais sublime que o ato de Deus aceitar os leitores e o método para essa aceitação. O objetivo supremo é **que o nome de nosso Senhor Jesus Cristo**[14] **seja em vós glorificado, e vós nele** (12). Este texto e o versículo 10 expressam o esplêndido conceito da glória recíproca. **Nome**, segundo o uso do Antigo Testamento, não significa só identidade, mas o caráter revelado da pessoa. Neste texto indica o senhorio de **Cristo** e a graça condescendente. É maravilhoso pensar que o caráter santo dos redimidos acrescente brilho ao fulgor da pessoa de **nosso Senhor**, e que, pelo fato de os redimidos estarem **nele**, eles também são glorificados (ver comentários no v. 10).

O teor da oração acentua que os santos dependem inteiramente da força de Deus para serem constantes e crescerem na vida cristã. Todo mérito humano é excluído na expressão **segundo a graça de nosso Deus e do Senhor Jesus Cristo** (12). Esta **graça** se origina no amor do Pai e é mediada pelo Filho. É a esperança do cristão não só no início, mas ao longo do progresso e até na conclusão bem-sucedida de seu trajeto.

Esta oração maravilhosa olha para o futuro com fé e otimismo determinados. Paulo ora: 1) Ora pelo cumprimento da **vocação** dos crentes, 11 (cf. a "soberana vocação de Deus em Cristo Jesus", Fp 3.13,14); 2) Ora pelo crescimento em graça interior e em **obras** exteriores que tornam tudo isso possível, 11; 3) Ora pela resultante glória recíproca de Cristo e dos que lhe pertencem, que é "a finalidade principal do homem", 12; e 4) Reconhece na oração que para recebermos a resposta temos de descansar no poder e na **graça** divina, 12.

Seção II

INSTRUÇÕES PARA OS ATRIBULADOS

2 Tessalonicenses 2.1-17

Certos problemas haviam surgido entre os crentes tessalonicenses que tornaram necessário Paulo tomar medidas corretivas nesta segunda epístola. Na primeira carta, ele os instruíra sobre a verdade consoladora e inspiradora da volta do Senhor e a reunião de todos os santos para estarem com Jesus. De algum modo, difundiu-se o erro de que Paulo ensinava que o dia do Senhor já tivesse chegado. Esta situação produziu um fermento de agitação e sobressalto, bem como um movimento desordenado por parte de alguns que deixaram o trabalho regular para esperar a volta de Cristo. Nesta passagem, Paulo trata corretivamente deste assunto; no capítulo 3, ele trata da facção dos desordeiros.

Teorias forçadas, fixação de datas e movimentos fanáticos tenderam, em todos os períodos da história da igreja, a desacreditar a verdade sobre a volta de Cristo. Aqueles que "amarem a sua vinda" (2 Tm 4.8) não permitirão que estas coisas obscureçam a "bem-aventurada esperança" (Tt 2.13).

Seria útil, na interpretação do que é reconhecidamente uma das passagens mais difíceis do Novo Testamento, manter em mente o plano de fundo geral. A pequena comunidade cristã em Tessalônica está passando por tribulação. Não há garantia de libertação do sofrimento para logo. Mas a mensagem é que Deus está no trono; a garantia é que o futuro triunfo de Cristo e dos que são de Cristo é certa. O capítulo 1 mostrou que Deus é o Juiz justo que rege um universo moral. O capítulo 2 esboçará a derrota dos poderes maus no pior das possibilidades, e o cumprimento do alto propósito de Deus para a igreja.

A. A ILEGALIDADE E O FILHO DA PERDIÇÃO, 2.1-12

1. *A Correção de um Erro* (2.1-3)

Paulo começa com palavras afetuosas: **Ora, irmãos, rogamo-vos, pela vinda** ("irmãos, no que diz respeito à vinda", RA; cf. ACF, BAB, BJ, NTLH, NVI) **de nosso Senhor Jesus Cristo** (1). Não se trata de uma evocação ou juramento como certas traduções dão a entender (ACF, CH, RC; a palavra **pela**, acrescentada pelos tradutores, sugere erroneamente evocação ou juramento). **E pela nossa reunião com ele** (1; "e a nossa reunião para irmos encontrá-lo", BV) é referência ao arrebatamento, tema analisado em 1 Tessalonicenses 4.13-17 (cf. Mt 24.31; Mc 13.27).

Em vez de uma abordagem puramente emocional referente à **vinda** (*parousia*) do **Senhor**, Paulo faz uma abordagem racional. Ele fala contra duas condições: **Que não vos movais facilmente do vosso entendimento** (2; "que mantenham a cabeça no lugar", CH), **nem vos perturbeis** ("num constante estado de agitação nervosa", Frame[1]). O verbo grego traduzido por **movais facilmente** também é usado para referir-se a um navio balançando por estar desgarrado das amarras.[2] O estado de perturbação é resultado de ter sido movido do **entendimento**.

As três possíveis fontes de informação errônea e perturbadora concernente à volta do Senhor são: **Quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola, como de nós** (2; "como se procedesse de nós", AEC, RA). Frame opina (como outros) que a expressão **como de nós** concorda com todos os três substantivos (**espírito**, **palavra**, **epístola**).[3] Numa declaração geral como esta, é impossível saber com certeza o que o apóstolo quis dizer. Ele está negando a responsabilidade pela declaração: **O Dia de Cristo estivesse já perto** ("já tivesse chegado", AEC, NVI; cf. CH, NTLH, RA; "já estivesse aqui", Weymouth). O consenso geral é que **espírito** diz respeito a expressões vocais carismáticas forjadas, ou são declarações paulinas inspiradas, mas interpretadas equivocadamente. **Palavra** são recordações forjadas ou interpretações errôneas do ensino verbal de Paulo. **Epístola** é um documento falsificado (cf. 3.17) ou anônimo, ou refere-se a 1 Tessalonicenses ou outra carta paulina mal interpretada.

À primeira vista, é difícil entender como alguém poderia pensar que o **Dia** do Senhor **já** tivesse chegado. Talvez a tradução **estivesse já perto** tenha sido preferida por mitigar a dificuldade envolvida.

Bicknell diz: "A resposta é que o período designado pelo termo 'dia' já começara e a aparição visível do Senhor seria literal em questão de minutos. Os desesperançados ["os de pouco ânimo", 1 Ts 5.14] sentiam que estavam interiormente despreparados e os ociosos ["os desordeiros", 1 Ts 5.14] perceberam que não havia motivo para permanecer no trabalho".[4] É óbvio que quando alguns afirmaram que o dia do Senhor chegara, eles não queriam dizer que os acontecimentos solenes e gloriosos ligados a esse dia já tinham acontecido (ver comentários em 1 Ts 5.2). Mas, se o dia tivesse começado, os acontecimentos relacionados ao tempo do fim ocorreriam a qualquer momento.

A refutação de Paulo desta noção é cortante: **Ninguém, de maneira alguma, vos engane** (3). A prova de que o **Dia** do Senhor não chegara é que certas evidências necessárias relacionadas a esse **Dia** ainda não tinham ocorrido. Estas evidências são, primeiramente, **a apostasia**, e em segundo lugar, a manifestação do **homem do pecado, o**

filho da perdição. Começando com **porque... sem** (3), temos no original grego uma declaração inacabada, uma frase condicional sem a designação da coisa que está condicionada. O que quer que fosse era compreendido pelos leitores originais, mas as traduções têm de acrescentar alguma expressão como **não será assim** ou "isto não acontecerá" (AEC, RA; cf. BAB) para que faça sentido.

Em grego, há o artigo definido, por isso o sujeito é *a* **apostasia** (gr., *apostasia*). As interpretações deste evento são diversas. Certos expositores afirmam que se refere principalmente a uma revolta de todos contra Deus e seu domínio no mundo em geral (Frame,[5] Morris,[6] Barclay,[7] Bicknell[8]); outros dizem que é **a apostasia** dentro da igreja (Erdman,[9] Ockenga,[10] Hendriksen,[11] Mason[12]). Robertson conclui: "Não está claro se Paulo quer dizer revolta dos judeus contra Deus, dos gentios contra Deus, dos cristãos contra Deus, ou da apostasia que inclui todas as classes e sem o corpo de cristãos"[13] (cf. Mt 24.4,5,10-13; 1 Tm 4.1).

A apostasia tem obviamente relação muito estreita com a revelação (*apokalypsis*) do **homem do pecado** (ver comentários sobre *apokalypsis* em 1.7); mas essa relação não é necessariamente simultânea. O uso do termo **se manifeste** relativo à vinda do **homem do pecado** indica um aspecto sobrenatural ou misterioso. Dá a entender que ele está agora escondido e que será manifestado ou exposto de repente.

Os manuscritos mais antigos têm "o homem da ilegalidade" (*anomias*; ou "o homem sem lei", CH) no lugar de **o homem do pecado** (*hamartias*). O significado quase não muda, visto que pecado é ilegalidade (1 Jo 3.4). Este personagem também é **o filho da perdição** ("o filho da destruição", NASB; "o homem sentenciado à perdição", NEB; cf. NTLH). O "homem da ilegalidade" e o **filho da perdição** são hebraísmos (ver comentários sobre os "filhos da luz" em 1 Ts 5.5). O traço característico essencial deste **homem** é a ilegalidade e seu destino é a destruição. No versículo 8, ele é denominado simplesmente de *ho anomos*, "o sem lei" ("o iníquo").

Os métodos de harmonização do versículo 3 com os ensinos escatológicos da primeira carta são numerosos. Certos expositores, influenciados pelo suposto conflito de pontos de vista, são propensos a negar (sem necessidade) a autoria paulina da segunda carta. O problema gira em torno do aparente conflito entre a iminência e subitaneidade da volta de Cristo, na primeira carta, e a indicação de demora acoplada com sinais antecedentes, nesta carta. Poderíamos comentar que, de acordo com 1 Tessalonicenses 5.1-11, o dia do Senhor vem "como o ladrão" para aqueles que são "da noite" e "das trevas". As idéias de subitaneidade e sinais quase sempre estão juntas e não são incompatíveis (cf. tb. comentários em 1 Ts 4 sobre o significado da iminência conforme se relaciona com a proximidade).

Certas opiniões dispensacionais e pré-milenares (*e.g.*, o arrebatamento secreto antes da tribulação) precisam, ao que parece, de apoio ao atribuir a escatologia básica da primeira carta ao arrebatamento (*parousia*) e a da segunda carta à revelação (*apokalypsis*) acompanhada de julgamento. Há expositores que diferenciam o "Dia do Senhor" e o **Dia de Cristo** (2). Mas o "Dia do Senhor" é a leitura preferida conforme atestam as traduções mais recentes (cf. BAB, BJ, BV, CH, NTLH, NVI, RA). No lugar de **apostasia** (3), Wuest traduziu por "partida" (significando o arrebatamento), desta forma evitando o problema para certa teoria, mas levantando outro problema.[14] Todos os expedientes acima tendem a criar mais problemas que resolver. As cartas tessalonicenses não apóiam

uma diferenciação básica de tempo entre o "arrebatamento" e a "revelação". Quando lemos as duas cartas sem o conceito que liga imediação e iminência, e sem a predisposição para certos pontos de vista dispensacionais, o problema da harmonização acaba em grande parte.

2. *A Descrição do Homem do Pecado* (2.4-10)

O homem do pecado **se opõe e se levanta contra tudo o que se chama Deus** ("a qualquer deus que houver", BV) **ou se adora** ("ou é objeto de culto", AEC, RA; cf. BJ, BV, NVI); **de sorte que se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus** (4; "proclamando que ele mesmo é Deus", NVI; cf. BV). Este homem se opõe e desafia Deus, se exalta acima de todos os objetos de culto, desta forma reivindicando temerária e blasfematoriamente deidade para si.

A linguagem aqui provém indubitavelmente em parte de Daniel 7 e 8. A profecia de Daniel tivera cumprimento parcial (talvez cumprimento inicial seja expressão melhor) nos acontecimentos da história judaica que prenunciavam a vinda do homem do pecado. Em cerca de 168 a.C., Antíoco Epifânio colocara no Templo um altar dedicado a Zeus e sacrificara porcos na área do Templo, fatos que desencadearam a guerra macabéia pela independência. Em 40 d.C., o imperador Calígula tentara erigir no Templo uma estátua de sua pessoa. Mas a descrição de Paulo vai muito além destes lampejos débeis (cf. tb. Mc 13.14). É comum os expositores identificarem o homem do pecado com o anticristo mencionado nas epístolas de João (1 Jo 2.18,22; 4.3; 2 Jo 7) e a besta de Apocalipse 13.1. Muitos estudiosos protestantes dos últimos séculos afirmam que a identidade do "homem sem lei" é o papa ou a igreja católica romana. Escritores mais antigos diziam que era o imperador Nero, ao passo que intérpretes do século XX nominam o kaiser Wilhelm, Mussolini, Hitler e Stálin. Qualquer pretenso conquistador sempre será identificado por alguém como o homem do pecado.

Os comentaristas reputam que o **templo de Deus** (4) é um templo reconstruído em Jerusalém, ou a igreja, ou até o céu. De acordo com Morris,[15] é melhor entender que se trata de um edifício que se torna o santuário para esta adoração blasfema.

Na forma de branda repreensão, Paulo lembra os leitores da instrução previamente dada a eles sobre este assunto. Está perfeitamente claro que ele não está mudando os ensinamentos sobre a vinda expostos na primeira carta. **Não vos lembrais de que estas coisas vos dizia** (o tempo imperfeito pode ser traduzido por: "eu costumava dizer-vos estas coisas", RA, cf. NVI) **quando ainda estava convosco?** (5). Paulo recorre ao conhecimento que já tinham, desta forma eximindo-se de descrever os detalhes como os leitores modernos gostariam que ele tivesse repetido. Não há como saber tudo que os crentes tessalonicenses aprenderam minuciosamente sobre o homem do pecado. É lógico que esta passagem seria menos obscura se conhecêssemos o teor desses ensinamentos.

O versículo 6 é particularmente difícil: **E, agora, vós sabeis o que o detém, para que a seu próprio tempo seja manifestado**. "E, agora, sabeis o que o detém, para que ele seja revelado somente em ocasião própria" (RA; cf. NVI). Pela gramática grega, **agora** pode modificar **sabeis** ou **detém**. Algo ou um poder está detendo o homem do pecado até chegar o tempo certo para a sua revelação. Os leitores tessalonicenses, diz Paulo, conheciam a identidade do detentor. Os leitores modernos não sabem quem é e, portanto, não podem ser dogmáticos nessa interpretação.

Porque já o mistério da injustiça ("mistério da ilegalidade", segundo os melhores textos gregos) **opera** (7). A ilegalidade ou iniqüidade (cf. BAB, NVI, RA) opera como uma força secreta e invisível na sociedade e nos indivíduos. É satânico e poderoso, mas está providencialmente sob controle. É um **mistério** porque suas operações secretas são profundas demais para a compreensão humana e também porque a revelação se dará no devido tempo. Esta força que desafia Deus produzirá o homem do pecado e a grande rebelião (cf. 3, BV). Paulo declara a razão de o homem do pecado não ter aparecido ainda: **Somente há um que, agora, resiste até que do meio seja tirado** (7). "E aguarda somente que seja afastado aquele que agora o detém" (RA; cf. BJ, NVI). No versículo 6, o detentor está no gênero neutro, e no versículo 7, no masculino. Essa diferença pode indicar algo concebido como abstrato de um ponto de vista e pessoal de outro.[16] Talvez seja uma força impessoal que se julgue ser personificada.[17] Os comentaristas têm diferentes opiniões quanto à identidade do detentor: é um anjo, o próprio Satanás, o estado judeu, o império romano e o Espírito Santo. A idéia é que o Espírito Santo habita na igreja e que ele será **tirado** do **meio** no arrebatamento dos santos; mas essa proposta requer certa interpretação dispensacional. Esta é uma das maiores dificuldades deste ponto de vista. Além disso, por este ponto de vista, é difícil explicar o linguajar velado do apóstolo.

Paulo tinha considerável razão para ter em conta que a lei e a ordem romana de seus dias eram um poder que detinha a ilegalidade (cf. Rm 13.1-7). Talvez sua intenção fosse mencionar com cautela a previsão do fim do império romano. Se, em seus dias, Paulo considerava que a ordem romana, personificada possivelmente no imperador, fosse o poder restritivo da iniqüidade absoluta, é correto levarmos o conceito à idéia de governo civil de qualquer época. É justamente o que Paulo faz, ao generalizar esse ponto em Romanos 13. Ockenga é convincente ao comentar: "A interpretação mais aceitável é que este [detentor] diz respeito ao Espírito Santo que trabalha na graça comum através do governo civil. Quando o governo civil desaba e ocorre a falência da lei restritiva, o resultado é ilegalidade".[18] Mas se os leitores modernos não podem identificar com certeza o detentor, eles podem se alegrar na verdade maior de que Deus está no controle soberano do mundo. Ele fixa os limites da maldade. O homem do pecado só será revelado **a seu próprio tempo**, ou seja, no momento determinado.

Com a brevidade que omite todos os detalhes que satisfariam os curiosos, mas que, ao mesmo tempo, leva ao primeiro plano a mensagem moral e espiritual, Paulo continua: **E, então, será revelado o iníquo** (8; lit., "o sem lei", NASB; cf. CH), **a quem o Senhor**[19] **desfará** ("matará", NTLH, NVI, RA)[20] e **aniquilará** ("destruirá", BV, NTLH, NVI, RA). A parte final do versículo 8 descreve como o fato se dará: **Pelo assopro da sua boca** e **pelo esplendor da sua vinda**. Esta última frase combina duas palavras que são, na realidade, sinônimos da volta de Cristo. O termo grego *epiphaneia* (**esplendor**) era "muito usado pelos gregos para referir-se a uma manifestação gloriosa dos deuses, e particularmente à sua vinda para ajudar".[21] Aqui transmite a idéia da aparição de Cristo em brilho e fulgor (quanto ao significado de **vinda** [*parousia*], ver comentários em 1 Ts 2.19). A presença gloriosa de Cristo é suficiente para acabar com o homem sem lei, que representa a maldade no ápice do poder temerário. Que aviso para os ímpios, que presumem que Deus é impotente ou indiferente em face do pecado!

Tendo assegurado aos leitores o destino final do homem sem lei, Paulo retoma a descrição direta desse indivíduo: **A esse cuja vinda** (*parousia*) **é segundo a eficácia**

(*energeian*) **de Satanás** ("de acordo com a atividade de Satanás", NASB; cf. BJ, NVI) **com todo o poder, e sinais, e prodígios de mentira** (9). Os paralelos com a pessoa e obra de Cristo são óbvios e intencionais. O homem sem lei também tem sua *parousia*. Todos os três substantivos são usados em alusão ao ministério de Cristo: **poder** (*dunamis*; a sugestão é de força sobrenatural), **sinais** (milagres certificadores que apontam mais que si mesmos) e **prodígios** ("maravilhas", Weymouth, NTLH, NVI). Quanto a estes três substantivos serem relacionados a Cristo, ver Atos 2.22, Romanos 15.19, 2 Coríntios 12.12; Hebreus 2.4. Pela gramática grega, todas as três palavras podem ser modificadas por **mentira**. Todas se originam da falsidade e da intenção de enganar, mas isto não significa necessariamente que estes fatos extraordinários sejam mero embuste. O pensamento continua no versículo seguinte: **E com todo engano da injustiça** (10; ou "engano da maldade", NASB; cf. NTLH; "sedução ilimitada para o mal", NTA). **Para os que perecem** é, literalmente, "para os [ou nos] perecidos" (cf. NVI; cf. tb. o mesmo tipo de contraste com "os salvos" em 1 Co 1.18; 2 Co 2.15; 4.3).

Com **sinais** e **prodígios** o homem sem lei seduzirá, persuadirá e enganará os perecidos, os quais estão em nítido contraste com os salvos. Eles são enganados e estão perecendo, **porque não receberam o amor da verdade para se salvarem** ("para serem salvos", RA). A falha não é por ignorarem ou terem uma compreensão errônea da **verdade**, mas por serem inóspitos à **verdade** — recusam-na recebê-la (cf. 1 Ts 1.6; 2.13). O problema é moral, questão de escolha. A conclusão clara é "que Deus lhes enviara o poder para criar neles o amor pela verdade, mas eles acintosamente recusaram receber esse poder ou cooperar com ele".[22] Não é apenas a Verdade (a **verdade** salvífica conforme está encarnada na pessoa de Cristo) que é oferecida aos homens, mas também a capacidade graciosa de avaliar, adotar e amar a **verdade**. Mas nos perecidos, tudo isso é rejeitado, e o item que rejeitam é a única esperança de salvação para eles.

Em geral, há duas vertentes de pensamento quanto à identidade do homem do pecado. A primeira o identifica indiscutivelmente com o nome de uma pessoa ou classe de indivíduos, do passado ou do presente — Nero (redivivo), ou outro imperador romano, ou os imperadores em geral; o papado (ver o prefácio da KJV, ou a Confissão de Fé de Westminster); ou muitas outras pessoas infames, tanto históricas quanto contemporâneas. A segunda vertente de interpretação vê nesta passagem somente os símbolos de conflito cósmico entre o Reino de Deus e o reino de Satanás: convicções teológicas expressas em símbolos que não são redutíveis a espaço e tempo. Este ponto de vista diverge de toda interpretação que não esteja "fora da história", quer do passado, presente ou futuro.[23]

É verdade que nas epístolas de João o anticristo (termo cunhado posteriormente para aludir ao homem sem lei) é tanto uma tendência quanto uma pessoa, a primeira opção levando à última. Há também muitos anticristos (Mt 24.5,24; Mc 13.22; 1 Jo 2.18; 2 Jo 7) que mais ou menos se aproximam da descrição paulina do homem do pecado. A tendência ou influência do anticristo é reconhecível nas forças e movimentos políticos, sociais e religiosos, do passado e do presente, que promovem a ilegalidade e o ateísmo, quer de modo sutil quer de modo militante. Não obstante, o quadro de Paulo é de um homem do tempo do fim (não é Satanás encarnado), consagrado e controlado por Satanás, que será a encarnação final da rebelião contra Deus e cuja destruição ocorrerá na segunda vinda de Jesus Cristo.

3. *As Conseqüências da Perversidade* (2.11,12)

Os dois versículos que encerram esta subdivisão destacam novamente seu tema principal: Deus está no controle, e ele se submeterá ao seu propósito pouco importando o que o mal faça. Os crentes não precisam ter medo do homem do pecado. Falando sobre os que seguirem esse indivíduo, Paulo continua: **E, por isso** (11; "por essa razão", NVI; cf. RA), **Deus lhes enviará** (lit., "envia", AEC, BAB, CH, NTLH, NVI, RA; cf. BJ) **a operação do erro** (lit., "a energia da ilusão", cf. CH, NVI), **para que creiam a mentira** ("para que confiem em uma fraude completa", CH), **para que sejam julgados** (12; ou "condenados", BJ, NTLH, NVI) **todos os que não creram a verdade; antes, tiveram prazer na iniqüidade.**

Há três fases na degradação destas pessoas rumo à perdição final. A primeira é "porque não receberam" (10). Tendo o poder de escolher e receber a verdade, eles voluntariamente a rejeitam. A segunda fase é, tendo rejeitado a verdade, eles creram na **mentira**. Eles perderam a capacidade de dizer a diferença entre a verdade e o erro. Isaías 5.20 os descreve: "Ai dos que ao mal chamam bem e ao bem, mal! Que fazem da escuridade luz, e da luz, escuridade, e fazem do amargo doce, e do doce, amargo!" Agora eles aprovam ou se deliciam na maldade. A terceira fase é que eles sofrem o inevitável julgamento de Deus (12).

Vemos nisso Deus trabalhando, não arbitrariamente, mas pela lei moral, para cumprir seus propósitos justos. O pensamento-padrão hebraico é deixar de lado as causas secundárias e atribuir tudo que acontece à atividade direta de Deus (cf. Êx 9.7,12; 2 Cr 18.22). Muitas vezes nossa tendência é o oposto: exaltar uma suposta lei impessoal. Claro que a lei moral não é auto-operacional; é o método de Deus com os homens. O ponto é que Deus não age enviando caprichosamente uma influência ilusória sobre os desdenhadores da verdade. O universo é um cosmo moral e não um caos moral. A conseqüência da rejeição acintosa da luz é chegar a um estado onde as trevas já não são distinguíveis da luz e, assim, chegar à ruína final. Esta passagem deve ser comparada com Romanos 1.18-32.

Esta subdivisão (1-12) oferece verdades notáveis acerca da maneira que Deus lida com os homens, e sobre o caráter do pecado e do coração humano não regenerado. Poderíamos esboçar a passagem devocionalmente mais ou menos assim: 1) A esperança cristã ou a estabilidade cristã, 1,2; 2) A culminação do mal ou o pecado desmascarado, 3-5; 3) O poder restritivo ou o propósito divino, 6,7; 4) A falsificação final ou a falsidade do pecado, 9-11; 5) A segurança do crente ou o amor da verdade, 10b; 6) O julgamento infalível ou o salário do pecado, 11,12.

B. A Eleição da Graça e os Herdeiros da Esperança, 2.13-17

Paulo abandona abruptamente o quadro sombrio que ele achou necessário pintar nos versículos precedentes, e se dedica ao tema do encorajamento, usando quase as mesmas palavras de 1.3. Há uma comparação intencional entre "os que perecem" (10) e os eleitos **para a salvação** (13); "a operação do erro" ou "a energia da ilusão" (11) e a **santificação do Espírito** (13); o crer na "mentira" (11) e a **fé da verdade** (13); "para que sejam julgados todos" (12) e **para alcançardes a glória de nosso Senhor Jesus Cristo** (14).

Os comentaristas citam com freqüência que temos aqui a teologia paulina em poucas palavras. O pensamento muda do propósito eterno de Deus antes dos tempos para a consumação da salvação no fim dos tempos. É teórico e prático. Implica na graça de Deus e na resposta do homem.

Há, por ordem, ação de graças (13,14), exortação (15) e oração (16,17). O efeito do parágrafo é gerar confiança e certeza nos leitores. Quase todas as palavras na passagem foram previamente usadas nesta e na primeira carta (para inteirar-se de explicações de **mas devemos sempre dar graças a Deus**, 13, ver comentários em 1.3; e quanto a **irmãos amados do Senhor**, ver explicações em 1 Ts 1.4).

Os versículos precedentes pintaram o quadro terrível do mistério da ilegalidade e do poder do mal em ação no mundo. É o suficiente para fazer estremecer o coração. Mas apesar disso, Paulo se engaja em ação de graças **por vos ter Deus elegido desde o princípio para a salvação** (13; cf. Rm 8.28-30; Ef 1.4; 1 Ts 5.9).[24] A **salvação** não foi algo providenciado por **Deus** depois da queda do homem; **Deus** não foi pego de surpresa pelas forças do mal. **Deus** não planeja a ruína do homem, mas deseja a sua salvação. Esse plano estava pronto **desde o princípio**, pois ele previu a má situação do homem. Paulo se alegra por **Deus** ter **elegido** os homens **para a salvação** "antes da fundação do mundo" (Ef 1.4). Esta eleição é de todos aqueles que confiam em Cristo (ver comentários em 1 Ts 1.4).

A força desta verdade nos crentes tessalonicenses é que, visto que eles agora confiam em Cristo, eles fazem parte do propósito eterno e provisão amorosa de **Deus**; portanto, não há o que temer. Este texto não indica eleição incondicional; as expressões subseqüentes mostram justamente o oposto. Paulo está dizendo que, propelido pelo amor, **Deus** tomou a iniciativa eterna de nossa **salvação** (cf. Jo 15.16). Ele fez o convite gracioso e forneceu o meio indispensável à sua aceitação. Não há lugar para mérito ou ostentação humana.

Neste texto, **salvação** (13) envolve a mais ampla varredura da palavra, embora a referência primária seja indubitavelmente à **salvação** final — o objetivo ou meta do propósito de Deus.

Deus providenciou o meio de **salvação**, aqui apresentado em duas partes: a) **Em santificação** (13; *en hagiasmoi*; ver comentários em 1 Ts 4.3,4,7) **do Espírito**[25] e b) **fé da verdade** ("fé na verdade", AEC, NVI, RA; cf. NTLH). Há dois lados na questão da **salvação**. A iniciativa e o poder são de **Deus**; a resposta necessária é do homem. A graça de **Deus** não subjuga nem cancela a responsabilidade do homem. A **salvação** é questão moral; portanto, acarreta em escolha real.

Em seu sentido mais amplo, **santificação** é a obra de transformação que Deus faz no homem, envolvendo a crise de renovação inicial e a crise de purificação total, bem como o processo de crescimento na graça; é moral e ética. O homem, de livre cooperação com o Espírito e por meio da capacitação da graça que lhe é fornecida, crê no evangelho e, especificamente, aceita Cristo, a Verdade (cf. Jo 17.17). "Na salvação, há a inter-relação entre a obra do Espírito de Deus e a obra do espírito humano. Não é um decreto arbitrário, o qual é automaticamente obedecido por submissão humana ou que todos aceitariam, visto que é a vontade de Deus que todos os homens venham ao pleno conhecimento da verdade, mas depende de nossa resposta ao Espírito de Deus".[26]

O que Deus planejou em seu eterno conselho, ele ofereceu aos tessalonicenses em sua providência: **Para o que, pelo nosso evangelho, vos chamou** (14; ver comentários em 1 Ts 2.12; 5.24). "Foi para isso que os chamou quando lhes pregamos o evangelho" (CH; cf. 1 Ts 1.5). Paulo vê a si mesmo e a sua pregação — **nosso evangelho** — como o instrumento nas mãos de Deus para ocasionar o chamado de Deus à salvação. Embora a salvação seja uma realidade presente, a meta última é a glória futura: **para alcançardes** ("para ganhardes", NASB) **a glória de nosso Senhor Jesus Cristo** (ver comentários em 1 Ts 1.10; 2.12). Pertencer a Cristo é tomar parte na sua glória (cf. 14, BJ, NTLH; cf. tb. Jo 17.24; Rm 8.30).

O conceito da Trindade está implícito nestes versículos; todas as três Pessoas estão envolvidas na obra de salvação.

O ponto fora de discussão é que nossa salvação foi enraizada no amor, planejada na eternidade, iniciada no tempo e consumida na glória. Em essência, a salvação é totalmente da graça, já que se originou da escolha amorosa de Deus, foi elaborada pelo poder do Espírito de Deus, dada na resposta ao chamado de Deus e aperfeiçoada na glória do Filho de Deus.

Este é o plano adequado e glorioso de Deus para o seu povo. Paulo exorta os perseguidos e os de pouco ânimo: **Então** ("por isso", CH), **irmãos, estai firmes** ("permanecei firmes", AEC, RA; cf. BV, CH, NVI), **e retende as tradições que vos foram ensinadas, seja por palavra, seja por epístola nossa** (15). Não há base para falsa segurança, como se o destino dos crentes tessalonicenses já estivesse fixo, mas *há* motivo para ter certeza enquanto permanecerem **firmes**. Deus providenciou tudo que é preciso para os eleitos, entre os quais estes estão enumerados (ver comentários em 1 Ts 1.4ss.).

Tradições (15; *paradoseis*) se refere ao que é dado ou transmitido para outrem. Por exemplo, os preceitos ou doutrinas entregues por Moisés e os profetas, quer por escrito ou oralmente, são **tradições**.[27] Servindo-se do verbo grego relacionado *paredoka*, Paulo usa o mesmo conceito em 1 Coríntios 11.23 ("ensinei"; ou "entreguei", RA) e 15.3 ("entreguei"). É a origem das **tradições** que estabelece o seu valor (cf. Mc 7.8; Cl 2.6-8). O ensino de Paulo não se originou nele mesmo. A menção a **epístola nossa** fornece luz interessante sobre os conceitos de inspiração e canonicidade. A referência é provavelmente a 1 Tessalonicenses. Na ausência relativa de ensinos escritos, a instrução oral, **por palavra**, tinha de bastar. Com a formação do cânon do Novo Testamento, o ensino oral ficou sujeito aos escritos apostólicos.

Em grego, **retende** é uma expressão forte, que significa "ter um agarro imperioso em".[28] A sã doutrina é vital. Os crentes tessalonicenses devem desconsiderar as opiniões de teoristas e fanáticos, e aderir-se à "palavra".

É característica de Paulo concluir uma subdivisão doutrinária com oração. **E o próprio nosso Senhor Jesus Cristo** (16; ver comentários em 1 Ts 1.1). O termo **próprio** ressalta que a exortação do versículo anterior (15) só pode ser obedecida com ajuda divina. É o **nosso Deus e Pai, que nos amou**. É ele que **em graça nos deu uma eterna consolação** ("encorajamento eterno", Moffatt; "ânimo interminável", CH; cf. BV) **e boa esperança** (16). E que Deus **console o vosso coração e vos conforte** ("dêem ânimo" e "fortaleçam", NVI; cf. BJ, NTLH) **em toda boa palavra e obra** (17).[29]

Note que esta junção de **Jesus** e **Deus... Pai** na oração, junto com o uso dos verbos gregos no singular (**amou**, **deu** [16], **console**, **conforte** [17]) regidos pelo sujeito composto, implica na mais alta concepção possível da deidade de Jesus Cristo.

Em grego, as palavras **consolação** (16) e **console** (17) são derivadas da mesma palavra *parakaleo* e dão a entender a obra do Espírito Santo, que é o Consolador. O significado é encorajamento e fortalecimento mais que consolo no sentido comum. Esta **consolação** ("encorajamento", "ânimo") é **eterna**, porque se origina no propósito eterno de Deus; é continuamente presente e infalível para o futuro. Os termos **nos amou** e **nos deu** nos fazem lembrar João 3.16. São indicações da obra de **Cristo** em sua morte expiatória, como também do dom do Espírito para a igreja. A **esperança** cristã é a **boa esperança** em comparação com as esperanças ilusórias e incertas, que se baseiam em mero planejamento humano. O pedido confiante de Paulo pelos crentes é que o próprio **Deus** lhes **console** o coração, quer dizer, lhes encha a mente e a vontade de coragem e ânimo, e os **conforte**, quer dizer, os fortaleça e os ampare diante das aflições e provações. O resultado prático disso será a **boa... obra** (a vida cristã fiel) e a **boa palavra** (o testemunho cristão retumbante). (Quanto a **esperança** e **graça**, ver comentários em 1 Ts 1.1,3.)

Neste parágrafo, temos o tema "Encorajamento para os Cristãos": 1) Deus vos escolheu, 13,14; (2) **Estai firmes**, 15; 3) Há ajuda ao longo do caminho, 16,17 (A. F. Harper).

Seção III

DISCIPLINA PARA OS DESORDEIROS

2 Tessalonicenses 3.1-18

A. Orações e Confiança Mutuamente Necessárias, 3.1-5

Com o começo do capítulo 3, o conteúdo da carta muda; passa de assuntos doutrinários para assuntos práticos. Antes de dar instruções diretas relativas ao elemento desordenado que havia na igreja (6-15), Paulo aborda o assunto diplomaticamente com o apelo e a expressão de confiança contidos nos primeiros cinco versículos.

De forma humilde e afetuosa, o apóstolo pede oração por si e seus companheiros (ver comentários em 1 Ts 5.25). O pedido tem duas petições específicas. A primeira revela a paixão da alma de Paulo. **No demais, irmãos, rogai por nós, para que a palavra do Senhor tenha livre curso** ("se espalhe rapidamente", BV; cf. NTLH, NVI) **e seja glorificada, como também o é entre vós** (1; "como aconteceu entre vós", BJ, cf. BV, NTLH, NVI). Em grego, todos os três verbos (**rogai**, **tenha livre curso**, **seja glorificada**) estão no tempo presente e transmitem o pensamento de ação contínua. Em linguagem figurada, o apóstolo pinta a **palavra do Senhor** (ver comentários em 1 Ts 1.8) como um corredor que corre direto para o sucesso e triunfo (cf. Sl 147.15; At 12.24; 13.48; 19.20). Na idéia de a **palavra** ser **glorificada** há o pensamento do reconhecimento de suas qualidades gloriosas e a manifestação do seu poder em transformar vidas. O sucesso do evangelho em Tessalônica (cf. 1 Ts 1.1-10) dá o exemplo. Aqueles que, como os crentes tessalonicenses, conhecem o poder de Deus na experiência pessoal estão mais bem qualificados para fazer semelhante oração.

Esta é uma petição grandiosa e ousada que todo cristão deve imitar. A grande necessidade em nossos dias é que, pelas oportunidades incomparáveis que a mídia atual oferece, a Palavra transformadora do Senhor se espalhe em sua missão de

evangelizar o mundo. Pregada e ensinada no Espírito e regada com oração, a **Palavra do Senhor** triunfará hoje como triunfou naquele tempo.

Devemos ver a segunda petição no contexto das dificuldades de Paulo ao fundar a igreja na cidade de Corinto (cf. At 18.1-18). Origina-se da primeira petição e é em prol do evangelho. **E para que sejamos livres de homens dissolutos e maus; porque a fé não é de todos** (2; "nem todos os homens têm fé", CH; cf. BJ). O significado da raiz grega de *atopos* (**dissolutos**) é "fora de lugar" (a mesma palavra ocorre em Lc 23.41, "mal"). As conotações da idéia são "perversos" (AEC, BAB, NVI, RA, Weymouth), "teimosos" (NEB), "fanáticos" (CH), ou até "ultrajantes" e "absurdos". Todo aquele cujo ministério se torna uma ameaça para o reino do diabo sofrerá, como Paulo, este tipo de oposição irracional e ridícula. Paulo não pede necessariamente que tais opositores deixem de agir (pois ele reconhece tristemente que haverá pessoas como estas que acintosamente rejeitam a fé que salva), mas que ele seja salvo de suas maquinações. Sem essa ajuda sobrenatural a igreja seria vencida (cf. Mt 10.16ss.; Lc 12.32).

A direção do pensamento segue uma associação de idéias e possivelmente um jogo de palavras. A ordem das palavras em grego é "porque não todos têm fé" (*pistis*). Mas, **fiel** (*pistos*) **é o Senhor** (3). O apelo é afastado dos homens e colocado na fidelidade de Deus, expressão bem conhecida de Paulo (cf. 1 Co 1.9; 10.13; 1 Ts 5.24).

No versículo 3, Paulo muda abruptamente de pedido. Depois de pedir por si, ele se preocupa de novo com seus leitores. Eles precisavam ser guardados do maligno, em cuja estratégia havia o engano como "anjo de luz" (2 Co 11.14) e a pressão da perseguição como "leão que ruge" (1 Pe 5.8, RA).

O apelo ao caráter revelado de Deus, apesar de todas as aparências ou circunstâncias externas que militam contra a fé, é uma das características básicas das cartas tessalonicenses. O mesmo é verdade acerca do ensino sobre assuntos morais ou acontecimentos futuros. A fidelidade de Deus — esta é a âncora da alma na tempestade e nas trevas (cf. a mesma verdade em Is 40). Os crentes podem confiar em Deus, pois ele **vos confortará** ("tornará firmes", BAB; "fará inabaláveis", Weymouth; "fará [...] fortes", BV; "fortalecerá", NVI; cf. BJ) **e guardará** ("protegerá", Moffatt; cf. CH) **do maligno** (3). As palavras gregas *tou ponerou* referem-se ao mal como um princípio ou ao próprio Satanás.

A confiança na fidelidade do Senhor conduz a uma expressão de confiança nos leitores, os quais pertencem ao Senhor: **E confiamos de** ("quanto a", BAB, CH) **vós no Senhor, que não só fazeis como fareis** ("que fazeis e continuareis a fazer", AEC; cf. NTLH, NVI) **o que vos mandamos** (4). "Confiamos no Senhor quanto a vós" é expressão que afirma de forma bem resumida os fatores divinos e humanos envolvidos na obra bem-sucedida da igreja. A confiança, no que tange ao assunto, não é somente no Senhor independente da cooperação humana. E é lógico que a confiança não deve estar apenas nas pessoas. A confiança de sucesso está bem fundamentada quando os homens se mantêm nas mãos do Senhor, e quando o Senhor tem a liberdade de trabalhar pelos canais humanos obedientes. A palavra grega traduzida por **mandamos** é uma expressão forte, comumente usada em referência a ordens militares. O mesmo termo é usado nos versículos 6, 10 e 12. Paulo está preparando taticamente os leitores para as medidas disciplinares que se seguirão.

Em conformidade com sua característica, imediatamente antes de aplicar as repreensões necessárias, o apóstolo irrompe em oração. Como Paulo orava por seus filhos na fé! A oração é sobre amor e paciência, qualidades particularmente necessárias na situa-

ção a ser discutida. **Ora, o Senhor encaminhe** ("guie", Weymouth, CH; cf. NVI, RA) **o vosso coração na caridade** ("ao amor", AEC, RA; cf. BJ) **de Deus e na paciência** ("à constância", AEC; "perseverança", BAB, BJ, BV, NVI; "firmeza", NTLH) **de Cristo** (5). A referência da última frase diz respeito à constância paciente ou firme de Cristo (cf. Hb 12.1-3; para inteirar-se de uma análise de **encaminhe**, ver comentários em 1 Ts 3.11).

Este texto está falando da primazia da vida interior dos cristãos. A linguagem enfática revela que é importante Deus estar no controle dos corações dos tessalonicenses (ver comentários em 1 Ts 3.13), e que eles não devem permitir que assuntos menos importantes obscureçam esta questão central. No uso paulino, o amor de Deus significa comumente o amor de Deus por nós, e, em relação a isso, tem a ver com a certeza desse amor. Um significado secundário seria o nosso amor por Deus crescendo em qualidade e expressão.

Barclay sugere que temos aqui "a característica interior e a característica exterior dos cristãos".[1] O fator interno é a consciência do amor de Deus, com a certeza e segurança que isso traz; o elemento externo é a firmeza que Cristo dá. "A característica exterior dos cristãos é que, quando outros caem, ele permanece em pé, e quando outros desabam, ele assume a carga e continua em frente. Com o amor de Deus no coração e a força de Cristo na vida o homem enfrenta qualquer coisa."[2]

B. Trabalho e Quietude Comandados aos Preguiçosos, 3.6-12

Esta carta recebe muito espaço para tratar dos irmãos desordeiros e preguiçosos na igreja. Este fato mostra que o problema ficara mais sério que na época da escrita da primeira carta, na qual há relativamente pouco espaço dedicado a esse assunto (cf. 1 Ts 4.11,12; 5.14). É claro que os preguiçosos não tinham atendido a primeira carta. Portanto, medidas mais fortes devem ser tomadas.

A expressão **em nome de nosso Senhor Jesus Cristo** (6), conforme é usada aqui, significa "pela autoridade de Jesus Cristo" (cf. BV). É dessa forma que Paulo comanda a igreja, a qual é tratada por **irmãos**. A ordem é autorizada, mas mesmo assim o apelo é de irmão para **irmãos**. A ordem é **que vos aparteis de** ("mantenhais afastados de", RSV) **todo irmão que andar desordenadamente** ("que estiver vivendo em ociosamente", RSV; cf. NVI). O apóstolo os lembra que não foi este o tipo de ensinamento que eles lhes dera; este ensinamento **não** foi **segundo a tradição que de nós** (ele) **recebeu** ("vós recebestes", BAB, cf. RA).[3]

O termo grego *ataktos* (**desordenadamente**) é a mesma palavra traduzida por "desordeiros" em 1 Tessalonicenses 5.14 (ver comentários ali). Barclay escreve: "A palavra significa *gazear*. Ocorre, por exemplo, em *papiros*, em contrato de aprendiz, no qual o pai concorda que o filho tem de repor os dias em que este se ausentar do dever ou matar aulas".[4] Talvez em virtude da empolgação sobre a vinda do Senhor, os irmãos desordeiros estavam vadiando, recusando-se a trabalhar, afastando-se de suas obrigações e não assumindo nenhuma responsabilidade. Esta conduta provavelmente os levou a serem intrometidos (cf. 11), e até a dependerem das pessoas para terem o que comer (cf. 12).

A igreja é uma comunidade social que arca com a responsabilidade pela conduta de seus membros. Ela não pode ficar indiferente a estes irmãos desordeiros. Para preservar padrões cristãos, os desordeiros têm de sentir a pressão do sentimento cristão contra tal conduta

irresponsável. A igreja deve evitar a companhia estreita com os vadios, a fim de envergonhá-los (cf. 14). O texto não está falando de excomunhão ou de ostracismo total, mas de uma indiferença social que indica que um padrão foi levantado, e que violá-lo provoca a repreensão da igreja. O apóstolo ressaltou a importância da **tradição** em 2.15 (ver comentários ali).

Para reforçar a ordem, Paulo recorre primeiro ao seu exemplo e ao dos seus companheiros quando estavam em Tessalônica (7-9), e depois à instrução dada naquela época (10). **Porque vós mesmos sabeis como convém imitar-nos** (7; para inteirar-se de comentários sobre expressão semelhante e sobre esta idéia, ver análise em 1 Ts 1.6). **Pois que não nos houvemos desordenadamente entre vós** (7) — claro que estas palavras eram uma indireta! **Nem, de graça, comemos o pão de homem algum** (8). Este hebraísmo contém a idéia ampla de ganhar a vida; "não aceitamos casa e comida de ninguém sem pagar" (NEB; cf. CH, NTLH). **Mas com trabalho e fadiga** ("labor e dificuldade", NASB; cf. 1 Ts 2.9 e comentários ali), **trabalhando noite e dia, para não sermos pesados** ("a fim de não sermos uma carga", BV; cf. NTLH) **a nenhum de vós** (8).

Os missionários tinham o cuidado de evitar a acusação de serem parasitas ou aproveitadores. Mas, sobre este assunto, Paulo sempre salvaguardava o direito apostólico de sustento, embora, para o bem do evangelho, ele renunciasse o direito conscienciosamente. **Não porque não tivéssemos autoridade** (9; "não porque não tivéssemos esse direito", AEC, RA; cf. BJ, BV, CH, NTLH, NVI), **mas para vos dar em nós mesmos exemplo, para nos imitardes** ("mas para que nos tornássemos um modelo para ser imitado por vocês", NVI; quanto a **exemplo** [*typos*], ver comentários em 1 Ts 1.7; quanto à questão do trabalho do apóstolo em Tessalônica e os motivos envolvidos a esse respeito, ver comentários em 1 Ts 2.6,9). A força do argumento é que Paulo, o Apóstolo, tinha o direito de receber sustento. Mesmo assim, enquanto esteve entre eles, ele vivia à custa do fruto do seu trabalho. Muito mais deveriam os irmãos desordeiros trabalhar para ganhar a vida, já que eles não tinham o direito de receber sustento!

Um reforço adicional à ordem de se afastar dos desordeiros é a lembrança do ensino de Paulo anteriormente dado: **Porque, quando ainda estávamos convosco, vos mandamos isto: que, se alguém não quiser trabalhar, não coma também** (10). O texto deixa claro que se trata da recusa de trabalhar, e que o princípio orientador diz respeito a pessoas que se enquadram nisso: "Se alguém não quer trabalhar, também não coma" (RA). Não há como saber se Paulo está citando um dito bem conhecido ou se é declaração original sua. Essa regra não podia ser aplicada literalmente, exceto entre os pobres cujo pão diário dependia dos seus próprios labores, ou em uma sociedade com certa organização comunal. Talvez os preguiçosos estivem exigindo que a igreja os sustentasse. Ou quem sabe já estivessem sendo alimentados pela caridade de irmãos trabalhadores. Neste caso, era uma falsa bondade. Os vadios precisavam ser acareados com a dura natureza prática da vida e despertados de sua conduta irresponsável.

Trata-se de comentário interessante sobre a caridade cristã o fato de Paulo ter sido inflexível com os preguiçosos, mas mostrado compaixão a ponto de levar uma oferta aos necessitados da Judéia. Se estas medidas contra os desordeiros parecem indevidamente severas, não nos esqueçamos de que um fanatismo desenfreado como este teria destruído a igreja tessalonicense. O princípio permanente para nossa sociedade complexa é a tônica na responsabilidade compartilhada, confiança pessoal e dedicação ao dever. Estas são virtudes cristãs essenciais ao caráter santo.

Sem mencionar nomes, Paulo cita abertamente a razão de suas declarações francas: **Porquanto ouvimos que alguns entre vós andam desordenadamente** (ver comentários no v. 6), **não trabalhando, antes, fazendo coisas vãs** (11; "sendo intrometidos ao invés de se ocuparem", Moffatt). Em grego, há um jogo de palavras nas duas últimas frases: literalmente, "não trabalhando, mas trabalhando aqui e ali" (cf. "muito atarefados sem fazer nada", BJ), ou seja, empregando-se não lucrativamente ("não trabalhando, antes intrometendo-se na vida alheia", AEC; cf. BAB). Talvez sob o manto da empolgação religiosa concernente à volta do Senhor, os preguiçosos estavam se isentando de suas irresponsabilidades. Esta ociosidade acabava levando-os a se intrometer na vida das pessoas (cf. 1 Tm 5.13). O texto não fala como Paulo ficara sabendo disso, mas foi provavelmente por carta ou conversa de viajantes. Talvez essa conduta fosse comum entre os tessalonicenses não-convertidos (cf. At 17.5ss.). Robertson afirma: "Esses malandros teológicos eram muito 'espirituais' para trabalhar, mas estavam perfeitamente dispostos a comer na casa dos vizinhos enquanto ficavam à toa e gastavam o tempo na ociosidade".[5] Dificilmente há influência mais prejudicial à igreja do que a língua fofoqueira de um membro desocupado ou desembaraçado.

Agora pela primeira vez os preguiçosos são tratados diretamente, mas com evidente tato. Paulo os denomina de **esses tais** (12; "tais pessoas", BV, NVI; cf. BJ, RA). Ainda que Paulo use a palavra **mandamos** (12; cf. 6,10), ele a suaviza com a expressão: **E exortamos, por nosso Senhor Jesus Cristo** (ver comentários sobre esta expressão em 1 Ts 4.1). A ordem (**mandamos**) e o apelo (**exortamos**) são **que, trabalhando com sossego, comam o seu próprio pão** (cf. 1 Ts 4.11 e comentários ali). Alguém observou que aqui se aplica o velho ditado: "Menos barulho e mais trabalho!" Phillips traduziu desta maneira: "Que se ponham a trabalhar e comam o que conseguirem com seu próprio trabalho" (CH). Este apelo ao **sossego** ("tranqüilamente", BAB, BJ, NVI, RA) não tem, provavelmente, tanta referência a serem intrometidos quanto a serem inquietos, conduta que eles estavam promovendo na igreja.[6]

C. A Exigência de Firmeza e Bondade, 3.13-15

Tendo esboçado e encerrado a ação disciplinar necessária, Paulo volta a tratar da igreja como um todo para salvaguardar toda a situação. Há riscos na administração da disciplina da igreja, pouco importando quão necessária seja a ação. O perigo é que o espírito de quem administra a disciplina deixe de espelhar Cristo. Outro risco é que a disciplina fracasse em seu propósito e afugente, em vez de salvar, aqueles por quem Cristo morreu.

Como líder sábio, Paulo escreve: **E vós, irmãos, não vos canseis de fazer o bem** (13). Cansar-se significa "perder a coragem, enfraquecer, afrouxar, desanimar, esmorecer, desfalecer",[7] "hesitar, vacilar", "esgotar-se, fatigar-se".[8] **Fazer o bem** significa "fazer o certo",[9] ou "fazer a coisa justa ou honesta".[10] Talvez Paulo esteja dizendo: "Quaisquer que sejam as ações das pessoas, fazei vós a coisa certa; não deixeis que as pessoas que pareçam 'espirituais', mas, ao mesmo tempo, negligenciem os seus deveres, vos influenciem a negligenciar os vossos deveres". Paulo está reconhecendo tacitamente que lidar com esta situação é tarefa desanimadora e ingrata. Ele está incentivando os irmãos a não perder o ânimo por causa das atitudes orgulhosas ou desagradá-

veis daqueles a quem eles estão tentando ajudar. Além disso, eles têm de vigiar, em sua ação disciplinar, para não serem ásperos ou terem atitude descaridosa para com eles.

A despeito das repetidas advertências e ensinos contidos nesta carta e na primeira epístola — como bem no ministério pessoal de Paulo — há a possibilidade de alguns se recusarem a obedecer. Considerando que não é caso de mal-entendido, mas de flagrante arbitrariedade, o apóstolo está pronto a dar sua última palavra no assunto: **Mas, se alguém não obedecer à nossa palavra por esta carta** (14; "nesta carta", BJ, BV, CH, NTLH, NVI), **notai o tal** ("marquem-no bem", NEB; cf. NVI) **e não vos mistureis com ele** (14). **Vos mistureis com** é tradução de verbo grego que significa "vos mistureis junto". Paulo está dizendo: "Não vos associeis com ele" (AEC; cf. CH, NVI, RA), **para que se envergonhe** (14; quanto à obrigação da igreja acerca deste assunto, ver comentários no v. 6).

Até que ponto o indivíduo deve ser "marcado"? Publicamente? Por anotação mental? O texto não declara especificamente, mas a congregação o identificará como alguém que não está em boa situação. O tratamento não é tão severo como no caso do devasso em 1 Coríntios 5.9-13. A ordem ali é: "Excluam-no!" Não obstante, numa cidade pagã, estar sem companhia cristã seria suficientemente severo! É claro que continuar em amizade estreita com alguém que viola acintosamente as doutrinas e padrões da igreja é dar aprovação à sua conduta, ou pelos menos não desaprová-la.

O propósito desta disciplina não é mero castigo, mas a correção do ofensor. A idéia da raiz do verbo grego traduzido por **envergonhe** é "ter os pensamentos dobrados para dentro de si mesmo".[11] Levado, espera-se, a se ver como os outros (os que são pacientes e longânimos) o vêem, o ofensor irá, sob a convicção do Espírito Santo, se arrepender e ser restaurado à plena comunhão da fraternidade. Este fim desejado é mais facilmente alcançado se ele for apenas marcado deste modo, em vez de ser formalmente excluído.

O coração generoso e pastoral de Paulo fala nas palavras finais da subseção: **Todavia, não o tenhais como** ("não o considereis por", RA; cf. BAB, BJ, NVI) **inimigo, mas admoestai-o como irmão** (15). O *status* do ofensor deve ser protegido para que ele seja restaurado. A disciplina na qual se desenvolve hostilidade pessoal já fracassou. Ver o indivíduo **como irmão** significa que a reprovação não será dada por alguém que está em posição superior e olha para abaixo ao ofensor, mas por alguém que está no mesmo nível que este e, assim, pode falar com amor cristão. Os laços da verdadeira fraternidade em Cristo são muito reais e fortes. Tais laços não são quebrados facilmente. O amor é a chave para o sucesso na questão da disciplina da igreja.

Os quinze versículos anteriores podem ser esboçados sob o título: "Como Lidar com Membros da Igreja que Erram": 1) Pela oração, 1,2,5; 2) Por otimismo e motivação, 3,4; 3) Pelo exemplo pessoal, 7-10; 4) Pela pressão do sentimento da maioria, 6,14; 5) Por instruções pacientes e firmes, 12,15; 6) Pelo amor persistente, 15.

D. Conclusão e Bênção, 3.16-18

Esta carta, contendo diversas passagens bastante tempestuosas e duras, tem um final tranqüilo e encantador. **Ora, o mesmo Senhor da paz vos dê sempre** (16; "em todos os momentos", CH; cf. NVI; "continuamente", RA) **paz de toda maneira** ("em todas as circunstâncias", RA). O **Senhor da paz** é Cristo (cf. Jo 14.27; ver comentários

sobre o "Deus de paz" em 1 Ts 5.23). **Paz** é o dom de Deus pela graça (ver comentários sobre "paz" em 1 Ts 1.1), e o dom é dado somente em Cristo. É **paz** com Deus (Rm 5.1) e a **paz** de Deus (Fp 4.7). Nesta bela oração, Paulo entende que a **paz** de Cristo é inteiramente satisfatória. É ininterrupta e adequada; não dependente de circunstâncias variáveis. Paulo tem em mente as necessidades dos leitores, e a **paz** de Cristo é a resposta. Eles estão sofrendo perseguição e alguns podem ser martirizados; outros estão chorando os seus mortos; alguns deixam a preocupação se prender ao pensamento da volta do Senhor; eles estão inteirados do "mistério da injustiça"; outros estão com medo; eles têm o problema interno da disciplina. Sabendo destas circunstâncias, Paulo ora pela **paz** de Cristo. Ora também pela presença e comunhão de Cristo no meio da igreja: **O Senhor seja com todos vós** (16). O uso de **todos** é indireta de que ninguém deve ser excluído da oração, nem mesmo aqueles que foram ou venham a ser censurados por ociosidade (cf. 18).

É indubitável que Paulo estava ditando a carta a um estenógrafo ou amanuense. É seu costume ao término da carta (segundo prática vigente em sua época) tomar a pena do escriba e escrever uma saudação audaz de próprio punho: **Saudação da minha própria mão, de mim, Paulo** (17; "eu, Paulo, escrevo esta saudação com meu próprio punho", AEC; cf. NVI), **que é o sinal** ("a marca distintiva", NASB; cf. CH; "é este o sinal que distingue minhas cartas", BJ) **em todas as epístolas; assim escrevo** ("esta é a minha caligrafia", Weymouth; "esta é minha própria letra", BV; cf. BV). O costume era similar ao atual de assinar a carta digitada por secretária (cf. 1 Co 16.21; Gl 6.11; Cl 4.18). Talvez seja alusão à possibilidade de cartas forjadas (cf. 2.2), ou que os desordeiros negariam reconhecer a autenticidade da carta. Não há como saber se a caligrafia de Paulo começou no versículo 16, 17 ou 18, ou se se restringiu apenas ao versículo 17, visto que logicamente não temos a cópia original da carta. Paulo menciona suas outras cartas: **todas as epístolas**. Somente as epístolas que estão em nosso Novo Testamento é que nos foram preservadas, segundo a providência de Deus.

Esta carta termina como a Primeira Epístola aos Tessalonicenses, exceto que aqui a bênção contém a palavra **todos** (18).[12] A carta começa e termina com o conceito da **graça** (ver comentários em 1 Ts 1.1; 5.28). Do mesmo modo, a vida cristã começa, prossegue e termina pela **graça**.

Preciosa a graça de Jesus,
que um dia me salvou.
Perdido andei, sem ver a luz,
mas Cristo me encontrou.

Perigos mil atravessei
e a graça me valeu.
E são e salvo agora irei
ao santo lar do céu.[13]

Para Paulo, a **graça** de Deus, é livre, universal, todo-suficiente e extensiva pelos méritos expiatórios de **Jesus Cristo**. Como um pai amoroso e preocupado que está longe dos filhos, os quais estão enfrentando perigos desconhecidos, Paulo, nesta bênção, recomenda os seus amados tessalonicenses à guarda segura de Deus.

Notas

A SEGUNDA EPÍSTOLA AOS TESSALONICENSES

SEÇÃO I

[1]Frame, *op. cit.*, p. 223.

[2]Robertson, *op. cit.*, p. 43.

[3]*Ib.*

[4]Morris, *op. cit.*, p. 201 (nota de rodapé).

[5]Thayer, *op. cit.*, p. 63.

[6]Frame, *op. cit.*, p. 232.

[7]Denney, *op. cit.*, p. 295.

[8]Frame, *op. cit.*, p. 234.

[9]Denney, *op. cit.*, pp. 299-302.

[10]Moffatt, *op. cit.*, vol. IV, p. 46.

[11]Barclay, *Letters*, p. 244.

[12]Frame, *op. cit.*, p. 240.

[13]Bicknell, *op. cit.*, p. 70.

[14]Os melhores textos têm apenas "Senhor Jesus" (AEC, CH, NVI, RA) no lugar de **Senhor Jesus Cristo** (1.12; ACF, BAB, BJ, BV, RC).

SEÇÃO II

[1]Frame, *op. cit.*, p. 245.

[2]Morris, *op. cit.*, p. 215.

[3]Frame, *op. cit.*, p. 246.

[4]Bicknell, *op. cit.*, p. 74.

[5]Frame, *op. cit.*, p. 251.

[6]Morris, *op. cit.*, p. 219.

[7]Barclay, *op. cit.*, p. 245.

[8]Bicknell, *op. cit.*, p. 74.

[9]Erdman, *op. cit.*, p. 86.

[10]Ockenga, *op. cit.*, pp. 273ss.

[11]Hendriksen, *op. cit.*, pp. 169, 170.

[12]Mason, *op. cit.*, p. 137.

[13]Robertson, *op. cit.*, p. 49.

[14]Wuest, *op. cit.*, p. 62. Os argumentos estão nas pp. 57, 58.

[15]Morris, *op. cit.*, p. 224.

[16]Robertson, *op. cit.*, p. 51.

[17]Morris, *op. cit.*, p. 226.

[18]Ockenga, *op. cit.*, p. 289.

[19]Muitas traduções seguem os manuscritos gregos que, no lugar de **Senhor** (2.8), têm "Senhor Jesus" (BAB, BV, CH, NTLH, NVI, RA).

[20]A escolha entre **desfará** (2.8) e "matará" origina-se do uso de duas palavras diferentes nos manuscritos gregos.

[21]Thayer, *op. cit.*, p. 245.

[22]Bicknell, *op. cit.*, p. 78.

[23]Cf. William Neil, *op. cit.*, pp. 132ss.

[24]O termo grego *ap'arches*, **desde o princípio** (2.13), tem uma leitura alternativa muito bem atestada, a qual envolve a mudança de apenas uma letra. É *aparchen* ("como primeiros frutos"; cf. CH, NTLH, NVI, nota de rodapé), e tem a predileção de certos expositores.

[25]O termo grego *pneumatos* (2.13; **Espírito**) pode significar o espírito humano (cf. ACF), mas considerando que a santificação também inclui o corpo (cf. 1 Ts 5.23) é mais razoável fazer a palavra se referir ao Espírito Santo como o Santificador.

[26]Ockenga, *op. cit.*, pp. 295, 296.

[27]Thayer, *op. cit.*, pp. 481ss.

[28]Robertson, *op. cit.*, p. 54.

[29]Os textos melhores têm a ordem inversa de **palavra e obra** (2.17; cf. ACF, RC): "obra e palavra" (cf. AEC, BAB, NVI, RA).

SEÇÃO III

[1]Barclay, *Letters*, p. 250.

[2]*Ib.*, p. 251.

[3]Em 3.6, os melhores textos gregos têm "vós recebestes" (BAB; cf. RA) ou "eles receberam" (cf. NTLH) e não [ele] **recebeu** (AEC, RC). A maioria das traduções modernas favorece a leitura "vós" ou "vocês" (cf. BV, CH, NVI, RA).

[4]Barclay, *Letters*, p. 252.

[5]Robertson, *op. cit.*, p. 60.

[6]Bicknell, *op. cit.*, p. 94.

[7]Robertson, *loc. cit.*

[8]Frame, *op. cit.*, p. 308.

[9]*Ib.*

[10]Robertson, *loc. cit.*

[11]*Ib.*, p. 61.

[12]O "amém" litúrgico não ocorre nos melhores textos gregos (3.18; consta na ACF).

[13]"Preciosa a Graça de Jesus", *Hinário para o Cantor Cristão*, nº 314, estrofes 1 e 4. Letra em inglês de John Newton e em português da Comissão do HCC (estrofe 1) e de João Wilson Faustini (estrofe 4) (São Paulo: Bompastor, 2003, 3.ª reimpressão).

Bibliografia

A PRIMEIRA E A SEGUNDA EPÍSTOLA AOS TESSALONICENSES

I. COMENTÁRIOS

AUBERLEN, C. A. e RIGGENBACH, C. J. "The Two Epistles of Paul to the Thessalonians." *Lange's Commentary on the Holy Scriptures*, Vol. XI. Traduzido para o inglês por John Lillie. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1960 (nova tiragem).

BAILEY, John W. e CLARKE, James W. "The First and Second Epistles to the Thessalonians." *The Interpreter's Bible*. Editado por George A. Buttrick *et al.*, Vol. XI. Nova York: Abingdon Press, 1955.

BARCLAY, William. "The Letters to the Philippians, Colossians and Thessalonians." *The Daily Study Bible*. Edimburgo: The Saint Andrew Press, 1959.

BICKNELL, E. J. "The First and Second Epistles to the Thessalonians." *The Westminster Commentaries*. Londres: Methuen & Company, Limited, 1932.

BUCKLAND, A. R. *St. Paul's First Epistle to the Thessalonians: A Devotional Commentary*. Londres: The Religious Tract Society, 1906.

CLARKE, Adam. *The New Testament of Our Lord and Saviour Jesus Christ*, Vol. II. Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, s.d.

DENNEY, James. "The Epistles to the Thessalonians." *The Expositor's Bible*. Londres: Hodder & Stoughton, 1892.

ERDMAN, Charles R. *The Epistles of Paul to the Thessalonians: An Exposition*. Filadélfia: The Westminster Press, 1935.

FRAME, James Everett. "A Critical and Exegetical Commentary on the Epistles of St. Paul to the Thessalonians." *The International Critical Commentary*. Edimburgo: T. & T. Clark, 1912.

GLOAG, P. J. "I and II Thessalonians" (Exposition). *The Pulpit Commentary*, Vol. XXI. Editado por H. D. M. Spence e Joseph S. Exell. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1950 (nova tiragem).

HENDRIKSEN, William. *New Testament Commentary: Exposition of I and II Thessalonians*. Grand Rapids: Baker Book House, 1955.

HENRY, Matthew. *An Exposition of the New Testament*. Londres: Thomas Nelson, s.d.

MASON, A. J. "The Epistles to the Colossians, Thessalonians, and Timothy." *Layman's Handy Commentary*. Editado por Charles J. Elliott. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1957.

MILLIGAN, George. *St. Paul's Epistles to the Thessalonians*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1952 (nova tiragem).

MOFFATT, James. "The First and Second Epistles to the Thessalonians." *The Expositor's Greek Testament*. Editado por W. Robertson Nicoll. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1951.

MORRIS, Leon. "The First and Second Epistles to the Thessalonians." *The New International Commentary on the New Testament*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1959.

NEIL, William. "St. Paul's Epistles to the Thessalonians." *Torch Bible Commentaries*. Nova York: The Macmillan Company, 1957.

ROBERTSON, Archibald Thomas. *Word Pictures in the New Testament*, Vol. IV. Nova York: Harper & Brothers, 1931.

VINCENT, Marvin R. *Word Studies in the New Testament*, Vol. IV. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1946.

WESLEY, John; CLARKE, Adam; HENRY, Matthew and Others. *One Volume New Testament Commentary*. Grand Rapids: Baker Book House, 1957.

WESLEY, John. *Explanatory Notes upon the New Testament*. Londres: Epworth Press, 1941 (nova tiragem).

II. OUTROS LIVROS

BARCLAY, William. *The Mind of St. Paul*. Nova York: Harper & Row, Publishers, 1958.

GOODWIN, Frank J. *A Harmony and Commentary on the Life of St. Paul*. Grand Rapids: Baker Book House, 1951.

MILLER, Adam W. *An Introduction to the New Testament*. Anderson, Indiana: The Warner Press, 1943.

OCKENGA, Harold J. *The Church in God*. Westwood, Nova Jersey: Fleming H. Revell Company, 1956.

RAMSAY, William Mitchell. *St. Paul the Traveller and the Roman Citizen*. Londres: Hodder & Stoughton, 1920.

THAYER, Joseph H. *Greek-English Lexicon of the New Testament*. Nova York: American Book Company, 1889.

TRENCH, Richard C. *Synonyms of the New Testament*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1948 (nova tiragem).

WILEY, H. Orton. *Christian Theology*, 3 Vols. Kansas City: Nazarene Publishing House, 1940.

WUEST, Kenneth S. *Wuest's Expanded Translation of the Greek New Testament: Philippians Through the Revelation*, Vol. III. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1959.

III. ARTIGOS

HENDRIKSEN, William. "I Thessalonians." *Christianity Today*, I, nº 17 (27 de maio de 1957), pp. 27, 33.

WALVOORD, John F. "II Thessalonians." *Christianity Today*, II, nº 4 (25 de novembro de 1957), pp. 33, 37, 38.

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

O *Comentário Bíblico Beacon* traz uma interpretação abrangente da Bíblia Sagrada elaborada por 40 teólogos evangélicos conservadores. São 10 volumes, cinco para o Antigo Testamento e cinco para o Novo.

Em cada livro bíblico são comentados versículos de forma expositiva, exegética e sempre com uma sugestão homilética, o que torna o *Beacon* particularmente útil para pregadores e professores da Escola Dominical. Mas também ele tem uma característica devocional que faz dele uma obra cativante e indispensável a todos os crentes que desejam estudar a Palavra de Deus.

Beacon tem erudição teológica, todavia num tom equilibrado na sua interpretação e no seu objetivo inspiracional. Seu formato é atraente e prático.

Seus comentaristas e editores acreditam que esta obra é de grande valor para todos que buscam descobrir as verdades profundas da Palavra de Deus, que "subsiste eternamente".

9

Gálatas a Filemom

R. E. Howard
Willard H. Taylor
John A. Knight
John B. Nielson
Arnold E. Airhart
J. Glenn Gould

ISBN 85-263-0693-6

9 788526 306936

REFERÊNCIA / COMENTÁRIO